



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOSÉ JÚLIO FORTES

**Credibilidade do Cristianismo no *Adversus
haereses* de Ireneu de Lião**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Isidro Pereira Lamelas

**Lisboa
2014**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais:
Júlio César e Maria do Rosario

Aos meus irmãos:
César, Ana e Margarida

Aos meus sobrinhos:
Júlio César e Diego Tomás

ÍNDICE

SIGLAS E ABREVIATURAS.....	4
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I - IRENEU NO SEU CONTEXTO	10
1.1 Situação eclesial	10
1.2 Vida e Obra de Ireneu	15
1.2.1 Vida.....	16
1.2.2 Obra.....	18
A) Transmissão do texto	20
B) Adversus haereses	21
C) Demonstração da pregação Apostólica	25
CAPÍTULO II - A CRISTOLOGIA GNÓSTICA	29
2.1 Os gnósticos segundo Santo Ireneu.....	29
2.1.1 Simão, o mago.....	31
2.1.2 Saturnino e Basíledes.....	33
2.1.3 Valentim.....	35
2.1.4 Marcos.....	39
2.1.5 Carpócrates e Cerinto.....	42
2.1.6 Marcião	46
2.2 A “Verdadeira gnose”	49
2.2.1 Tradição Apostólica / Escritura / “Regra da fé” / Igreja	50
A) Tradição Apostólica.....	50
B) Escritura	51
C) “REGRA DA FÉ”	52

D) IGREJA.....	55
2.2.2 Critério da caridade.....	56
CAPÍTULO III - A CREDIBILIDADE DO CRISTIANISMO.....	62
3.1 Manifestação do mistério de Deus na História.....	63
3.1.1 A economia global (unidade da Revelação Divina).....	63
3.1.2 Unidade da acção da Trindade.....	66
3.1.3 Verbo eterno.....	70
3.1.4 Verdade do Verbo encarnado.....	74
3.2 Universalidade da recapitulação do Verbo de Deus.....	79
3.2.1 Sujeito da recapitulação.....	80
3.2.2 Objecto da recapitulação.....	82
A) Recapitulação de toda a criação.....	83
B) Recapitulação do homem.....	85
3.3 A credibilidade da verdade cristológica: Igreja de Cristo.....	90
3.3.1 A apostolicidade da Igreja.....	90
3.3.2 Critério da Tradição e Sucessão.....	94
3.3.3 Critério da Escritura.....	98
3.3.4 A Igreja enquanto lugar da verdade.....	103
CONCLUSÃO.....	109
BIBLIOGRAFIA.....	112

SIGLAS E ABREVIATURAS

1. Bíblicas

Act	Actos dos Apóstolos
Cl	Carta aos Colossences
Ef	Carta aos Efésios
Ex	Êxodo
Gn	Génesis
Heb	Carta aos Hebreus
Is	Isaías
Fl	Carta aos Filipenses
Jo	Evangelho segundo São João
Lc	Evangelho segundo São Lucas
Mt	Evangelho segundo São Mateus
Pr	Provérbios
Rom	Carta aos Romanos
Sl	Livro dos Salmos
1Cor	Primeira Carta aos Coríntios
2Tm	Segunda Carta a Timóteo

2. Outras

Adv. haer.	IRENEU DE LIÃO, Adversus haereses
BAC	Biblioteca de los Autores Cristianos
Cf.	Conferir
d.C	Depois de Cristo
DPAC	ANGELO DI BERARDINO (ed), Dicionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana
Ed.	Edição
Hist. Ecl.	EUSÉBIO DE CESAREIA, História Eclesiástica
Pr	Prefácio
SC	Sources Chrétiennes
Vol.	Volume

INTRODUÇÃO

Ao contrário do que se pensou no passado, o cristianismo nasceu e viveu anos de auto-definição e consolidação sob o signo do debate e da diversidade de interpretações e vivências. Desde a primeira hora, surgiram, de facto, formas divergentes e até dissidentes face à interpretação predominante da “Grande Igreja”.

Desde cedo se colocou, por isso o problema da credibilidade da proposta “dominante”, isto é, da interpretação “ortodoxa”. Na verdade, não bastava afirmar qual era a “verdadeira fé”, ou a “verdadeira tradição”, ou a “verdadeira gnose”; havia que demonstrá-lo. Esta foi a grande empresa de Ireneu.

No nosso trabalho, a que demos o título *Credibilidade do Cristianismo no Adversus haereses de Ireneu de Lião* iremos procurar estudar a forma como Ireneu defendeu o cristianismo, tal como propunha a “Grande Igreja” face à cultura gnóstica. A fonte fundamental da nossa dissertação é pois o próprio Ireneu de Lião, com a sua magna obra *Adversus haereses*¹.

Ireneu é uma importantíssima figura do cristianismo primitivo, um dos primeiros teólogos, no verdadeiro sentido do termo. Podemos dizer que foi “forçado” a desenvolver a sua teologia para responder à “falsa gnose”, como ele próprio designa os defensores de uma interpretação da fé cristã em chave gnóstica e julgada, como tal, mais credível. Neste contexto, Ireneu apresenta Jesus Cristo como a única fonte da verdade, porque é Ele quem nos dá a conhecer o Pai. Doutra forma, não era possível conhecer a verdade imutável de Deus. E só esta verdade revelada em Cristo é digna de fé.

¹ No decurso deste trabalho, a obra *Adversus haereses* será sempre identificada, em todas as citações, com a abreviatura *Adv. haer.*

Desenvolvendo o tema enunciado *Credibilidade do cristianismo no Adversus haereses em Ireneu de Lião*, vamos procurar apresentar o método e as respostas que o bispo de Lião dá às heresias gnósticas na defesa do “tesouro apostólico”.

O nosso trabalho desenvolver-se-á em três capítulos:

- O primeiro capítulo, intitulado *Ireneu no seu contexto*, procurará situar Ireneu e a sua obra no seu tempo e ambiente histórico-religioso. Desse modo, podemos compreender melhor o homem que ele foi e também perceberemos o significado da sua obra e da sua teologia. Procuraremos mostrar que a circunstância em que Ireneu viveu influenciou muito a sua forma de pensar e agir. Também viu a “Grande Igreja” ser constantemente atacada pelas heresias gnósticas, através das quais os seus adversários punham em causa a credibilidade da verdade revelada em Cristo, o Verbo de Deus.

- No segundo capítulo, debruçar-nos-emos sobre a *crisologia gnóstica*. Este capítulo está em consonância com a primeira parte da obra de Ireneu: livros I e II do *Adv. haer.* Tal como ele, que estudou e aprofundou o conhecimento sobre as heresias gnósticas do seu tempo, também nós, neste capítulo, nos propomos apresentar a partir do que nos diz Ireneu, a *crisologia gnóstica* de uma forma sucinta. Conhecer para refutar é um método da oratória que muitos oradores da mesma época utilizavam, sobretudo na filosofia. Como iremos perceber, Ireneu além de estudar as heresias do seu tempo, procura conhecer bem os seus autores, os seus seguidores e as suas ideias. Segundo ele, se as heresias têm origem nos homens, as mesmas não são dignas de credibilidade.

O terceiro e último capítulo é dedicado à análise da resposta que o bispo de Lião dá à “falsa gnose”, em defesa da *regula fidei*. As doutrinas do gnosticismo acerca do Verbo de Deus não têm nenhuma credibilidade, uma vez que surgiram depois dos Apóstolos. Ireneu responde aos gnósticos com o próprio Cristo. Jesus Cristo é digno de crédito, porque é Ele, o Verbo de Deus feito homem que nos dá a conhecer o Pai. Veremos como a credibilidade

de Cristo tem continuidade na “Grande Igreja” com os bispos sucessores do colégio apostólico. Daí que, para Ireneu, a Igreja seja o garante do “tesouro apostólico”, isto é, da “verdadeira gnose” que tem origem em Jesus Cristo, o Verbo de Deus, e não no gnosticismo, que deturpa a verdade revelada.

O nosso trabalho não conseguirá disfarçar as dificuldades que experimentámos de entrar no pensamento de Ireneu e dos seus adversários, tanto mais que não tivémos acesso à sua língua - o grego -, uma vez que o texto original se perdeu, língua do “textus receptus” do *Adv. haer.*

Mesmo assim, valeu bem este exercício, que nos propomos continuar na senda de Ireneu, para darmos razões fundamental da nossa fé.

«Não procures em nós, que vivemos entre os celtas, e que na maior parte do tempo usamos uma língua bárbara, nem a arte da palavra, que nunca aprendemos, nem a habilidade do escritor em que nunca nos exercitámos, nem a elegância da expressão, nem a arte de convencer, que desconhecemos. Mas, na verdade, na simplicidade, aceitarás com amor o que com amor foi escrito e desenvolvê-lo-ás por tua conta, visto que és muito mais capaz do que nós... E assim, ao responder ao teu desejo, já antigo, de conhecer as doutrinas deles, não somente nos esforçamos por manifestar-te, mas também por fornecer-te os meios para demonstrar a sua falsidade»

(IRENEU, *Adv. haer.*, I, Pr.,3)

CAPÍTULO I - Ireneu no seu contexto

Ireneu é um dos autores patrísticos que mais nos ajuda a compreender os acontecimentos da Igreja no século II. Desde criança pôde desfrutar de uma ligação muito próxima com o ambiente apostólico, através do bispo Policarpo de Esmirna, discípulo de São João. Tal circunstância faz dele um testemunha autorizado da tradição apostólica e grande defensor da mesma.

Uma vez que a obra e o pensamento de Ireneu só se compreende se inseridos no seu contexto histórico e eclesial, neste primeiro capítulo, para um melhor conhecimento do autor, faremos o seu enquadramento eclesial, sem esquecer a situação sociopolítica em que viveu.

1.1 Situação eclesial

A idade em que Ireneu elaborou a sua obra e a sua teologia, corresponde a uma nova etapa na vida da Igreja: a passagem da idade apostólica e pos-apostólica à situação de uma Igreja já difundida por boa parte do império. Esta nova face será, por isso marcada pelas diversas propostas de interpretação do legado apostólico. Compreende-se assim, que neste

novo contexto a autoridade apostólica garantida pelos testemunhos directos tenham dado lugar à autoridade da “tradição apostólica”².

É a época dos apologistas, na sequência dos quais se situa o bispo de Lião, e que deram um passo importante em relação aos seus antecessores, os Padres Apostólicos. De facto, os apologistas gregos do século II perceberam que não bastava expor a “Regra da fé” aos membros das comunidades, cada vez mais compostas de crentes provenientes das classes cultas e filhos da cultura helenista. Tal contexto, obrigou a expôr a fé recorrendo à argumentação racional e a conceitos comuns da cultura dominante. Com a extensão da vida pública da Igreja, a fé da mesma era confrontada com um ambiente hostil. A grande ameaça não vinha agora, porém, só de fora da Igreja, mas do seio do próprio cristianismo por mão dos grupos gnósticos. Por isso, era preciso defender a fé recebida dos Apóstolos³.

Nesta época conturbada da história da Igreja era urgente manter a fé e a unidade comum nas diversas Igrejas particulares, mas era ainda mais urgente defender a integridade da fé enunciada na *regula fidei* ou *regula veritatis*. Somente as Igrejas fundadas pelos Apóstolos podem servir de apoio para ensinar fé e dar um verdadeiro testemunho, porque é nelas que encontramos uma sucessão ininterrupta dos bispos que garantem a verdade⁴.

No tempo de Ireneu, o império Romano desenvolvera-se e atingira o seu apogeu. Os Flávios estabilizaram o império e definiram a sua orientação⁵. Já os Antoninos, com uma longa continuidade no poder, proporcionaram ao império uma era de paz nos anos de 98 a 192. O imperador Adriano estabeleceu as fronteiras do império, romanizando as regiões

² Cf. MIREILLE BAUMGARTNER, *A Igreja no ocidente: das origens às reformas no século XVI*, Edições 70, Lisboa, 2001, 61.

³ Cf. HUBERT JEDIN, *Manual de Historia de la Iglesia*, I, Editorial Herder, Barcelona, 1966, 269.

⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 3,1: «Traditionem itaque apostolorum in toto mundo manifestatam in omni Ecclesia adest perspicere omnibus qui vera velint lidere, et habemus adnumerare eos qui ab apostolis instituti sunt episcopi in Ecclesiis et successores eorum usque ad nos, qui nihil tale docuerunt neque cognouerunt quale ad his deliratur» (SC 211, 30).

⁵ Cf. J. LEBRETON – JACQUES ZEILLER, *Histoire de L'Église*, Bloud e Gay, Paris, 1941, 299-300.

sob a alçada do poder Romano⁶. Com isto, a sociedade desenvolvera-se, tornara-se menos rígida, as províncias ficavam mais livres e desenvolvidas. Porém, a administração, apoiada numa importante burocracia, é rigorosa. A vida na urbe é muito organizada e as relações sociais são activas; há numerosas manifestações culturais e a arte encontra um ambiente apropriado para se desenvolver. É um período de grande prosperidade no Império. Sob o aspecto político, o mundo romano era um grande *oikouméne*, ligado por uma rede admirável de estradas. A unidade da língua tornava possível fazer-se compreender em qualquer parte. Esta unidade imperial levou a que, na segunda metade do século II, o número dos cristãos e das comunidades aumentasse consideravelmente, sobretudo no Oriente e em África. A Itália deixa de ser a região principal, embora Roma continue a ser a cidade mais importante do império, a sua capital⁷.

Por seu lado, o aumento do número de comunidades obrigou a uma melhor organização da vida eclesial. Cada comunidade tem um bispo cuja presença é indispensável para os sacramentos de iniciação e para presidência da partilha do Pão eucarístico. Rodeado do colégio dos presbíteros e dos diáconos, vivê colegialmente os problemas de maior vulto⁸.

A paz que os cristãos viviam nesta época é muito instável. A norma vigente desde o imperador Trajano consistia em não procurar os cristãos para os condenar, mas, se fossem acusados e perseverassem na sua fé, deviam ser castigados. Os sucessivos imperadores tinham esta lei como base, muito embora uns actuassem com maior severidade do que outros. Nesse tempo, os cristãos eram acusados de muitos crimes: imoralidades, ateísmo, sacrilégios, infanticídios e homicídios. Estas calúnias levantaram tumultos populares e alguns governadores provinciais procederam com arbitrariedade e rigor exagerado. Os

⁶ Cf. J. LEBRETON – JACQUES ZEILLER, *Histoire de L'Église*, 310-312.

⁷ Cf. MIREILLE BAUMGARTNER, *A Igreja no ocidente*, 61-63.

⁸ Cf. MIREILLE BAUMGARTNER, *A Igreja no ocidente*, 65.

cristãos eram proibidos de entrar em edifícios oficiais e frequentarem praças públicas e, muitas vezes, eram arrastados desses locais para interrogatórios e, de seguida, encarcerados⁹.

Para além das perseguições, a Igreja sofria internamente a ameaça das heresias que punham em risco a integridade da fé e a coesão das comunidades¹⁰. Estas perturbavam talvez mais a Igreja do que as perseguições periódicas e quase sempre localizadas numa parte do império. De entre todas essas ameaças internas à Igreja ou mesmo intrínsecas ao próprio cristianismo, não há dúvida de que a mais séria foi constituída pelo gnosticismo, ou pelos “gnosticismos”, já que este se exprimiu em diversas escolas ou seitas.

Das heresias da época, o gnosticismo é, por outro lado, a mais complexa, sobretudo porque não se apresentava como um inimigo ou adversário declarado da “Grande Igreja”. O gnosticismo cristão nascido no primeiro século tinha a forma de um movimento sincretista. Composto na sua base de elementos filosófico-religiosos, era uma mistura do dualismo oriental, com ideias religiosas do judaísmo tardio e com certos traços da revelação cristã¹¹.

Para além do gnosticismo, o bispo de Lião enfrentou várias correntes heterodoxas, das quais se destacam:

- O Docetismo, doutrina surgida nos finais do século I. Afirmava que Jesus Cristo tinha uma carne aparente e, portanto, não corpórea, ou real. A justificação consistia em que a matéria era algo intrinsecamente mau, pelo que Jesus Cristo só podia ter um corpo aparente. A doutrina

⁹ Cf. HUBERT JEDIN, *Manual de Historia de la Iglesia*, I, 253-255.

¹⁰ Cf. DAVID BRAKKE, *Los Gnósticos*, Sígueme, Salamanca, 2013, 21.

¹¹ Cf. A. GALLI - D. GRANDI, *História da Igreja*, Edições Paulinas, Lisboa, 1964², 51; HUBERT JEDIN, *Manual de Historia de la Iglesia*, I, 282-283.

opunha-se, pois, quer à encarnação quer à morte onde Cristo apenas sofreu aparentemente quer à ressurreição¹²;

- O Montanismo: Movimento de caris ascético-espiritual que nasce com Montano, profeta na Frígida, por volta dos anos 155-160. Este afirmava que o Espírito Santo falava pela sua boca e que, na sua pessoa se revelava o Paráclito prometido: «o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há-de recordar-vos tudo o que Eu vos disse» (Jo 14,26.16,7). Por isso, o montanismo é um movimento profético carismático, que assume um conceito de Igreja extremamente “espiritual”. Os seus discursos inspirados são pronunciados em estado de exaltação mística. Os montanistas não aceitavam nenhuma autoridade eclesiástica, apenas a do Espírito que falava por eles. Daí exigem uma fé incondicional e uma estrita observância às suas ordens. A doutrina dos Montanistas ensinava que o mundo iria acabar depressa e por isso, exortavam a penitências rigorosas. Afastavam-se dos costumes introduzidos nas comunidades cristãs, exercitando-se com uma mortificação intensa e recusavam o matrimónio. Os membros desta seita deviam estar sempre dispostos ao martírio e até procurá-lo. No seu rigorismo estreito defendiam que os pecados capitais (homicídio, adultério, apostasia) não podiam ser perdoados. Este movimento propagou-se muito no Oriente¹³;

- O Milenarismo é uma doutrina muito difundida no cristianismo dos primeiros séculos. Os seus adeptos defendiam o juízo final e o fim do mundo, onde teria lugar uma primeira ressurreição só dos justos, que, num espaço de mil anos, gozariam junto com Cristo de plena felicidade e grande abundancia de todos os bens, na Jerusalém celeste descida sobre a terra. Este movimento esteve mais aceso no seio de uma boa parte dos

¹² Cf. B. STUDER, “Docetismo”, in ANGELO DI BERARDINO, DPAC, I, Sigueme, Salamanca, 1991, 624-625.

¹³ Cf. B. ALAND, “Montano, Montanismo”, in DPAC, II, 1475-1476; BERNARDINO LLORCA, *Manual de História Eclesiástica*, I, Edições ASA, Porto, 1960, 76-77.

cristãos, para os quais a vinda de Cristo estava iminente, tendo em conta as perseguições que estavam a ser levadas a cabo pelo Império Romano. O Milenarismo alimentava a esperança de que, no fim dos tempos, Cristo irá vencer o Anticristo, aparecendo corporalmente na terra, numa segunda vinda, para instaurar na terra um reinado de mil anos com todos os justos ressuscitados. Mas, terminados esses mil anos de reinado, virá Satanás como o seu exército para combater o reino de Cristo neste mundo. Neste combate último, Satanás será derrotado, sucedendo-se, então, o fim do mundo e, de seguida, a ressurreição de todos. O fundamento desta interpretação foi sempre o trecho do Livro do Apocalipse (20, 1-10)¹⁴.

1.2 Vida e Obra de Ireneu

Ao tratarmos a vida do bispo de Lião, deparamo-nos com a dificuldade em precisar as datas mais relevantes do seu percurso biográfico. De facto, a fonte principal continua a ser a sua própria obra, a qual nos remete para o contexto histórico e eclesial que condicionou toda a sua obra e pensamento.

Ireneu teve, desde criança, uma ligação forte com o ambiente “apostólico” e a “Tradição apostólica”, nomeadamente através do bispo Policarpo de Esmirna, discípulo de São João¹⁵. Este facto é de suma importância para compreendermos o seu apego à Tradição apostólica e a firmeza com que expõe a teologia da mesma.

¹⁴ Cf. M. SIMONETTI, “Milenarismo”, in DPAC, II, 1442-1443; J. GÓMEZ, *Historia de la Iglesia: Edad Antigua*, I, BAC, Madrid, 2001, 208-209.

¹⁵ Cf. A. HAMMAN, *Os Padres da Igreja*, Edições Paulinas, São Paulo, 1985², 38.

Quanto à sua obra, da qual apenas chegou até nós uma parte, muito haveria a dizer. Exporemos, contudo, o essencial da mesma para melhor a inserirmos na vida e ação de Ireneu em defesa da fé e consolidação da “Grande Igreja”. Na verdade, toda a sua obra é dedicada à defesa do “tesouro apostólico” e da revelação cristã.

1.2.1 Vida

Como dissemos, boa parte dos dados biográficos daquele que pode ser considerado o primeiro “teólogo” cristão¹⁶ procedem dos seus escritos, incluindo a carta que ele escreveu ao presbítero romano Florino, a qual chegou até nós através da *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia¹⁷. Através desta carta, podemos verificar a forte ligação que o bispo de Lião teve com o ambiente apostólico e os chamados “presbíteros”, contemporâneos e sucessores dos Apóstolos¹⁸. Dirigindo-se a Florino, seu amigo de infância que entretanto aderira à heresia do montanismo, Ireneu recorda:

«Eu conheci-te quando era ainda rapaz, na Ásia inferior, em casa de Policarpo. Tu eras na altura uma pessoa de grande categoria na corte imperial e procuravas ter uma boa relação com ele. As coisas de então, recordo-as melhor do que as recentes, pois aquilo que se aprende na infância forma um todo na nossa vida e desenvolve-se e cresce com ela. Eu poder-te-ia dizer ainda o lugar onde o bem-aventurado Policarpo costumava sentar-se para nos falar, e como introduzia os temas; como falava das íntimas relações mantidas com João e os outros que tinham visto o Senhor; ele recordava-nos as palavras e factos por eles presenciados, relativos ao Senhor, à sua doutrina e milagres.

¹⁶ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión: Demostración de la predicación apostólica*, Madrid: Ciudad Nueva 2001², 15; JOHANNES QUASTEN, *Patrologia: Hasta el concílio Nicea*, I, BAC, Madrid, 1978³, 287.

¹⁷ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 15.

¹⁸ Cf. PEDRO A. TALAVERA, *La Metodología Teológica de Ireneu de Lyon*, Albada, Barcelona, 1997, 86; A. HAMMAN, *Os Padres da Igreja*, 38.

Tudo isto Policarpo tinha recebido precisamente dos testemunhos oculares da vida do Verbo. E anunciava-o em total harmonia com as Escrituras»¹⁹.

Como podemos constatar neste trecho, o bispo de Lião relata-nos um pouco de como foi a sua infância. Apenas uma geração o separa do Apóstolo João. Ireneu sente a necessidade de chamar os outros, que viveram a mesma experiência na infância, ao verdadeiro ensinamento da Igreja²⁰.

Não se conhece com exactidão a data do seu nascimento, o qual deverá ter ocorrido entre os anos 130 e 140. A sua terra natal situa-se na Ásia Menor, devendo ter nascido, provavelmente, na cidade de Esmirna²¹, uma vez que na sua carta ao Florino, como vimos, diz que, durante o seu tempo de rapaz, frequentara a escola de Policarpo de Esmirna, discípulo do Apóstolo São João, circunstância que demonstrou ser muito importante na sua conduta e na sua doutrina. Assim, Ireneu teve o privilégio de contactar com a Tradição diretamente oriunda dos Apóstolos, o que explica o seu compromisso e zelo para com a “Tradição Apostólica” de que se faz um acérrimo defensor. Em vários pontos da sua obra, o bispo de Lião mostra-nos²² a veneração pela Sagrada Tradição e pela Sagrada Escritura transmitida pelos antigos presbíteros «para que tenhamos como maior exemplo da solícitude, aqueles antigos e realmente sagrados varões como melhor exemplo de solícitude digníssima»²³.

Em Roma, foi mediador numa questão relacionada com o Montanismo. Logo que regressou de Roma a Lião, foi ordenado bispo desta cidade, no lugar do mártir S. Potino,

¹⁹ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, I, V, 20, 5-6, BAC, Madrid, 1973, 325-326.

²⁰ Cf. A. HAMMAN, *Os Padres da Igreja*, 38.

²¹ Cf. CÉSAR VIDAL. M, “Ireneo”, in *Diccionario de Patrística*, Verbo Divino, Estella, 1993, 122.

²² Cf. A. HAMMAN, *Os Padres da Igreja*, 38; EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 14-15; ANTONIO ORBE, “Ireneu de Lyon”, in DPAC, I, 1098.

²³ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, I, V, 20,3, (BAC, 325).

que morrera aos 90 anos de idade, vítima das perseguições²⁴. Graças a esta missão, Ireneu pôde escapar à perseguição desencadeada por Marco Aurélio que vitimou muitos cristãos da Igreja de Lião, entre os quais o seu bispo Potino²⁵.

A respeito da querela com os bispos da Ásia Menor acerca da data da celebração da Páscoa, Ireneu sentiu-se ainda na necessidade de exortar o Papa à paciência e à compreensão. Tomou, a iniciativa de escrever uma carta, quer aos bispos, quer a Victor, exortando-os à paz²⁶. É neste cenário da controvérsia acerca da data da Páscoa, que temos as últimas anotações da sua vida. Até S. Jerónimo (347-419) não se sabia a data da morte de S. Ireneu de Lião. Atualmente a mesma é calculada entre os anos 202 e 203, no tempo da perseguição de Septímio Severo²⁷.

1.2.2 Obra

Ireneu, como todos os outros pensadores e teólogos, é filho do seu tempo e das circunstâncias que marcaram a sua vida, sobretudo porque, enquanto pastor, lhe coube viver num momento decisivo da história da Igreja e da cultura ocidental. Na verdade, os séculos II e III ficarão marcados pelo grande confronto entre dois mundos, duas culturas e duas formas de conceber a vida: de um lado o velho mundo e cultura greco-romanas, do outro a nova religião cristã, herdeira da antiga tradição judaica. O gnosticismo não é senão

²⁴ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, I, V, 1-2, (BAC, 325); L'ABBÉ FREPPEL, *Saint Irémée*, Libraire Éditeur, Paris, 1861, 150-151.

²⁵ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, I, V, 1,29-31, (BAC, 274); ERNEST RENAN, *Histoire des Origines du Christianisme*, Robert Laffont – Le Club Français du Livre, Paris, 1970, 734.

²⁶ A. HAMMAN, *Os Padres da Igreja*, 38; EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 16.

²⁷ Cf. ANTONIO ORBE, “Ireneu de Lyon”, in DPAC, I, 1098; JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 288; EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 15.

uma das expressões mais complexas deste confronto que constituiu o grande desafio para os pensadores da época.

A obra de Ireneu insere-se neste contexto e não é senão a resposta esclarecida a tal repto. O bispo de Lião não escreve a sua obra como um pensador, mas sim como um pastor solidário que, na Igreja, precisa de guiar as suas ovelhas na fé: ele tem consciência dos seus limites, quer por não ter costume de escrever quer por não ter aprendido a arte de falar. Porém, sente-se impulsionado pela caridade para instruir os cristãos na verdadeira doutrina²⁸. Podemos dizer, de uma forma geral, que a sua obra está estruturada segundo esta finalidade: expor as doutrinas dos gnósticos e depois refutá-las, baseando-se na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição²⁹.

De entre outros escritos que redigiu, chegaram até nós apenas duas importantes obras: *Adversus haereses* obra sobre a qual irá incidir o nosso trabalho, e a *Demonstratio* (da doutrina apostólica). Sabemos que escreveu outros tratados menores, bem como cartas de que se conservam apenas fragmentos na obra de Eusébio de Cesareia. A partir desta fonte, conhecemos quatro cartas do bispo de Lião: “A Blasto”, sobre o cisma³⁰; “A Florino”, sobre a monarquia e a demonstração de que Deus não é autor do mal³¹; “A Victor”, bispo de Roma³², e uma carta aos mártires das igreja de Viena e de Lião³³. Tem também outros escritos: sobre a Ogdoada³⁴ e sobre a ciência³⁵.

²⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, I, Pr.2: «et allis occasiones dabimus secundum mostram mediocritatem ad evertendentes ea quae ab his dicuntur, neque apta veritati ostendentes ea quae ab his dicuntur, neque conscribere consveti neque qui sermoum arti studuerimus, dilectine autem nos adhortante et tibi et omnibus qui sunt tecum manifestare quae usque adhuc erant absconsae, iam autem secundum gratiam Dei in manifestum venerunt doctrinae ipsorum: nihil est enim coopertum quod non manifestabitur, et nihil absconsum quod non cognoscetur» (SC 264, 24); GIORGIO JOSSA, *Regno di Dio e Chiesa*, II, *Historia Salutis* 7, M. D' Auria, Napoli, 1970, 52.

²⁹ Cf. PEDRO A. TALAVERA, *La Metodología Teológica de Ireneo de Lyon*, 43; A. HAMMAN, *Os Padres da Igreja*, 40; FREPPEL, L'ABBÉ, *Saint Irémée*, 214.

³⁰ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, V, 20,1, (BAC, 324).

³¹ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, V, 20, 5-7, (BAC, 325-326).

³² Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, V, 24,11-17, (BAC, 334-336).

³³ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, V, 1,1- 3,4, (BAC, 265-288).

³⁴ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, V, 20,1, (BAC, 324).

A) Transmissão do texto

O *Adv. haer.* é considerada a grande obra de Ireneu³⁶. Os primeiros três livros desta obra foram escritos sob o pontificado do papa Eleutério (175-189) e a outra parte foi redigida durante o pontificado do papa Victor (189-198)³⁷.

Ireneu escreveu em grego, sua língua materna, mas o texto original perdeu-se. Porém, temos esta obra conservada na íntegra numa tradução latina antiga e muito literal. Possuímos ainda uma versão armenia que foi descoberto e editado por E. Ter-Minassiantz. Dispomos ainda de numerosos fragmentos em siríaco e inúmeras citações em grego em obras de autores posteriores: Epifânio, Hipólito, Eusébio de Cesareia, André de Cesareia, João Damasceno, entre outros³⁸. Podemos assim reconstituir na íntegra os cinco livros do *Adv. haer.*³⁹.

Além desta magna obra, de Santo Ireneu temos também outra intitulada *Demonstração da pregação Apostólica*. Durante muito tempo só se conhecia o título desta através de Eusébio de Cesareia⁴⁰. Mas, em 1904, esta obra foi descoberta pelo bispo Karrapet Ter-Mekerttschain de Azerbayán, num manuscrito em versão arménia e publicada pela primeira vez em 1907 com o contributo de Erwand Ter-Minassiantz. O texto foi trabalhado por Adolf Von Harnack, a quem se deve a divisão do texto em 100 capítulos, divisão que viria a ser adoptada pelos editores posteriores⁴¹. Nada se sabe acerca das razões que levaram Rufino, na versão latina da *Hist. Ecl.* de Eusébio de Cesareia, realizado

³⁵ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, V, 26, (BAC, 337-338).

³⁶ Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 288.

³⁷ Cf. IRENEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, Paulus, São Paulo, 1995, 11.

³⁸ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 20; ANTONIO ORBE, “Ireneo de Lyon”, in DPAC, I, 1098.

³⁹ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 20

⁴⁰ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 21; EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, V, 26, (BAC, 337-338).

⁴¹ Cf. ANTONIO ORBE, “Ireneo de Lyon”, in DPAC, I, 1098.

por encargo de Cromácio, a não citar este escrito do bispo de Lião⁴². A *Demonstração da pregação Apostólica* é conhecida a partir de uma antiga versão arménia, anterior à segunda metade do século XIII. A tradução do texto original grego para o arménio e para o siríaco remontam à segunda metade do século VI. A tradução arménia é literal⁴³.

B) Adversus haereses

Embora seja mais conhecida, desde a antiguidade, pelo título em latim *Adversus haereses*, o seu título original, segundo Eusébio de Cesareia: *Ἐλέγχος καὶ ἀνατροπῆς τῆς ψευδωνύμου γνώσεως* (*Desmascaramento e refutação da pretendida mas falsa gnose*)⁴⁴.

Como vemos, no próprio título o autor dá-nos já o plano e metodologia da sua obra. Esta contém duas partes: a primeira trata de “desmascarar”, isto é, identificar e dar a conhecer o verdadeiro rosto de uma heresia que gosta de se apresentar “mascarada” de verdadeira gnose e de um cristianismo superior. O *Desmascaramento* designa um exame aprofundado com o objectivo de refutação, já que o objectivo primeiro é pôr a nu a doutrina da “falsa gnose”. Recordemos as palavras de Ireneu:

«Ora, arrancar-lhe a máscara e fazer conhecer a sua doutrina já é levar a melhor sobre eles. Foi por isso que nos esforçamos em pôr às claras e apresentar o corpo feio destas raposas. Já não serão necessários muitos discursos para refutar uma doutrina que se tornou conhecida de todos. Como quando uma fera se esconde na floresta onde assalta e devasta, se alguém corta e limpa a floresta e consegue ver a fera já não é difícil caçá-

⁴² Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 21.

⁴³ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 22-27.

⁴⁴ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, V, 7,1, (BAC, 294).

la, sabendo do que se trata. Será possível vê-la, defender-se dos seus assaltos, atirando-lhe setas de todos os lados, ferir e matar esta fera devastadora»⁴⁵.

A segunda parte, a mais extensa da obra, pretende “refutar” a “falsa gnose” antes exposta e “desmascarada”. Porque a primeira parte prepara a segunda, alguns críticos e historiadores do gnosticismo foram levados a suspeitar da objectividade de Ireneu na descrição que nos apresenta das escolas e ideias gnósticas. Se, de facto, o objectivo era rebater e refutar, seria que a descrição que Ireneu faz do gnosticismo merecia crédito? As descobertas de novas fontes directas do gnosticismo vieram, como sabemos, dissipar, em boa parte, esta suspeita. Ireneu “desmascara” para refutar, mas não deforma, ao tirar a máscara aos seus adversários.

Trata-se, afinal, de uma metodologia que era comum na retórica antiga de que o bispo de Lião se serve com sábia eficácia⁴⁶.

Por outro lado, como já adiantámos, o *Adv. haer.*, tal como o lemos hoje, não nasceu de um projecto estruturado de uma só vez. As circunstâncias exigiram-lhe um desenvolvimento que não mantém uma evolução constante, sendo por vezes prolixo, cheio de digressões e repetições, o que o torna um pouco cansativo ainda que cheio de paixão apostólica. Ireneu não foi um especulativo nem um erudito nem um homem de ciência. É certo que teve habilidade de organizar de uma forma homogénea os materiais de que dispunha, mas apesar disso, o *Adversus haereses*, enquanto longo e apologético estudo, é uma exposição convincente, simples e persuasiva da doutrina da Igreja, além de ser a mais

⁴⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 31,4: «Quapropter conati sumus nos universum male compositae vulpulae huius corpusculum in medium producere et aperte facere manifestum: iam enim non multis opus erit sermonibus ad evertendum doctrinam ipsorum manifestam omnibus factam. Quemadmodum bestiae alicuius in silva absconditae et inde impetum facientis et multos vastantis, qui segregat et denudat silvam et ad visionem perduxit ipsam feram iam non elaboravit ad capiendam, videntes quoniam ea fera est – ipsis enim adest videre et cavere impetus eius et iaculari undique et vulnerare et interficere vastatricem illam bestiam» (SC 264, 388).

⁴⁶ Cf. ANTONIO ORBE, “Ireneo de Lyon”, in DPAC, I, 1098; EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 20.

importante fonte indirecta para o conhecimento dos sistemas gnósticos e a mais antiga discussão sobre as heresias de que há memória⁴⁷.

Esta magna obra do bispo de Lião é composta por 5 livros que formam uma unidade, cada um deles com a sua especificidade:

- O primeiro livro «contém as teorias de cada um, os seus costumes e as características da sua conduta»⁴⁸. Neste, há uma larga exposição dedicada às correntes gnósticas, sobretudo aos valentinianos, apresentando a unidade da fé da Igreja, frente as derivações do valentinianismo⁴⁹. Aborda seguidamente a questão da origem do gnosticismo. Fala em Simão como o pai da “falsa gnose”, percorrendo os principais nomes e escolas gnósticas: Saturnino e Basíledes, Marcião, Marcos, Carpócrates e Cerinto, Valentim, etc⁵⁰.

- O segundo livro é uma «refutação das teorias perversas, desvendando-as e mostrando-as como realmente são»⁵¹. Este livro consoma a refutação propriamente dita. Refuta os valentianos, que defendiam a tese de um Pleroma superior ao Deus criador. Também ataca a especulação sobre os números que a “falsa gnose” faz. A refutação é baseada em princípios teológicos, assentes nas Escrituras e na Tradição: o sentido comum da razão. O bispo de Lião mostra as contradições internas dos sistemas do gnosticismo ao nível da lógica formal⁵².

- Sobre o terceiro livro, Ireneu diz-nos o seguinte: «aduziremos as provas tiradas das Escrituras para cumprir exactamente as tuas ordens, que até ultrapassei, para te fornecer

⁴⁷ Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 289.

⁴⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, III, Pr.: «ex quibus primus quidem omnium illorum sententias continet et consuetudines et caracteres ostendit conversationis eorum» (SC 211, 16).

⁴⁹ Cf. R. TREVIJANO, *Patrologia*, BAC, Madrid, 2001, 85; BERTHOLD ALTANER – ALFRED STUIBER, *Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*, Edições Paulinas, São Paulo, 1972, 120.

⁵⁰ Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 288.

⁵¹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, Pr.: «In secundo vero destructa et eversa sunt quae ab ipsis male docentur et nudata et ostensa sunt talia qualia et sunt» (SC 211, 16).

⁵² Cf. R. TREVIJANO, *Patrologia*, 86.

argumentos oportunos para refutar completamente todos os que de qualquer forma ensinam a mentira. Assim, a caridade divina, rica e sem ciúmes, concede sempre mais do que pedimos»⁵³. O bispo de Lião parte de uma demonstração da verdade com fundamento na Tradição e nas Escrituras para abordar a unicidade de Deus criador de todas as coisas e a unidade do Filho de Deus feito homem. Da conclusão, sobressai a verdade da pregação da Igreja frente ao gnosticismo⁵⁴.

- Sobre o quarto livro, o bispo de Lião diz-nos:

«Com este quarto livro que te enviamos, ó caríssimo amigo, da obra de denúncia e refutação da pseudognose, confirmaremos com as palavras do Senhor, conforme nossa promessa, o que foi exposto precedentemente, para que conforme o teu pedido, tenhas da nossa parte, todos os meios para refutar os hereges e, uma vez derrotados, não os deixes afundar no abismo do erro, mas dirigindo-os ao porto da verdade, os faças chegar à salvação»⁵⁵.

Como podemos ver, este livro tem um objectivo claro: instruir o seu destinatário - pessoa querida de Ireneu - sobre o gnosticismo e convertê-las à verdade. A sua missão é chamar os gnósticos à verdade. O bispo de Lião escreve que há um elo de ligação forte entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento e, por isso, um não se opõe ao outro. A característica mais evidente deste livro é que toda a argumentação se apoia sobre a Sagrada Escritura, que Ireneu cita amplamente⁵⁶.

- Sobre o quinto livro, Ireneu diz-nos:

⁵³ IRENEU, *Adversus haereses*, III, Pr.: «In hoc autem tertio ex Scripturis inferemus ostensiones, ut nihil tibi ex his quae praeceperas desit a nobis, sed et, praeterquam opinabaris, ad arguendum et evertendum eos qui quolibet modo male docente occasiones a nobis accipias: quae enim est in Deo caritas, dives et sine invidia existens, plura donat quam postulat quis ab ea» (SC 211, 16-18).

⁵⁴ Cf. R. TREVIJANO, *Patrologia*, 86.

⁵⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, Pr.1: «Quartum hunc librum, dilectissime, transmittens tibi operis quod est de detectione et eversione falsae cognitionis, quemadmodum promisimus, per Domni sermones ea que praediximus confirmabimus, uti et tu, sicut postulasti, undique a nobis accipias occasiones ad confutandos omnes haereticos, et eos omnimodo retusos non longius sinas in erroris procidere profundum, neque in ignorantiae praefocari pelago, sed convertens eos in veritatis portum, facias suam percipere salutem» (SC 100, 382).

⁵⁶ Cf. R. TREVIJANO, *Patrologia*, 86; BERTHOLD ALTANER – ALFRED STUIBER, *Patrologia*, 120.

«Procuraremos trazer argumentos tirados da restante doutrina do Senhor e das cartas do Apóstolo, como nos pediste. Anuímos ao teu pedido, porque somos encarregados do ministério da palavra e nos esforçamos de todas as formas, segundo a nossa capacidade, por te apresentar o maior número possível de subsídios para combater os hereges»⁵⁷.

Este livro expõe a doutrina paulina sobre a ressurreição da carne⁵⁸, tão negada pelo gnosticismo e a recapitulação em Jesus Cristo⁵⁹. Como conclusão, o bispo de Lião fala das doutrinas milenaristas da sua época⁶⁰.

De forma sucinta, podemos dizer que o objectivo desta obra era refutar as teorias gnósticas que punham em causa a verdade do Cristianismo.

C) Demonstração da pregação Apostólica

Como já referimos, esta obra foi escrita em grego, conhecida durante muito tempo apenas pelo título *Ἐπίδειξις τοῦ ἀποστολικοῦ κηρύγματος* (*Demonstração da pregação*

⁵⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, V, Pr. 1: «ex reliquis doctrinae Domini nostri et ex apostolicis epistolis conabimur ostensiones facere, quemadmodum postulasti a nobis, obaudientibus tuo praecepto, quoniam et in administratione sermonis positi sumus, et omni modo elaborantibus secundum mostram virtutem plurima tibi quidem in subsidium praestare adversus contradictiones haereticorum, errantes autem retrahere et convertere ad Ecclesiam Dei» (SC 153, 12).

⁵⁸ Cf. BERTHOLD ALTANER – ALFRED STUIBER, *Patrologia*, 120.

⁵⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 7,1: «Quomodo igitur Christus in carnis substantia surrexit et ostendit discipulis figuras clavorum et apertionem lateris, haec autem sunt indicia carnis ejus quae resurrexit a mortuis, sic et nos, inquit, suscitabit per virtutem suam» (SC 153,84).

⁶⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, V,36,3: «qui judicandi sunt quemadmodum habet scriptura geneleos consummationem saeculi hujus esse sextum diem hoc est sexies millesimum annum et deinde sic septimum requiei diem de quo dicit david haec est requies mea justi intrant in eam hoc est septies millesimum annum regni justorum in quo praemeditabuntur incorruptelam renovata conditione iis qui ad servati sunt et Apostolus autem liberam futuram creaturam a servitute corruptelae in lertatem gloriae filiorum Dei confessus» (SC 153, 462).

Apostólica), na menção que Eusébio de Cesareia fazia dela. Foi redescoberta como já referimos na versão arménia, em 1904⁶¹.

A *Demonstração da pregação apostólica* não é tanto, uma obra de catequese, tal como pensam alguns, mas sim um tratado apologético, tal como o seu próprio título indica: Ἐπίδειξις (“demonstração”)⁶².

Ireneu, já ancião, dirige-se ao seu amigo Marciano, a quem quer ajudar, expondo, em resumo, o que tinha recebido da Sagrada Tradição Apostólica. O bispo de Lião começa esta obra em forma de uma carta, adiantando ao leitor que esta vai ser diferente do estilo do *Adv. haer.*, pois o que pretende é uma sucinta exposição da mensagem cristã. O carácter pessoal da obra não o impede de comunicar os conteúdos fundamentais da fé cristã, tendo sempre como base a Sagrada Escritura. Estando perante uma obra de cariz sucinto, é lógico que não deixe espaço para explanações polémicas⁶³.

A maioria dos estudiosos concorda que a obra está dividida em duas grandes partes. A primeira divisão do texto deve-se a Weber⁶⁴:

- *Introdução* (1-3): Ireneu apresenta-nos algumas observações sobre os motivos que o impulsionaram a escrever esta obra.

- *1ª Parte* (4-42a): trata-se do conteúdo essencial da fé cristã: as três Pessoas Divinas; a criação e o pecado do homem; a encarnação e a redenção realizada por Cristo⁶⁵. Ireneu descreve a história das relações de Deus com o homem, desde Adão até Cristo, isto é, até ao verdadeiro Adão. A 1ª parte da obra está subdividida em três partes: a) Deus e a criação

⁶¹ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, V, 26 (BAC, 338).

⁶² Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 293.

⁶³ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 30.

⁶⁴ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 30.

⁶⁵ Cf. BERTHOLD ALTANER – ALFRED STUIBER, *Patrologia*, 121.

(4-16); b) Preparação da redenção, o pecado, a misericórdia e a justiça de Deus (17-30); c) O cumprimento da redenção por meio de Cristo (31-42)⁶⁶.

- 2ª Parte (42b-97): oferece algumas provas em favor da verdade da revelação cristã, com a base nas profecias do Antigo Testamento, e apresenta Jesus como Filho de David e como Messias. Esta segunda parte está subdividida também em três partes: a) a demonstração profética e a preexistência do Filho de Deus (42b-51); b) o cumprimento das profecias de Cristo (52-84); c) o cristianismo e a realização das promessas messiânicas (85-97)⁶⁷.

- Na *Conclusão* (98-100), o bispo de Lião exorta os seus leitores a viverem de acordo com a sua fé em Cristo, isto é, da verdade revelada em Cristo, prevenindo-se, assim, das heresias e do sectarismo dos heréticos.

Para a elaboração desta obra, Ireneu inspirou-se precisamente nas tradições dos presbíteros, discípulos do Apóstolo João, defensores da *salus carnis*, da leitura tipológica e literal das Escrituras. Mas isto não quer dizer que ele, enquanto teólogo asiático, não se tenha servido de outras fontes literárias. O bispo de Lião tem um vasto conhecimento das tradições rabínicas e das tradições judaicas helenizadas. Ele utilizou tudo isto com o objectivo de instruir e defender a fé cristã. Podemos dizer que a *Demonstração da doutrina apostólica* representa uma obra de lucidez na compreensão da fé, face à “falsa gnose”⁶⁸.

⁶⁶ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 30-31.

⁶⁷ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 31.

⁶⁸ Cf. EUGENIO ROMERO-POSE, *Ireneu de Lión*, II, 38.

«O erro, com efeito, não se mostra tal como ele é para não ficar evidente quando se descobre. Adornando-se fraudulentamente de plausibilidade, apresenta-se diante dos mais ignorantes, justamente por esta aparência exterior, - é até ridículo dizê-lo - como mais verdadeiro do que a própria verdade».

(IRENEU, *Adv. haer.*, I, Pr., 2).

«Denunciámos uma gnose de nome falso, demonstrámos-te, caríssimo, que é tudo mentira o que foi encontrado, de muitas e contraditórias maneiras, pelos discípulos de Valentim. Expusemos também as doutrinas daqueles que os precederam, como se contradizem entre si e muito mais com a verdade»

(IRENEU, *Adv. haer.*, II, Pr., 1)

CAPÍTULO II - A Cristologia gnóstica

Através da obra de Ireneu, conseguimos perceber o que está por detrás da cultura gnóstica, sobretudo do gnosticismo cristão do seu tempo.

Para poder refutar os diversos ramos da “falsa gnose”, Ireneu fez um estudo aprofundado dos mesmos, expondo, de forma sucinta, o pensamento de cada herético e a sua corrente ou escola. Também apresentaremos o seu pensamento acerca do que é a “verdadeira gnose” e as suas fontes credíveis: a Tradição, a Escritura, “Regra da fé” e a Igreja.

2.1 Os gnósticos segundo Santo Ireneu

Neste ponto, deter-nos-emos sobretudo na primeira parte do *Adv. haer.*, visto que o objectivo principal deste capítulo é expor a cristologia gnóstica, a partir do testemunho de Ireneu.

Como vimos, o bispo de Lião segue esta sequência metodológica: desmascarar, expor, ensinar e dar argumentos para refutar. Assim escreve Ireneu:

«O erro, com efeito, não se mostra tal como é para não ficar evidente ao ser descoberto. Adornando-se fraudulentamente de plausibilidade, apresenta-se diante dos ignorantes [...] como mais verdadeiro do que a própria verdade. [...] Ora, nós não queremos que, por nossa culpa, alguns sejam raptados como ovelhas pelos lobos, enganados pelas peles de ovelhas com que se camuflam. [...] À medida da nossa capacidade mostrar-te-emos, com poucas e claras palavras, a doutrina dos que, neste momento, ensinam de maneira diferente da nossa. [...] Com as nossas mediócras

possibilidades, fornecemos os meios para refutá-las, mostrando que o que dizem é absurdo, isto é, é reposta a verdade»⁶⁹.

Por outro lado, Ireneu dá-nos a entender que a exposição que faz sobre a doutrina gnóstica acerca de Cristo é fruto do seu profundo estudo e da sua intenção de instruir os seus irmãos na fé: «E assim, ao responder ao teu desejo, já antigo, de conhecer as doutrinas deles, não somente nos esforçamos por manifestar-te, mas também por fornecer-te os meios para demonstrar a sua falsidade»⁷⁰.

Podemos dizer que Ireneu tem uma visão bastante abrangente da doutrina gnóstica do seu tempo, como ilustra no prefácio do segundo livro, que é um resumo do primeiro:

«No primeiro livro, anterior a este, denunciámos uma gnose de nome falso, demonstrámos-te, caríssimo, que é tudo mentira o que foi encontrado, de muitas e contraditórias maneiras, pelos discípulos de Valentim. Expusémos também as doutrinas daqueles que os precederam, como se contradizem entre si e muito mais com a verdade. Também te apresentámos, com toda a diligência, a doutrina de um deles, Marcos, o mago, e também a sua conduta. E, diligentemente, referimos o que eles selecionaram da Escritura e a tentativa de adaptá-la à sua invenção[...]. Expusémos a doutrina de um dos seus pais e de todos os que o seguiram, e também a de toda a multidão dos gnósticos que se originaram dele. Evidenciámos as diferenças entre eles, as doutrinas, as emissões e todas as heresias que proferiram, suas doutrinas ímpias e irreligiosas que todos estes heréticos, derivados de Simão, introduziram neste mundo»⁷¹.

⁶⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, Pr.2: «error enim secundum semetipsum non ostenditur, ne denudatus fiat comprehensibilis, suasório autem cooperimento subdole adornatus [...] et ipsa veritate, ridiculum est et dicere, veriore semetipsum praestat [...] igitur ne forte et cum nostro delicto abripiantur quidam quasi oves a lupis, ignorantes eos propter extrerius ovilis pellis superindumentum [...] Et quantum nobis virtutis adest, sententiam ipsorum qui nunc aliud docente [...] et aliis accasiones dabimus secundum mostram mediocritatem ad evertendum eam, non stantia neque apta veritati ostendentes ea quae ab his dicuntur» (SC 264, 20-24).

⁷⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, I, Pr.3: «Et quemadmodum nos elaboravimus, olim quaerenti tibi diacere sententiam eorum, non solum facere tibi manifestam, sed et subministrationem dare, uti ostenderemos eam falsam, sic et» (SC 264, 26).

⁷¹ IRENEU, *Adversus haereses*, II, Pr.1: «In primo quidem libro qui ante hunc est arguentes falsi nominis agnitionem ostendimus tibi, dilectissime, omne ab his qui sunt a Valentino per multo set contrários modos adinuentum esse falsiloquium; etiam sententias exposuimus eorum qui priores exstiterunt, discrepantes eos sibimetipsis ostendentes, multo autem prius ipsi veritati; et Marci quoque magi sententiam, cum site ex his, cum operibus eius omni diligentia exposuimus; et quanta ex Scripturis eligentes adptare conantur fictioni

Na apresentação da doutrina gnóstica acerca de Cristo, Ireneu tenta seguir a mesma ordem do primeiro livro do *Adv. haer.*, porém, as correntes gnósticas aqui apresentadas são aquelas a que Ireneu deu mais importância no seu estudo. Estes grupos heréticos, - os diversos grupos, seitas ou personagens gnósticas - eram para ele apenas manifestações de um único fenómeno erróneo: a “falsa gnose” ou como dizemos hoje o gnosticismo⁷².

2.1.1 Simão, o mago

Simão, o Mago é coetâneo dos Apóstolos⁷³. Nesta época apostólica, a propagação da fé em Jesus Cristo, o Salvador de todo o género humano já atingira uma boa parte do império. Aparece Simão Mago, inimigo da salvação dos homens, querendo difundir a sua doutrina na cidade imperial. Através das suas magias, a sua doutrina começa a ganhar terreno na cidade de Roma⁷⁴. Mas o Apóstolo Pedro repreendeu-o, tal como indicado na narrativa dos Actos dos Apóstolos (Act. 8,9-11)⁷⁵.

Segundo Ireneu, Simão, samaritano, é o mago de quem São Lucas nos fala:

«Encontrava-se na cidade um homem chamado Simão, que praticava a magia e assombrava o povo de Samaria, dizendo ser ele próprio algo de grande. Do mais pequeno ao maior, todos acreditavam nele. “Este homem, diziam, é a Força de Deus, chamada a grande.” Acreditavam nele porque, havia bastante tempo, tinham-se deixado entusiasmar pelas suas habilidades mágicas»⁷⁶.

suae diligenter retulimus... et progenitoris ipsorum doctrinam Simonis magi Samaritani et omnium eorum qui successerunt ei manifestavimus, diximus quoque multitudinem eorum qui sunt ab eo Gnostici; et differentias ipsorum et doctrinas et successiones adnotauimus, quaeque ab eis haereses institutae sunt omnes exposuimus, et quoniam omnes a Simone haeretici initia sumentes impia et irreligiosa dogmata induxerunt in hanc vitam ostendimus» (SC 294, 22-24).

⁷² Cf. DAVID BRAKKE, *Los Gnósticos*, 19.

⁷³ Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 252.

⁷⁴ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, II, 13, 3 (BAC, 84-85).

⁷⁵ Cf. O.R.S. MEAR, *Simon Magus The Gnostic Magician*, Holmes Publishing Group, Whashington, 2001, 4.

⁷⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 23, 1: «Hic igitur Simon, qui fidem simulavit, putans apóstolos et ipsos sanitates per magiam et non virtute Dei perficere et per impositionem manum Spiritu sancto adimplere credentes Deo per eum qui ab ipsis euangelizatur Christus Ieuss, per maiorem quandam magicam scientiam

Simão abraçou a fé com segundas intenções, pois pensava que os Apóstolos realizavam curas aos que acreditavam em Deus por meio de magia e não pelo poder. Por isso, ele quis oferecer dinheiro aos Apóstolos a fim de ter ele também o poder de dar o Espírito Santo a quem ele quisesse. Com esta atitude, Simão pensa que é possível fazer o que os Apóstolos faziam, desvalorizando a intervenção divina na acção apostólica.

Pedro recusa a oferta pecuniária e repreendeu Simão severamente, por ele tentar reduzir o carisma do Espírito Santo a um negócio. Daqui nasce o termo “simonia”, que consiste em tentar comprar com dinheiro os bens espirituais. Segundo Ireneu, Simão não se retratou e continuou com sua magia:

«Torna-se cada vez mais incrédulo em relação a Deus. No seu desejo de evangelizar com os Apóstolos e de se tornar célebre, aplica-se cada vez mais a todas as praticas mágicas a ponto de ganhar a admiração de multidões[...]. Este mago foi honrado por muitos como igual a Deus. Ele próprio ensinou que ele era aquele que se manifestou como Filho entre os judeus, que desceu à Samaria como Pai e que veio entre os outros povos como Espírito Santo; que era a Potência mais sublime, isto é, o Pai que está acima de todas as coisas e aceitava qualquer título que os homens lhe quisessem conferir»⁷⁷.

Simão, como impostor, começou a afirmar-se igual a Deus. Segundo ele, até as criaturas estão sob o domínio dele, uma vez que Helena, prostituta que ele tinha resgatado de um bordel, é que criou os anjos e os arcanjos, que, por sua vez, fizeram o mundo⁷⁸. Como se isso não bastasse, Simão assume-se ainda como Filho de Deus na região da

et hoc suspicans fieri, et offerens pecuniam apostolis, ut acciperet et ipse hanc potestatem quibuscumpe velit dândi Spiritum sanctum» (SC 264, 312).

⁷⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 23,1: «Et cum adhuc magis non credidisset Deo, et cupidus intendi contendere adversus apóstolos, uti et ipse gloriosus videretur esse, et universam magiam, adhuc amplius scrutans, ita ut in stuporem cogeret multos hominum [...] Hic igitur a multis quasi Deus glorificatus est, et docuit semetipsum esse qui inter Iudaeos quidem quasi Filius apparuerit, in Samaria autem quasi Pater descenderit, in reliquis vero gentibus quasi Spiritus sanctus adventaverit: esse autem se sublimissimam Virtutem, hoc este um qui sit super omnia Pater, et sustinere vocari se quodcumque eum vocant homines» (SC 264, 314).

⁷⁸ Cf. E. PERETTO, “Simon Mago-Simonianos”, in DPAC, II, 2009; J. LEBRETON – JACQUES ZEILLER, *Histoire de L'Église*, 276.

Judeia, deu-se a conhecer como Deus na região da Samaria e nas outras regiões deu-se a conhecer como o Espírito Santo. A salvação do género humano já não dependeria de Jesus Cristo Filho de Deus, mas sim do poder salvador de Simão⁷⁹.

2.1.2 Saturnino e Basíledes

Saturnino de Antioquia é um gnóstico contemporâneo de Basíledes. Foi discípulo de Menandro e exerceu a sua actividade na Síria⁸⁰. Segundo Ireneu, Saturnino afirmava que o mundo e o homem tinham sido criados por sete anjos. Mas os anjos não tinham a capacidade de fazer o homem levantar-se do chão. Por isso, o homem precisava de uma força de vida que viesse do alto, que o fizesse levantar-se para a vida. Esta força representa o elemento espiritual e eterno do homem que, depois da morte, está destinado a voltar para o seu lugar original⁸¹.

Para Saturnino, o Deus do Antigo Testamento é um dos sete anjos, cuja rebelião contra o Deus desconhecido motiva a vinda de Cristo, com a finalidade de destruir o Deus dos Judeus. Para ele, o Deus dos judeus é um mero anjo que será destruído por Cristo. Cristo não é gerado e muito menos tem corpo e figura. Cristo é só visto como homem aparente:

⁷⁹ Cf. E. PERETTO, “Simon Mago-Simonianos”, in DPAC, II, 2009.

⁸⁰ Cf. A. MONACI, “Saturnino”, in DPAC, II, 1961.

⁸¹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 24,1: «...Qui cum factus esset et non potuisset erigi plasma propter imbecillitatem Angelorum, sed quasi vermiculus scarizaret, miserantem eius desuper Virtutem, quoniam in similitudinem eius factus esset, emisisse scintillam vitae, quae erexit hominem et articulavit et vivere fecit. Hanc igitur scintilliam vitae post defunctionem recurrere ad ea quae sunt eiusdem generis dicit, et reliqua ex quibus facta in illa resolvi» (SC 264, 322).

«O Salvador, afirma ele ainda, não é gerado, não tem corpo nem figura e só de forma aparente é visto como é homem. O Deus dos Judeus é um dos anjos. Porque o Pai queria destruir todos os arcontes, Cristo veio para destruir o Deus dos judeus [...]»⁸².

Basíledes foi professor em Alexandria, no Egípto. Trata-se de um gnóstico com algumas obras, que chegou a escrever um Evangelho, do qual só restam alguns fragmentos⁸³. Ele fazia derivar o seu ensinamento de uma tradição secreta do Apóstolo Matias⁸⁴.

Segundo Ireneu, Basíledes apresenta algo mais original e plausível, no desenvolvimento da sua doutrina:

«O *Nous* foi primogénito do Pai ingénito, de quem por sua vez nasceu o Logos, do Logos a Prudência e desta nasceu a Sofia e a Dunamis; de Dunamis e da Sofia, as Potestades, os Principados e os Anjos, chamados os primeiros, que fizeram o primeiro céu [...]. Os anjos que ocupam o céu inferior, o que nós vemos, formaram todas as coisas que há no mundo. O chefe de todos eles é aquele que passa por Deus dos judeus. Este tendo querido submeter as outras nações aos seus homens, os outros arcontes insurgiram-se contra ele e combateram-no. [...] o Pai não gerado e inefável, ao ver a derrota destes, envia o seu *Nous*, o primogénito, aquele que se chama Cristo, para libertar os que creram Nele do poder dos criadores do mundo»⁸⁵.

⁸² IRENEU, *Adversus haereses*, I, 24,2: «Salutorem autem innatum demonstravit et incorporalem et sine figura, putative autem visum hominem. Et Iudaeorum Deum unum ex Angelis esse ait: et propter hoc quod dissolvere oulnerint Patrem eius omnes Principes, aduenisse Christum ad destructionem Iudaeorum Dei et ad salutem credentium ei; esse autem hos, qui habent scintillam vitae eius» (SC 264, 322-324).

⁸³ Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 254.

⁸⁴ Cf. A. MONACI, “Basíledes”, in DPAC, I, 295.

⁸⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 24,3-4: «Basilides autem, ut altius aliquid sententiam doctrinae suae, ostendens Nun primo ab innato natum Patre, ab hoc autem natum Logon, deinde a Logo Phronesin, a Phronesi autem Sophia net Dynamin, a Dynami autem et Sophia Virtudes et Princepes et Angelos, quos et primos vocat, et ab his primum caelum factum [...] Eos autem qui posterius continet caelum Angelos, qui etiam a nobis videtur, constituísse ea quae sunt in mundo omnia | et partes sibi fecisse terrae et earum quae super eam sunt gentium. Esse autem principem ipsorum eum qui Iudaeorum putatur esse Deus. Et quoniam hic suis hominibus, id est Iudaeis, voluit subicere reliquas gentes, reliquos omnes Principes contra stetisse ei et contraegisse [...] Innatum autem et innominatum Patrem, videntem perdicionem ipsorum, misisse Primogenitum Num suum, et hunc esse qui dicitur Christus, in libertatem credentium ei a postestate eorum qui mundum fabricaverunt» (SC 264, 324-328).

Como podemos ver neste trecho, para Basílides, o Deus dos Judeus é o chefe dos anjos do mundo inferior, que fez todas as coisas que há no mundo. Podemos constatar que a teoria da criação do mundo através das emanções está bem presente em Basílides; para ele, as coisas foram criadas por degradação de outras.

Cristo, que foi chamado pelo Pai para livrar o povo judeu da opressão, veio em forma de homem aparente, fazendo milagres. Por isso, não foi Cristo que sofreu a morte por crucifixão, mas sim Simão de Cirene que foi forçado a levar a cruz em seu lugar. Cristo tomou o aspecto de Simão. Assim sendo, o *Nous* do Pai ingénito subiu para donde tinha saído, isto é, para o Pai⁸⁶. Para Basílides, um cristão não devia confessar Cristo crucificado, mas sim Jesus enviado do Pai. Isto tem uma importância e implicação soteriológicas, «porque os que souberem estas coisas são libertados dos Principados criadores deste mundo»⁸⁷.

Para o gnóstico Basílides é só a alma que é salva, pois só o conhecimento pode libertar a alma do poder dos Principados deste mundo⁸⁸.

2.1.3 Valentim

Valentim é um heresiarca gnóstico de origem egípcia, que foi educado em Alexandria. Antes de chegar a Roma, por volta do ano 140, já tinha feito propaganda dos

⁸⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 24,4: «Et gentibus ipsorum autem apparuisse eum in terra hominem et virtutes perfecisse. Quapropter neque passum eum, sed Simonem quendam Cyrenaeum angariatum portasse crucem eius pro eo, et hunc secundum ignorantiam et errorem crucifixum, tranfiguratum ab eo, ut putaretur ipse esse Iesus, et ipsum autem Iesum Simonis accepisse formam et stantem irrisisse eos. Quoniam enim Virtus incorporalis erat et Nus innati Patris, tranfiguratum quemadmodum vellet, et sic ascendisse ad eum qui miserat eum, deridentem eos, cum teneri non posset et invisibilis esset omnibus» (SC 264, 328).

⁸⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 24,4: «Eliberatos igitur eos qui haec sciant a mundi fabricatoribus» (SC 264, 328).

⁸⁸ Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 256-257.

seus ensinamentos no Egito. Foi a Roma no pontificado de Higínio, onde chegou a ter algum sucesso e ficou aí até ao pontificado do papa Aniceto⁸⁹. Depois de abandonar a ortodoxia, chegou ao ponto de fundar a sua própria escola, difundindo a sua doutrina. Mais tarde, foi a Chipre, mas depois voltou a Roma, onde morreu no ano 160⁹⁰.

Da sua obra, só se conservaram alguns fragmentos recolhidos principalmente por Clemente de Alexandria, os quais não são suficientes para reconstruir as suas grandes linhas de pensamento. Sobre ele, escreve Ireneu:

«Valentim é o primeiro a adaptar as doutrinas tiradas das antigas heresias gnósticas, ao carácter próprio da sua escola que fixou assim: existia uma Díada inefável, um dos elementos chama-se Inexprimível e o outro Silêncio. Seguidamente esta Díada emitiu outra Díada, um elemento dela chama-se o Pai e o outro a Verdade. Esta Tétrada frutificou o Logos e a Vida, o Homem e a Igreja: eis então a primeira Ogdôada. Do Logos e da Vida emanaram dez Potências das quais uma delas se afastou, foi degradada e fez o restante da obra da fabricação. Valentim estabelece depois dois Limites, um situado entre o Pleroma e o Abismo separando os Eões gerados do Pai ingénito e o outro separa a sua Mãe do Pleroma. E Cristo não foi produzido pelos Eões que estão no Pleroma, mas pela Mãe que estava fora dele e o gerou segundo a lembrança que tinha das realidades superiores, mas não sem uma certa sombra»⁹¹.

Neste trecho, temos um resumo do pensamento valentiniano: o Pleroma divino está composto de 30 eões, que estão conjugados entre si; as quatro primeiras emanações são as

⁸⁹ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, IV,11,1, (BAC, 212).

⁹⁰ Cf. C. GIANOTTO, “Valentin Gnostico”, in DPAC, II, 2173.

⁹¹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 11,1: «Qui enim est primus ab ea quae dicitur gnóstica haereses antiquas in suum Characterem doctrinas tranferens Valentinus, sic definiuit Dualitatem quandam innominabilem, cuius quidem aliquid vocari Inenarrabile, aliud autem Sigen. Post deinde ex hac | Dualitate secundam Dualitem emissam, cuius aliud quidem Patrem vocat, aliud autem Alethian. Ex hac autem Quaternatione Fructificari Longo net Zoen, Antropon et Ecclesiam. Esse autem hanc Octionationem primam. Et a Logo quidem et Zoe decem Virtutes dicit emissas, sicut praediximus. Ab Anthropon autem et Ecclesia, ex quibus unam discedentem et destitutam reliquam dispositionem fecisse. Terminos autem duos adhibet: unum quidem inter Bythum et Pleroma, determinantem natos Aeones ab infecto Patre, alterum vero separantem illorum Matrem a Pleromate. Et Christum autem non ab his qui sunt in Pleoromate Aeonibus emissum, sed a Matre foris autem facta secundum memoriam meliorum enixum esse cum quadam umbra» (SC 264, 166-168).

mais importantes e formam a *Ogdóada* primordial; dela formam-se os demais eões⁹². A Teoria das emanções está bem presente nos valentinianos, onde as coisas vão surgindo umas através das outras, neste caso é através da *Díada* inefável que sucessivamente gera as outras, como por exemplo o Logos e a Vida, o Homem e a Igreja, conjunto que forma a primeira *Ogdóada*. Com a proliferação dos eões, os mesmos vão-se degradando; por isso, segundo os valentinianos, vai-se criando um abismo entre o *Pleroma* e os eões gerados do Pai ingénito. A economia valentiniana aborda a pré-história das actividades divinas sobre o mundo sensível mediante as teorias do *Pleroma*, onde também, num dado momento se iniciava a vida. O Unigénito tem o seu princípio no pensamento e na vontade de Deus⁹³.

«Sendo Cristo masculino, tirou de si mesmo a sombra e voltou para o *Pleroma*»⁹⁴. Como podemos conferir em *Adv. haer.* I, 11,1, Cristo não é produzido pelos eões que estão no *Pleroma*, mas sim pela Mãe que está no *Pleroma*. Para os valentinianos o Cristo superior é fruto da primeira emissão de *Sophia*, que abandona a Mãe fora do *Pleroma* e entra com os elementos espirituais no *Pleroma*⁹⁵. O Cristo superior, Cristo Espiritual envia mais tarde a sua Mãe ao Salvador que é Jesus, mas não o Cristo, para a consolar. Segundo os valentinianos, o *Pleroma* descera no dia do Baptismo e mais tarde ausentou-se antes da paixão de Jesus, isto é, segundo eles, não houve a paixão de Jesus, o Cristo, mas sim só de Jesus⁹⁶.

«Segundo os discípulos de Valentim, (o mundo) não foi feito por meio do Verbo, mas sim pelo Demiurgo. Com efeito, o Verbo fazia com que as coisas fossem semelhantes

⁹² Cf. C. GIANOTTO, “Valentin Gnostico”, in DPAC, II, 2173-2174.

⁹³ Cf. ANTONIO ORBE, *Hacia la primera teología de la procesión del verbo: Estudios valentinianos*, I/1, Pontificia Unversita Gregoriana, Roma, 1958, 128-130.

⁹⁴ IRENEU, *Adversus haereses* I, 11,1: «Et hunc quidem, quipe cum esset masculus, abscidisse a semetipso umbram et regressum in Pleroma» (SC 264, 168).

⁹⁵ Cf. ANTONIO ORBE, *Los primeros herejes ante la persecucion: Estudios valentinianos*, V, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1956, 163.

⁹⁶ Cf. ANTONIO ORBE, *Los primeros herejes ante la persecucion*, 163.

às do mundo superior, e o Demiurgo cumpria a obra da criação»⁹⁷. Como podemos ver, segundo os valentinianos, o Verbo não participa na criação do mundo. Eles distinguem perfeitamente o Deus superior, do Filho. Só o Filho é que pode circunscrever os movimentos de dilatação e de contracção: como *Pleroma* de 30 eões, como Unigénito *Nous*, e como síntese deles, o Primogénito⁹⁸.

Para os valentinianos, a formação do Filho procede paulatinamente da emanção dos eões componentes do *Pleroma*. O processo divide-se em três partes: a) origem e desenvolvimento, por pares, das futuras virtudes ou formas pessoais do Filho; até trinta emanções; b) o drama do *Pleroma* em ordem inversa, a partir do último ião até o *Logos*; a expressão da «amorfa» criatura, substrato da futura pessoa do Filho; c) fim e superação do drama: o *Pleroma* (Filho) é pessoalmente definitivo, e juntamente expulso da matéria amorfa. Este é o momento da formação pessoal do Filho⁹⁹.

Os valentinianos, segundo Ireneu, não admitem a Encarnação do Filho de Deus no seio de Maria.

«... Alguns dizem que o demiurgo também gerou um Cristo, seu Filho, mas psíquico, o qual já fora falado pelos profetas e foi ele que passou por Maria como a água passa por um tubo. Foi sobre ele que desceu, no baptismo, em forma de pomba, o Salvador que está no *Pleroma*, proveniente de todos Eões; é pois nele que foi depositada a semente pneumática proveniente de Acamot»¹⁰⁰.

⁹⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 11,1: «Secundum autem eos qui sunt a Valentino, iterum non per eum factus est, sed per Demiurgum. Hic enim operabatur similitudines tales fieri ad imitationem eorum quae sunt sursum, quemadmodum dicunt; Demiurgus autem perficiebat fabricationem conditionis» (SC 211, 140).

⁹⁸ Cf. ANTONIO ORBE, *Cristología Gnóstica: Introducción a la soteriología de siglos II y III*, BAC, Madrid, 1976, 48.

⁹⁹ Cf. ANTONIO ORBE, *Estudios sobre a la Teología Cristiana Primitiva*, Ciudad Nueva-Pontificia Università Gregoriana, Madrid-Roma, 1994, 19.

¹⁰⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 7,2: «Sunt autem qui dicunt emisisse eum et Christum filium suum, sed animale, et de hoc per profetas locutum esse. Esse autem hunc qui per Mariam transierit, quemadmodum aqua per tubum transit, et in hunc in baptisate descendisse illum qui esset de Pleromate ex omnibus Salvatore in figura columbae; fuisse autem in eo et illud quod ab Achamoth semen spiritale» (SC 264, 102-104).

Como podemos ver, trata-se de uma Encarnação *sui generis*: de um homem psíquico, que é o Messias, filho do Demiurgo, que já tinha sido anunciado pelos profetas do Antigo Testamento e outro homem pneumático, que é consubstancial ao Criador, e não tem nome pessoal, é o Filho do Espírito Santo¹⁰¹.

Valentim teve muitos discípulos, tanto no Oriente como no Ocidente. A sua escola também se dividiu em duas: a escola ocidental é encabeçada por Heracleón, Tolomeo e Florino; a escola oriental é encabeçada por Teodoto e Marcos¹⁰².

2.1.4 Marcos

Ireneu refere-se a um tal Marcos que é discípulo de Valentim, na linhagem da escola oriental. Segundo Ireneu, Marcos é professor na Ásia proconsular, partidário das doutrinas de Valentim sobre os eões¹⁰³. O bispo de Lião apresenta Marcos como um mago, espertíssimo na arte da magia. Ele celebra a Eucaristia com meios mágicos e fraudulentos, seduzindo muitas mulheres¹⁰⁴. Apresentava-se como um homem detentor da potência suprema provinda de lugares invisíveis e indiscreíveis. Por isso, Ireneu chega a designá-lo como um verdadeiro precursor do anticristo¹⁰⁵.

«Fingia consagrar no cálice uma bebida misturada com vinho e pronunciando longas invocações, faz a bebida aparecer da cor da púrpura, ou vermelha. Assim, pode-se

¹⁰¹ Cf. ANTONIO ORBE, *Cristología Gnóstica*, 515.

¹⁰² Cf. C. GIANOTTO, “Marcos”, in DPAC, II, 1357.

¹⁰³ Cf. C. GIANOTTO, “Marcos”, in DPAC, II, 1357.

¹⁰⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 13, 1: «Alius vero quidam ex his qui sunt apud eos, magistri emendatorem se esse glorians, Marcus autem illi nomen, magicæ imposturae peritissimus, per quam et viros multo set non paucas feminas» (SC 264, 188-190).

¹⁰⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 13,1: «...ad se converti, velut ad scientissimum et perfectissimum et Virtutem maximam ab invisibilibus et ab inenarrabilibus locis habentem, fecit, praecursor quasi vere existens Antichristi» (SC 264, 188-190).

pensar que a Graça, por causa da sua invocação, depositou naquele cálice o seu sangue, vindo das regiões supernas. Os que assistem desejam provar da bebida para que se derrame também neles a Graça invocada por este mágico»¹⁰⁶.

Neste trecho, Ireneu tenta descrever um pouco a astúcia de Marcos. Ele usa as práticas sacramentais e litúrgicas da Igreja. Contudo, adultera-os com longas invocações, só para tornar os rituais mais credíveis. Além do mais, tenta passar a imagem de que é canalizador da graça de Deus. Ele e os seus discípulos sentem-se como profetas. Marcos dedica-se mais às mulheres, sobretudo as mulheres mais nobres, intelectuais e ricas¹⁰⁷. Na verdade, através da sua magia e astúcia, ele seduzia as mulheres¹⁰⁸. Alguns discípulos de Marcos percorreram o mesmo caminho, seduziram e corromperam muitas mulheres. Procuravam atraí-las com palavras por vezes enigmáticas:

«Quero que participes da minha Graça, porque o Pai de todos vê sempre o teu Anjo diante da sua face. Mas o lugar da tua grandeza está em nós, por isso devemos formar uma só coisa. Recebe primeiramente de mim e por meu intermédio a Graça. Prepara-te como esposa que espera pelo esposo para seres o que eu sou, e eu ser o que tu és. Dá lugar na tua cama nupcial à semente da Luz. Recebe de mim o Esposo, dá-lhe lugar em ti, e encontra lugar nele. Eis que a Graça desce em ti: abre a boca e profetiza»¹⁰⁹.

¹⁰⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 13,2: «Pro calice enim vino mixto fingens se gratias agere et| in multum extendens sermonem invocationis, porpureum et rubicundum apparere facit, uti putetur ea Gratia ab his quae sunt super omnia suum sanguinem stillare in illus calicem per inuocationem eius, et valde concupiscere praesentes ex illo gustare poculo, ut et in eos stillet quae per magum hunc vocatur Gratia» (SC 264, 190-192).

¹⁰⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 13,3: «Datur autem intellegi eum et daemonem quendam paredrum habere, per quem ipse quoque prophetare videtur et quotquot dignas putat fieri participes suae gratiae prophetare facit. Maxime enim circa mulieres vacat, et hoc eas quae sunt honestae et circumpopuratae et ditissimae, quas saepe abducere temptans» (SC 264, 192-194).

¹⁰⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 13,5: «nam cum esset uxor eius speciosa et sententia et corpore corrupta esset a mago isto et secuta eum esset multo tempore, post deinde cum mago labore fratres eam convertissent, omne tempus in exomologese consumavit, plangense lamentans ob hanc quam passa est ab hoc mago corruptelam» (SC 264, 200).

¹⁰⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 13,3: «Participare te volo ex mea Gratia, quoniam Pater omnium Angelum tuum semper videt ante faciam suam. Locus autem tuae Magnitudinis in nobis est: oportet nos in unum convenire. Sume primum a me et per me Gratiam. Adapta te ut sponsa sustinens sponsum suum, ut sis quod ego et ego quod tu. Constitue in thalamo tuo semen luminis. Sume a me sponsum et cape eum et carpere in eo. Ecce Gratia descendit in te: operi os tuum et propheta» (SC 264, 194).

Marcos e os seus discípulos sentiam-se autosuficientes, por isso as suas doutrinas e a sua gnose estavam acima de qualquer Apóstolo. Sobre isto Ireneu escreve:

«Autodenominam-se perfeitos, como se ninguém pudesse comparar-se à grandeza da sua gnose nem mesmo de Paulo nem mesmo de Pedro ou outro qualquer Apóstolo, porque eles tem conhecimento superior a todos e somente beberam a grandeza e o conhecimento da Potência inefável. Eles estão na altura, acima de toda Potência, por isso podem tudo se permitir livremente e sem o nemor temor. Graças à redenção tornam-se intocáveis e invisíveis para o Juiz»¹¹⁰.

Como podemos ver, os discípulos de Marcos querem fazer um caminho paralelo à doutrina apostólica, afirmando-se como a “verdadeira gnose”. Na sua opinião, eles são detentores da Potência inefável. Por isso, podem fazer qualquer coisa, até imoralidades.

Acerca de Jesus, Marcos diz-nos que o Pai do universo elege um homem (Jesus) que apareceu através de Maria, por mediação do Logos, para dar-se a conhecer aos homens¹¹¹: «...Assim, [segundo Marcos] foi gerado através de Maria o homem que, quando da sua passagem pelo seio materno, o Pai de todas as coisas elegeu por acção do logos em vista de encontrar o conhecimento de si»¹¹². Nesta eleição, a iniciativa é de Deus Pai, mas a acção mais directa e imediata foi do Logos que elegeu o homem da economia (Jesus), para se unir. Marcos, na mesma linha valentiniana, defende a existência de dois “Jesus”: um homem da economia feito no seio de Maria e o outro Filho de Deus, que desce sobre o Jesus da economia¹¹³.

¹¹⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 13, 6: «perfectos semetipsos vocantes, quasi nemo possit exaequari magnitudini agnitionis ipsorum, nec si Paulum aut Petrum dicas vel alterum quendam apostolorum, sed plus omnibus se cognouisse et magnitudinem agnitionis illius quae est inenarrabilis Virtutis solos ebibisse. Esse autem se in altitudine super omnem Virtutem: quapropter et libere omnia agere, nullum in nullo timorrem habentes. Propter enim redemptionem incomprehensibiles et invisibiles fieri iudici» (SC 264, 202).

¹¹¹ Cf. ANTONIO ORBE, *Estudios sobre a la Teología Cristiana Primitiva*, 484.

¹¹² IRENEU, *Adversus haereses*, I, 15, 3: «Et sic qui est secundum dispositionem per Mariam generatur apud eum homo, quem Pater omnium transeuntem per vuluam elegit per Verbum ad agnitionem suam» (SC 264, 242).

¹¹³ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 15, 3: «Cum autem venisset ipse ad aquam, descendisse in eum quasi columbam [...] Ipsam autem virtutem quae descendit semen dicit esse Patris, habens in se et Filium e team quae per eos cognoscitur innominabilis virtus Siges et omnes Aeonas. Et hunc esse Spiritum qui locutus est per os | Iesu, qui se confessus est Filium Hominis et manifestavit Patrem, descendens quidem in Iesum, unitus est. Et destruxit quidem mortem, ait, qui fuit ex dispositione Salvator Iesus; agnovit autem Patrem

Marcos ignora a Verdade nascida da terra, isto porque a carne corrompe a Verdade, por isso ele não reconhece a encarnação do Logos de Deus¹¹⁴.

2.1.5 Carpócrates e Cerinto

Carpócrates era um gnóstico de família alexandrina, que ensinava na primeira metade do século II. Isso é confirmado por Ireneu, segundo o qual¹¹⁵ «alguns deles marcaram a fogo os discípulos atrás do lóbulo da orelha direita. Foi assim que Marcelina, seguidora desta seita (Carpócrates), que foi a Roma nos tempos de Aniceto, arruinou a muitos»¹¹⁶.

Para Carpócrates, o mundo foi criado por forças inferiores ao Pai ingénito (ou "Pai não gerado")¹¹⁷. Como quem, ele projectou, entre os anjos criadores, um que se destaca acima do resto, Archon (que quer dizer Príncipe). Este Príncipe ou governante é o Deus do Antigo Testamento¹¹⁸.

«Jesus nasceu de José; semelhante a todos os homens, é superior a todos porque a sua alma forte e pura se lembrava do que tinha visto na esfera do Pai ingénito. Por isso foi-

Christum Iesum. Esse ergo Iesum nomen quidem eius qui est ex dispositione homo dicit, positum autem esse in adsimilationem et figurationem eius qui incipit in eum descendere Hominis...» (SC 264, 242-244); ANTONIO ORBE, *Estudios sobre a la Teología Cristiana Primitiva*, 485-486.

¹¹⁴ Cf. ANTONIO ORBE, *Espiritualidade de San Ireneo*, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1989, XXXVI –XXXVII.

¹¹⁵ Cf. A. MONACI CASTAGNO, "Carpocrates", in DPAC, II, 366.

¹¹⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 25, 6: «Alii vero exi psis signant, cauteriantes suos discipulos in posterioribus partibus exstantiae dextrae auris. Vinde et Marcellina, quae Romam sub Aniceto venit, cum esset huius doctrinae, multos exterminavit» (SC 264, 342).

¹¹⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 25,1: «Carpocrates autem et qui ab eo mundum quidem et ea quae in eo sunt ab Angelis multo inferioribus ingénito Patre factum esse dicunt» (SC 264, 332).

¹¹⁸ Cf. SIMONE PÉTREMENT, *Le Dieu Séparé: les origines du gnosticisme*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1984, 475.

Ihe dada pelo Pai a força que Ihe permitiu escapar aos autores do mundo e assim, passando por todos completamente livre, subiu até Ele»¹¹⁹.

A ideia de que para sermos salvos das potências cósmicas devemos lembrar o que vivimos antes do nosso nascimento, evoca reminiscências platônicas. Carpócrates também defendia a teoria de que não há nenhuma boa ou má ação em si, porque o bem e o mal dependem da opinião humana. Carpócrates também defende a ideia de que Jesus deve ter experimentado tudo na sua vida para ser, uma vez morto, finalmente libertado de voltar a um corpo neste mundo¹²⁰.

O bispo de Lião também alude ao uso de artes de mágicas, encantamentos, filtros, feitiços, espiritismo, hipnotismo e outros truques, por parte dos carpocratianos, afirmando que têm poder sobre os autores deste mundo e também sobre todas as criaturas¹²¹.

Cerinto, asiático, é apresentado muitas vezes com Simão, o mago, como pseudo-apóstolo. Ele era considerado um homem muito perigoso, como dá a entender o episódio que se passou nas termas (banhos) de Éfeso, recordado pelo Eusébio, segundo o qual, um dia, S. João, discípulo do Senhor¹²²: quando «se apercebeu de que Cerinto estava lá dentro, precipitou-se para a saída, sem tomar banho, dizendo ter medo que as termas se

¹¹⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 25,1: «Iesum autem ex Ioseph natum, et cum similis reliquis hominibus fuerit, distasse a reliquis secundum id quod anima eius, firma et munda cum esset, commemorata fuerit quae visa essent sibi in ea circumlacione quae fuisset ingénito Deo; et propter hoc ab eo missam esse ei virtutem, uti mundi fabricatores effugere posset et per omnes transgressa et in omnibus liberata ascenderet ad eum» (SC 264, 332).

¹²⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 25,4: «Et utique secundum transmigrations in corpora oportere in omni vitae omni actu fieri animas – si non praecoccupans quis in uno adventu omnia agat semel ac pariter, quae non tantum dicere et audire non est faz nobis, sed ne quidem in mentis conceptionem venire, nec credere si apud homines conversantes in his quae sunt secundum nos civitates tale aliquid agitur – uti, secundum quod scripta eorum dicunt, in omni usu vitae factae animae | ipsorum, exeuntes, in eo, ne forte, propterea quod deest libertati aliqua res, cogantur iterum miti in corpus» (SC 264, 338).

¹²¹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 25,3: «Artes enim magicas operantur et ipsi et incantationes filtra quoque et charitesia et paredros et oniropompos et reliquas malignationes, dicentes se potestatem habere ad dominandum iam Principibus et Fabricatoribus mundi huius, non solum autem, sed et his omnibus quae in eo sunt facta» (SC 264, 336).

¹²² Cf. A. F. J. KLIJN, “Cerinto”, in DPAC, I, 409; ANTONIO ORBE, *Cristología Gnóstica*, 366.

desmoronassem, porque no interior se encontrava Cerinto, o inimigo da verdade»¹²³. Assim se sugere a ideia de que ele era um herege muito astuto que tentava destruir o trabalho apostólico que os Apóstolos fizeram na Ásia menor¹²⁴.

Cerinto defende ideias tipicamente gnósticas, tais como a de que o mundo não foi feito por Deus, mas por potências inferiores a Deus, que está acima de todas as coisas. Também ensinava que as potências inferiores não conheciam Deus¹²⁵. Além disso, terá dito que a força criadora não conhece o Deus que está acima de tudo. Desta forma, há quem considere que terá sido Cerinto o primeiro gnóstico propriamente dito, uma vez que terá separado do verdadeiro Deus a força criadora e tê-la-á considerado como um poder que não conhece esse Deus verdadeiro. De qualquer modo, Ireneu não diz que ele teria identificado esse poder com o Deus do Antigo Testamento. Se não o fez, faltaria ao Criador, de que fala, um carácter essencial para ser o Demiurgo gnóstico. Suponhamos que o Deus do Antigo Testamento continue a ser para Cerinto o verdadeiro Deus, que razão teria para dizer que a força criadora, não só não é esse Deus, mas que não o conhece? Que o mundo seja mal governado, não é razão suficiente para considerar o acto criador indigno. Para Simão, Deus concebe o pensamento de criar os anjos e os arcanjos; assim o seu pensamento se concretiza fora de si e, sabendo a vontade do seu Pai, gera os anjos e as forças; em seguida esses anjos e forças fazem o mundo, mas ignoram totalmente a existência do próprio Deus. Se, para Cerinto, o criador não conhece Deus, é porque provavelmente é um poder que sabe, que ensina, e não uma simples força material que não

¹²³ IRENEU, *Adversus haereses* III, 3,4: «cum vidisset intus Cerinthum, exsilierit de balneo non lotus, dicens quod timeat ne balneum concidat, cum intus esset Cerinthus inimicus veritatis» (SC 211, 42).

¹²⁴ Cf. A. F. J. KLIJN, “Cerinto”, in DPAC, I, 409.

¹²⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 26,1: «Et Cerinthus autem quidam in Asia non a primo Deo factum esse mundum docuit, sed a Virtute quadam valde separata et ignorante ab ea Principalitate quae est super universa et ignorante eum qui est super omnia» (SC 264, 344); FRANZ COURTH, *Dios, Amor Trinitario*, EDICEP C.B., Valência, 1994, 157.

sabe nada. Parece, então, que a força criadora de que falava Cerinto, e que é separada de Deus, não poderia ser esse Deus do Antigo Testamento¹²⁶.

Só a ideia de que Jesus não era, à partida, mais do que um homem como todos os outros poderia ligar Cerinto ao judeo-cristianismo: Na verdade, é por causa dessa ideia que Ireneu fala dos Ebionitas logo depois de ter falado de Cerinto, apesar de os Ebionitas, aparte essa ideia, não terem nada em comum com Cerinto e o que ele representa, uma vez que este terá sido mais um gnóstico do que um judeo-cristão¹²⁷.

A literatura cristã antiga enquadra os Ebionitas dentro das seitas judeo-cristãs. Todas as seitas judeo-cristãs têm em comum o facto de verem Jesus como um simples homem¹²⁸. Segundo Ireneu, Ebionitas utilizam somente o Evangelho segundo São Mateus e rejeitam São Paulo como inimigo da Lei. Os Ebionitas viviam muitos agarrados à Lei (praticavam a circuncisão, adoravam Jerusalém como se fosse a casa de Deus) e faziam interpretações das profecias de uma forma muito curiosa¹²⁹. Eles não são gnósticos, no sentido estrito do termo, nem faziam a distinção entre o Deus desconhecido e o Deus Criador. Também não distinguem as economias fundamentais do Deus Bom e Justo¹³⁰. Segundo Ireneu, os ebionitas admitiam que o mundo foi criado por Deus, mas, relativamente ao Senhor (Jesus), eles pensam da mesma forma que Cerinto e Carpócrates¹³¹. Para os ebionitas, Jesus nasceu como um homem normal, isto é, não nasceu da Virgem e é verdadeiramente filho de José, isto é, não há milagre na sua concepção. Em contrapartida, não mostram as razões,

¹²⁶ Cf. SIMONE PÉTREMENT, *Le Dieu Séparé*, 412-413.

¹²⁷ Cf. SIMONE PÉTREMENT, *Le Dieu Séparé*, 418-422; ANTONIO ORBE, “*En torno a los Ebionitas: Ireneo, Adversus haereses IV, 33, 4*”, in *Augustinianum* 33 (1993) 327-328.

¹²⁸ Cf. A. F. J. KLIJN, “Ebionitas”, in DPAC, I, 651.

¹²⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 26,2: «solo autem eo quod est secundum Mattaeum Evangelio utuntur, et apostolum Paulum recusant, apostatam eum legis dicentis. Quae autem sunt profetica curiosius exponere nituntur» (SC 264, 346).

¹³⁰ Cf. ANTONIO ORBE, *La unción del verbo: Estudios Valentinianos*, III, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1961, 319.

¹³¹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 26, 2: «Qui autem dicuntur Ebionaei consentiunt quidem mundum a Deo factum, ea autem quae sunt erga Dominum non similiiter ut Cerinthus et Carpocrates opinantur» (SC 264, 346).

quando dizem que Jesus é diferente dos homens na santidade, na prudência e na sabedoria. Pois, segundo eles, Jesus atingiu um grau de pureza que o faz sobressair acima de todos os homens. Também defendem que Cristo só se juntou a Jesus no batismo, através de uma potência que está acima de todas as coisas. Porque antes, Jesus era um puro homem que não conhecia o Pai e nem o podia anunciar.

2.1.6 Marcião

Marcião nasceu em Sínope, na costa do mar Negro, hoje conhecido por Sinop. A família de Marcião pertencia à mais alta classe social da época. O próprio Marcião contribuiu para a riqueza da sua família como armador¹³². Foi excomungado pelo seu pai, que teria sido bispo¹³³.

Quando chegou a Roma associou-se à comunidade dos fiéis, mas foi por pouco tempo. As suas doutrinas opunham-se aos ensinamentos da Igreja, até que os chefes desta exigiram que se retratasse. Mas Marcião não abandonou a sua doutrina e por isso foi expulso da comunidade no ano 144. Fundou, então, uma igreja própria que se foi estendendo e ganhando muitos seguidores. Já no século V, a Igreja de Marcião chegava até ao Oriente, especialmente à Síria e perdurou até aos princípios da Idade Média¹³⁴.

Marcião expôs a sua doutrina numa obra intitulada *Antíteses*, a qual se perdeu. Segundo Ireneu, ele é da mesma linha do gnóstico sírio, Cerdón. Este ensina que «o Deus proclamado pela Lei e pelos Profetas não é Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque é este

¹³² Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 264.

¹³³ Cf. B. ALAND, “Marcion, Marcionismo”, in DPAC, II, 1354.

¹³⁴ Cf. B. ALAND, “Marcion, Marcionismo”, in DPAC, II, 1354.

conhecido e aquele é desconhecido; um é justo e o outro é bom»¹³⁵. Segundo Ireneu, Marcião faz destas palavras as suas palavras e deu um novo impulso à escola de Cerdón em Roma, que blasfemava contínua e desavergonhadamente acerca do Deus anunciado pelos profetas e do Deus da Lei. Para eles, este Deus é maléfico, muito guerreiro e amigo de derramar sangue¹³⁶. Segundo Ireneu, o bispo de Esmirna, Policarpo, chegou a chamar a Marcião «primogénito de Satanás»¹³⁷.

Podemos dizer que Marcião é partidário de um gnosticismo próprio, pois o seu pensamento difere, em parte, dos outros gnósticos. Ele não está muito preocupado em especular sobre a desordem das coisas que governam o mundo, nem tão pouco está preocupado com as emanções iónicas. Também não faz interpretações alegóricas das escrituras, tal como fazem os outros gnósticos. Em contrapartida, as ideias que tem sobre Cristo e Deus Pai têm muito em comum com o gnosticismo¹³⁸.

«Fez crer aos seus discípulos que ele é mais verídico do que os Apóstolos que transmitiram o Evangelho, uma vez que põe nas suas mãos não o Evangelho, mas uma simples parte do Evangelho. Da mesma forma, mutila as cartas do Apóstolo Paulo, eliminando todos os textos em que se afirma claramente que o Deus que criou o mundo é o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, assim como todas as passagens onde o Apóstolo lembra as profecias que prenunciavam a vinda do Senhor.[...] A este que foi o único a ter a ousadia de mutilar abertamente as Escrituras e de ultrajar a Deus, despidoradamente, mais do que os outros nós o contradizemos separadamente»¹³⁹.

¹³⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 27,1: «...docuit eum qui a lege et prophetis adnuntiatus sit Deus non esse Patrem Domini nostri Christi Iesu. Hunc enim cognosci, illum autem ignorari; et alterum quidem iustum, alterum autem bonum esse» (SC 264, 348).

¹³⁶ Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 265.

¹³⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 3, 4: «primogenitum Satanae» (SC 211, 42).

¹³⁸ Cf. B. ALAND, «Marcion, Marcionismo», in DPAC, II, 1354.

¹³⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 27,2.4: «semetipsum veraciorem esse quam sunt hi qui Euangelium tradiderunt apostoli suasit discipulis suis, non Euangelium, sed particulam Euangelii tradens eis. Similiter autem et apostoli Pauli epistolas abscidit, auferens quaecumque manifeste dicta sunt ab Apostolo de eo Deo qui mundum fecit, quoniam hic Pater Domini nostri Iesu Christi, et quaecumque ex prophetis memorans Apostolus docuit praenuntiantibus adventum Domini [...] Sed huic quidem, quoniam et solus manifeste ausus est circumcidere Scripturas et impudorate super omnes obtrectare Deum, seorsum contradicemus» (SC 264, 350-352).

Marcião optou por opor o Novo Testamento ao Antigo. E ainda foi mais além: eliminou todos os textos do Novo Testamento que faziam referência ao Antigo Testamento. Podemos dizer que Marcião ajustou o Evangelho à sua doutrina, que se contrapunha ao Evangelho da Tradição Apostólica. O Evangelho mutilado que ele criou pretendia ser mais credível e coerente do que o Evangelho da Tradição Apostólica. Para Marcião, os mistérios do Antigo Testamento que falam do Messias de uma forma imperfeita, com categorias hebraicas e também com mensagem muito pobre, nada tem a ver com e os verdadeiros mistérios, que são os do Novo Testamento, o qual rompe por completo com as categorias cognoscíveis antigas.

Ele quer reconstituir o Evangelho, com base na novidade total de Jesus Cristo. Porque a Lei e os profetas põem o acento tónico no temor a Deus, numa justiça rigorosa, enquanto o Evangelho deve falar mais de amor e de uma infinita misericórdia. Por isso, o Deus dos profetas e da Lei é um Deus maléfico¹⁴⁰. Recusando completamente o Antigo Testamento e dizendo que o mesmo tinha uma ignorância absoluta sobre o verdadeiro Deus, afirmava que o Novo Testamento trazia uma verdade absoluta sobre Deus do qual nada se conhecia antes de Cristo. O caminho da Salvação é inaugurado por Jesus Cristo, Filho de Deus¹⁴¹.

Consequentemente, Jesus Cristo não é o Messias profetizado no Antigo Testamento, Ele não nasceu da Virgem Maria. Marcião descrever quem é Jesus Cristo:

«Quanto a Jesus, enviado pelo Pai que está acima do Deus criador do mundo, veio à Judeia no tempo em que era governador Pôncio Pilatos, procurador de Tibério César, manifestou-se

¹⁴⁰ Cf. ANTONIO ORBE, *Cristología Gnóstica*, 496.

¹⁴¹ Cf. ANTONIO ORBE, *Espiritualidad de San Ireneo*, IX.

em forma humana aos que estavam na Judeia e aboliu os profetas, a Lei e as obras todas do Deus criador, e que eles dizem Cosmocrátor»¹⁴².

Como podemos ver neste trecho, Jesus Cristo é o Todo-poderoso que vem abolir o Deus do Antigo Testamento, afirmando-se como um verdadeiro Deus.

2.2 A “Verdadeira gnose”

Depois de analisarmos o processo através do qual Ireneu desmascarou a “falsa gnose”, passamos a apresentar o que é a “verdadeira gnose”. Na primeira, cada um depende da sua própria verdade¹⁴³. Os gnósticos são incapazes de mostrar a “verdadeira gnose”, visto que, segundo Ireneu, são falsos e a sua doutrina é uma “falsa gnose”¹⁴⁴. A “gnose” que os heréticos defendem não passa de uma pretensão aos olhos de Ireneu. Faltam-lhes elementos básicos, que não lhes permitem possuir o conhecimento verdadeiro¹⁴⁵.

Para o bispo de Lião, a Igreja aparece como detentora da “verdadeira gnose”, que vem dos Apóstolos e que é conservada em toda a Igreja de Cristo, através da sucessão dos

¹⁴² IRENEU, *Adversus haereses*, I, 27,2: «Iesum autem ab eo Patre qui est super mundi fabricatorem Deum, venientem in Iudaeam temporibus Pontii Pilati praesidis, qui fuit procurador Tiberii Caesaris, in hominis forma manifesta | tum his qui in Iudea erant, dissoluentem profetas et legem et omnia opera eius Dei qui mundum fecit, quem et Cosmocratorem dicit» (SC 264, 350).

¹⁴³ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 2,1: «Et hanc sapientiam unusquisque eorum esse dicit quam a semetipso adinuenerit, fictionem videlelicet, ut digne secundum eos sit veritas aliquando quidem in Valentino, aliquando autem in Marcionem aliquando [...] postea deinde in Basilide fuit aut et in illo qui contra disputat [...] Vnusquisque enim ipsorum omnimodo perversus semetipsum, regulam veritatis deprauans, praedicare nom confunditur» (SC 211, 26).

¹⁴⁴ Cf. PEDRO A. TALAVERA, *La Metodología Teológica de Ireneo de Lyon*, 7.

¹⁴⁵ Cf. ILDO FORTES, *O Espírito Santo e a Igreja em Santo Ireneu*, Dissertação de Licenciatura Canónica (2º grau), Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2001, 13.

presbíteros (bispos). No entanto, os “falsos gnósticos” dizem que encontraram a verdade porque são mais sábios que os presbíteros e até os Apóstolos¹⁴⁶.

2.2.1 Tradição Apostólica / Escritura / “Regra da fé” / Igreja

A “verdadeira gnose” apresenta as suas características próprias: a Tradição Apostólica; a Escritura; a “Regra da fé”, a Igreja e a Caridade. Assim o crê Ireneu. A Tradição Apostólica, a Escritura e a Igreja que alimenta a fé e a caridade são garantes da “verdadeira gnose”, isto é, são fontes que lhe dão credibilidade e sustentabilidade.

A) Tradição Apostólica

A Tradição Apostólica é um elemento marcante na teologia de Ireneu, sobretudo na refutação que faz dos gnósticos. A Sagrada Tradição é que dá crédito ao Verbo de Deus; daí que a “verdadeira gnose” encontre consistência na Tradição. Segundo ele, não se pode ir em busca da verdade no gnosticismo, porque:

«Todos eles (os gnósticos) vieram muito tempo depois dos bispos aos quais os apóstolos confiaram as Igrejas [...]. Todos estes hereges que mencionámos, por serem cegos em relação à verdade, são obrigados a trilhar caminhos diferentes e

¹⁴⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 2,2: «Cum autem iterum ad eam traditionem quae est ab apostolis, quae per successiones presbyterorum in Ecclesiis | custoditur, proucamus eos, adversantur traditioni, dicentes se non solum presbyteris sed etiam apostolis existentes sapientiores sinceram inuenisse veritatem» (SC 211, 26-28).

impraticáveis: por isso, os vestígios dos seus ensinamentos, discordes e contraditórios, estão dispersos por todos os lados»¹⁴⁷.

Como já tínhamos visto, para Ireneu, é a Tradição Apostólica que dá sustento à “verdadeira gnose”. Os caminhos trilhados pelos gnósticos são caminhos que não nos levam a uma verdade autêntica, pois carecem de coerência e de apostolicidade. A “verdadeira gnose” requer a apostolicidade, coisa que não há na “falsa gnose” cuja genealogia, Ireneu defende começar com «Simão, pai de todos os hereges»¹⁴⁸. Ireneu conhece perfeitamente a forma de pensar dos gnósticos. Também é claro para ele, ao contrário dos gnósticos, que o Antigo Testamento e o Novo Testamento nunca podem ser compreendidos senão numa linha evolutiva da mensagem divina. Toda a evolução requer uma continuidade onde podemos verificar um certo progresso e não substituição, ou ruptura com a Tradição Apostólica, como os gnósticos fizeram¹⁴⁹.

B) Escritura

A Sagrada Tradição não recusa a Sagrada Escritura, muitos menos a mutila, tal como fazem os gnósticos. A Tradição Apostólica mantém o vínculo com a Escritura, fonte credível da “verdadeira gnose”. Segundo Ireneu, temos de ser fiéis “ao que nos ensinam as Escrituras”:

¹⁴⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 20,1: «Omnes enim hi valde posteriores sunt quam episcopi, quibus Apostoli tradiderunt Ecclesias [...] Necessitatem ergo habent praedicti haeretici, quoniam sint caeci ad veritatem, alteram et alteram ambulare exorbitantem viam: et propter hoc inconsonanter et inconsequenter dispersa sunt vestigia doctrinae ipsorum» (SC 153, 252-254).

¹⁴⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, III, Pr.: «Adgressi sumus autem nos, arguentes eos a Simone patre omnium haeticorum» (SC 211, 16).

¹⁴⁹ Cf. JOSÉ GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios: significado salvador de la Encarnación en la teología de san Ireneo*, Editorial Herder, Barcelona, 1969, 94.

«Que Deus fez este mundo através da criação, com início no tempo, é o que nos ensinam todas as Escrituras; mas o que (Ele) fazia antes disso, nenhuma Escritura no-lo indica. Portanto, a resposta a esta pergunta pertence a Deus e não é necessário querer imaginar emanações loucas, estúpidas e blasfematórias e na ilusão de ter descoberto a origem da matéria, rejeitar o Deus que fez todas as coisas»¹⁵⁰.

A “verdadeira gnose” de que nos falam as Escrituras não é uma gnose de emanações sucessivas, mas é uma que nos fala de um Deus criador, isto é, de um Deus que não precisa de emanações para criar o mundo e todas as coisas que nele existem. A Escritura, como nota ou como elemento constituinte da “verdadeira gnose”, tem de ser compreendida no seu todo.

C) “REGRA DA FÉ”

Outro critério de verdade e credibilidade da verdadeira gnose é a “Regra da fé”. Esta noção ocupa um lugar central na argumentação anti-gnóstica de S. Ireneu. Nela se condensam os conteúdos fundamentais da revelação cristã, isto é, a doutrina dos Apóstolos recebida pela “Grande Igreja”¹⁵¹. O conteúdo da “Regra da fé” ou “Regra da verdade” desenvolve-se com a base na fé trinitária professada no Baptismo. Devemos sempre ter

¹⁵⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 28,3: «Quoniam autem mundus hic factus est ἀποτελεστικῶς a Deo, tempo | rale initium accipens, Scripturae nos docent; quid autem ante hoc Deus sit operatus, nulla Scriptura manifestat. Subiacet ergo haec responsio Deo, et non ita stultas et sine disciplina blasfemas adinuenire velle prolationes, et per hoc quod putas te invenisse materiae prolationem, ipsum Deum qui fecit omnia reprobare» (SC 294, 276-278).

¹⁵¹ Cf. V. GROSSI, “Regula Fidei”, in DPAC, II, 1880; ISIDRO LAMELAS, *Sim, Cremos:o Credo comentado pelos Padres da Igreja*, Univercidade Católica Editora, Lisboa, 2013, 38.

presente o contexto da sua origem e da sua função, enquadrado no ensinamento da fé e na luta contra as heresias¹⁵².

A “Regra da fé”, enquanto primeiras fórmulas do credo cristão, são um compêndio “regulador” da vida e reflexão da comunidade católica. Razão pela qual Ireneu dela deita mão para responder à especulação gnóstica adversa a qualquer cânon coletivo. Para não nos alongarmos nem repetirmos, pois são muitos os passos em que a Obra de Ireneu se refere a esta noção, deixamos apenas alguns exemplos dos conteúdos incluídos na “regra da fé”¹⁵³:

«Existe um só Deus todo-poderoso que tudo criou pelo seu Verbo, ordenou e criou do nada todas as coisas, para que todas existissem, como diz a Escritura: com o Verbo do Senhor foram formados os céus, e com o Sopro da sua boca toda a potência deles (Sl 32,6) E ainda: Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito (Jo 1,3). Dizendo “tudo”, nada fica de fora; por meio do Verbo o Pai fez todas as coisas visíveis e invisíveis, as sensíveis e as inteligíveis, as temporais para uma verdadeira economia, e as eternas. Não as criou por meio de Anjos, nem de Potências distintas do seu Pensamento, porque o Deus de todas as coisas não precisa de ninguém, mas por meio do Verbo e do seu Espírito cria, dispõe, governa e dá existência a todas as coisas»¹⁵⁴.

¹⁵² Cf. ISIDRO LAMELAS, *Sim, Creemos*, 38; V. GROSSI, “*Regula veritatis e narrativo battesimale in S. Ireneo*”, in *Augustinianum* 12 (1972) 438-439.

¹⁵³ Cf. A. BREKELMANS, “*Confesiones de fe en la antigua iglesia: origen y función*”, in *Concilium* 51 (1970) 38.

¹⁵⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 22,1: «Id est quia sit unus Deus omnipotens qui omnia condidit per Verbum suum et aptavit et fecit ex eo quod non erat ad hoc ut sint omnia, quemadmodum Scriptura dicit: Verbo enim Domini caeli firmati sunt, et Spiritu oris eius omnis virtus eorum, et iterum: Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil – ex ómnibus autem nihil subtractum est, sed omnia | per ipsum fecit Pater, sive visibilibilia sive invisibilia, sive sensibilia sive intellegibilia, sive temporalia propter quandam dispositionem sive sempiterna et aeterna, non per Angelos neque per Virtutes aliquas abscisas ab eius sententia, nihil enim indiget ómnium Deus, sed et per Verbum et Spiritum suum omnia faciens et disponens et gubernans et ómnibus esse praestans» (SC 264, 308).

O conteúdo da “Regra da fé” acima apresentado, não só salvaguarda a fé cristã, mas também transmite o núcleo essencial das verdades cristãs, indicando um método para orientar a investigação no processo contínuo de inculturação da fé¹⁵⁵.

A credibilidade da “Regra da fé” ou da “Regra da verdade” vem dos Apóstolos e por isso a mesma está presente em todas as comunidades eclesiais:

«A Igreja, embora espalhada por todo o mundo habitado, recebeu dos apóstolos e dos seus discípulos a fé num só Deus, Pai onipotente que criou o céu e a terra, os mares e tudo o que neles existe; num só Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado para a nossa salvação; e no Espírito Santo, que, por meio dos profetas, anunciou as economias, as vindas, o nascimento da Virgem, a paixão, a ressurreição dos mortos, assunção ao céu na carne do nosso dilecto Jesus Cristo nosso Senhor e a segunda vinda na glória do Pai, para recapitular todas as coisas em si e ressuscitar toda a carne da humanidade inteira»¹⁵⁶.

A *Regula fidei* ou *Regula veritatis* para além de o *symbolum fidei*, também assume um teor normativo, que deve ser sobre tudo para aos baptizados¹⁵⁷.

¹⁵⁵ Cf. V. GROSSI, “Regula Fidei”, in DPAC, II, 1881.

¹⁵⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 10,1-3: « Ecclesia enim per universum orbem usque ad fines terrae seminata, et ab apostolis et discipulis eorum accepit eam fidem quae est in unum Deum Patrem onnipotentem, qui fecit caelum et terram et mare et omnia quae in eis sunt, et unum Christum Iesum Filium Dei, incarnatum pro nostra salute, et in Spiritum Sanctum, qui per profetas praedicavit | dispositiones Dei et adventum et eam quae ex Virgine generationem et passionem et resurrectionem a mortuis et in carne in caelos ascensionem dilecti Iesu Christi Domini nostri et de caelis in gloria Patris adventum eius ad recapitulanda universa et resuscitandam omnem carnem humani generis, ut Christo Iesu Domino nostro et Deo et Salvatori et Regi secundum placitum placitum Patris invisibilis omne genu curvet caelestium et terrestrium et infernorum et omnis lingua confiteatur ei» (SC 264, 154-156).

¹⁵⁷ Cf. ISIDRO LAMELAS, *Sim, Cremos*, 39.

D) IGREJA

Ireneu vai ainda mais longe, ao querer mostrar que as fontes da “verdadeira gnose” não são apenas a Tradição e as Escrituras, mas também a Igreja. A Igreja é orientada pela Tradição e pelas Escrituras; por isso nela encontramos a “verdade revelada”. Segundo o bispo de Lião, a Igreja bebe directamente da Tradição Apostólica:

«... Assim pois. A tradição dos Apóstolos, que foi manifestada no mundo inteiro, é em toda a Igreja que pode ser descoberta por todos os que queirem ver a verdade. Poderíamos enumerar aqui os bispos que foram estabelecidos nas Igrejas pelos apóstolos e os seus sucessores até nós; e que nunca ensinaram nem conheceram algo que se parecesse com as maginações delirantes. [...] Com esta ordem de sucessão chegou até nós, na Igreja, a tradição apostólica e a preparação da verdade. E eis a prova mais completa de que é uma só e idêntica a si mesma esta fé vivificante, que, na Igreja, é conservada e transmitida na verdade, desde os apóstolos até agora»¹⁵⁸.

A Igreja aparece aqui, segundo Ireneu, como um caminho a percorrer por todos os que querem ser peregrinos da verdade, pois é ela a herdeira da Tradição Apostólica. Ireneu mostra-nos ainda o porquê de a Igreja ser o caminho ou o depósito da “verdadeira gnose”: a Igreja nunca ensinou nada que não tivesse já sido ensinado pelos Apóstolos. Ela sempre ensinou que o verdadeiro criador do mundo é o Verbo de Deus, (não como os gnósticos sempre ensinaram, que o criador do mundo era um demiurgo psíquico, deus de segunda categoria). A Igreja sempre ensinou que o Verbo de Deus é que nos dá o mundo a conhecer, através da sua criação, da sua encarnação e com a sua crucifixão¹⁵⁹.

¹⁵⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 3,1.3: «Traditionem itaque apostolorum in toto mundo manifestatam in omni Ecclesia adest perspicere omnibus qui vera velint lidere, et habemus adnumerare eos qui ab apostolis instituti sunt episcopi in Ecclesiis et successores eorum usque ad nos, qui nihil tale docuerunt neque cognoverunt quale ad his deliratur [...] Hac ordinatione et successione ea quae esta apostolis in Ecclesia traditio et veritatis praeconatio pervenit usque ad nos. Et est plenissima haec ostensio, unam et | eandem vivificatricem fidem esse quae in Ecclesia ab apostolis usque nunc sit conservata et tradita in veritate» (SC 211, 30.38).

¹⁵⁹ Cf. ANTONIO ORBE, *Los primeros herejes ante la persecución*, 214.

A doutrina dos Apóstolos faz parte da essência da Igreja, ela tem a missão de difundir a verdade do Verbo de Deus em todo o mundo, através da “sucessão apostólica”¹⁶⁰.

2.2.2 Critério da caridade

Segundo Ireneu, a caridade é a nota decisiva constituinte da “verdadeira gnose”. O homem é capaz da verdade, porque Deus a revela através de Jesus Cristo, o seu Verbo Encarnado. Jesus dá-nos a conhecer o amor, isto é, dá-nos a conhecer o Pai na sua caridade para com os homens¹⁶¹. O que nos leva a concluir que sem a caridade não há conhecimento possível da verdade. Tal como Ireneu afirma:

«Todos os que têm opiniões erradas, impressionados pela legislação de Moisés, que julgam diversa e contrária à do Evangelho, deixaram de estudar as causas desta diferença entre os dois Testamentos. Desprovidos do amor do Pai e inflamados por Satanás voltaram-se para a doutrina de Simão, o mago, afastando-se com o seu pensamento do verdadeiro Deus»¹⁶².

Os que se afastam da “verdade revelada” em Cristo enveredam por caminhos errados, isto é, por caminhos adversos à revelação de Deus nos dois Testamentos. A vontade de conhecimento não pode andar sem a caridade, isto é, sem o amor revelado por

¹⁶⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 33,8: «Agnito vera est Apostolorum doctrina, et antiquus Ecclesiae status in universo mundo, et character corporis Christi secundum successiones episcoporum quibus illi eam quae in unoquoque loco est Ecclesiam tradiderunt» (SC 100, 820-822).

¹⁶¹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 16,9: «Ut quid Christus, cum adhuc essemus infirmi, secundum tempus pro impiis motus est? Commendat autem suam dilectionem Deus in nobis quoniam cum adhuc essemus peccatores, Christus pro nobis mortuus est» (SC 211, 324).

¹⁶² IRENEU, *Adversus haereses*, III, 12,12: «Omnes enim qui sunt malae sententiae, moti ab ea legislatione quae est secundum Moysen, dissimilem eam et contrariam Euangelii doctrinae arbitrantes, non iam sunt conversi uti differentiae utriusque Testamenti inquirerent causas. Deserti | igitur cum sint a paterna dilectione et inflati a Satana, conversi in Simonis magi doctrinam, abstiterunt sententiis suis ab qui est Deus» (SC 211, 230).

Jesus Cristo. A “falsa gnose” está desprovida da caridade de Deus; sem ela não há conhecimento possível de Deus. A “gnose” sem a caridade afasta-se do que é verdadeiro, pois, sem a caridade, as atitudes do gnosticismo ficam inflamadas por Satanás. Segundo Ireneu, a caridade é um caminho que nos leva à verdade, isto é, a um conhecimento perfeito de Deus.

Ireneu, ao falar da caridade como elemento constituinte da “verdadeira gnose”, tem presente o *hino à caridade* de São Paulo: «Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que soa, ou um címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, [...] se não tiver amor, nada sou» (1Cor 13, 1-2). Sobre a caridade, Ireneu diz-nos:

« mais importante, é o dom da caridade, mais precioso do que a gnose, mais glorioso do que a profecia, superior a todos os outros carismas. Eis porque a Igreja, no seu amor por Deus, em todo o lugar e todo o tempo, envia multidão de mártires ao Pai, enquanto os outros não podem mostrar junto de si esse fenómeno»¹⁶³.

Neste trecho, a caridade aparece à frente da “gnose”; Ela é que dá forma às coisas, isto é, ela é a razão de ser das coisas. Sem ela, não há carisma possível¹⁶⁴. A Igreja só é Igreja na medida que está imbuída da caridade na sua missão perante aos homens, ao contrário dos falsos gnósticos, que agem fora dos parâmetros da caridade, usando e enganando as pessoas, muitas vezes com falsas doutrinas¹⁶⁵.

¹⁶³ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 33,8: «et praecipuum dilectionis munus, quod est pretiosius quam agnitio, gloriosius autem quam propheta, omnibus autem reliquis charismatibus supereminens. Quapropter Ecclesia omni in loco ab eam quam habet erga Deum dilectionem multitudinem martyrum in omni tempore praemittit ad Patrem, reliquis autem omnibus non tantum non habentibus hanc rem ostendere apud se [...]» (SC 100, 820).

¹⁶⁴ Cf. ILDO FORTES, *O Espírito Santo e a Igreja em Santo Ireneu*, 13-14.

¹⁶⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 13, 3. 23,1: «Sume primum a me et per me Gratiam. Adapta te ut sponsa sustinens sponsum suum, ut sis quod ego et ego quod tu. Constitue in thalamo tuo semen luminis. Sume a me sponsum et cape eum et carpere in eo. Ecce Gratia descendit in te: operi os tuum et propheta [...] Vir autem quidam nomine Simon, qui ante erat in ciuitate, magiam exercens et seducens gentem Samaritanorum, dicens se esse aliquem magnum» (SC 264, 194.312).

A caridade é própria da verdade revelada, ao contrário da “falsa gnose” que age muitas vezes imbuída pelo orgulho, fruto da sua pretendida ciência¹⁶⁶. Tal como São Paulo, Ireneu afirma: «A ciência incha, mas a caridade edifica. Se alguém pensa que sabe alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber» (1Cor 8,1-2). Por isso, ninguém pode afirmar ser detentor da verdade, senão Jesus Cristo, que vem do interior de Deus Pai¹⁶⁷. « É melhor e mais útil ser ignorante, ou de pouca cultura, e aproximar-se de Deus pela caridade, do que julgar-se sábio e esperto e encontrar-se blasfemador contra o Senhor por ter inventado outro Deus e Pai»¹⁶⁸. A falta de caridade na doutrina da “falsa gnose”, não leva os seus seguidores a perceberem que não podem «conhecer os mistérios inefáveis de Deus, quando o Senhor, o Filho de Deus, admite que só o Pai conhece o dia e a hora do juízo»¹⁶⁹.

A “gnose” edifica-se da fé. O caminho da “verdadeira gnose”, segundo Ireneu, é o próprio Jesus Cristo, o Filho de Deus. Para os sectários, isto é, para a “falsa gnose”, a “gnose” é a salvação. Mas, para Ireneu, a “gnose” sem a caridade é vã, isto é, a “gnose” sem caridade não tem consistência em si mesma. O garante e o selo da perfeição é a caridade, visto que ela é a mais superior a todas as coisas¹⁷⁰.

Ireneu percebeu que a falta da caridade espelha o orgulho, que acaba por conduzir a fantasias que nada têm a ver com a busca da verdade, e que levam facilmente à ruptura da unidade e da comunhão. O resultado é fruto de uma vida vazia do amor revelado pelo Verbo encarnado, isto é, uma vida de «aparência exterior»¹⁷¹. Os falsos gnósticos acima descritos, não realizam uma reflexão teológica, nem sequer uma reflexão lógica, mas

¹⁶⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 28,9: «vel aliquis eorum qui alitudines Dei exquisisse se dicunt: non in ea quae invisibilia sunt vel quae ostendi non possunt cum inani iactantia decorans semetipsum plus quam reliquos se agnouisse gloriatur» (SC 294, 290).

¹⁶⁷ Cf. PEDRO A. TALAVERA, *La Metodología Teológica de Ireneo de Lyon*, 111.

¹⁶⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 26,1: «Melius est ergo et utilius idiotuas et parum scientes existere et per caritatem proximum fieri Deo, quam putare multum scire et multa expertos in suum Dominum blasfemos inveniri, alterum Deum Patrem fabricantes» (SC 294, 256).

¹⁶⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 28, 6: «Inenarrabilia Dei mysteria scire vos dicitis quandoquidem et Dominus, ipse Filius Dei ipsum iudicii diem et horam concessit scire solum Patrem» (SC 294, 282).

¹⁷⁰ Cf. ANTONIO ORBE, *Espiritualidad de San Ireneo*, 245.

¹⁷¹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, Pr. 2: «Exteriori phantasmate» (SC 264, 20).

tentam, sim, fazer uma doutrina a coberto de fantasias com aparência de verdade teológica, sem o critério da caridade¹⁷².

A ausência da verdadeira caridade na “falsa gnose” afasta os homens da Igreja que recebeu a verdade revelada pelo Verbo encarnado da Tradição Apostólica e a transmitiu para os seus sucessores¹⁷³.

¹⁷² Cf. PEDRO A. TALAVERA, *La Metodología Teológica de Ireneo de Lyon*, 112.

¹⁷³ Cf. A. MONCI CASTAGNO, “Carismas”, in DPAC, I, 361-362.

«Ninguém pode conhecer o Pai sem o Verbo de Deus, isto é, sem o Filho que o revela. Também não se conhece o Filho sem a vontade do Pai. O Filho faz a vontade do Pai, pois o Pai envia, o Filho é enviado e vem a nós [...] o Filho leva-nos ao conhecimento do Pai pela sua própria encarnação. Pois a manifestação do Filho é o conhecimento do Pai; realmente, é pelo Verbo, que tudo nos revela, que é revelado»

(IRENEU, *Adv. haer.*, IV, 6,3)

«A Igreja, embora dispersa por todo o mundo até aos confins da terra, tendo recebido dos Apóstolos e dos seus discípulos a fé [...] guarda esta pregação e esta fé com tanto cuidado como se habitasse numa só casa; nela crê de modo idêntico, como tendo um só coração e uma só alma; prega-a, ensina-a e transmite-a com voz unânime, como se tivesse uma só boca»

(IRENEU, *Adv. haer.*, I, 10,1-2)

CAPÍTULO III - A Credibilidade do Cristianismo

No capítulo II, ocupámo-nos mais com a apresentação das correntes gnósticas do tempo de Ireneu, como fase preparatória da sua obra - *Adversus haereses* -, sempre como perspectiva de alertar os cristãos para os perigos da “falsa gnose”.

No capítulo III, pretendemos estudar as respostas que o bispo de Lião dá face à cultura gnóstica, apresentando a verdade do Verbo revelado em Jesus Cristo. De facto, o conhecimento autêntico e verdadeiro passa pelo Verbo de Deus. Na verdade, ele tenta responder ao gnosticismo apresentando e explicando quem é o verdadeiro Verbo de Deus: Cristo, fonte da “verdadeira gnose”. Como veremos, baseia-se em fontes credíveis para falar da verdade do Verbo de Deus.

O bispo de Lião apela aos gnósticos para olharem para Cristo, fonte da verdade. Porque só Ele é que nos dá um verdadeiro conhecimento do Pai e Nele toda a criatura é recapitulada. E é a Igreja de Cristo - enquanto lugar da “verdadeira gnose” – que tem autoridade de ensinar o caminho da verdade aos homens. A autoridade da Igreja deriva dos Apóstolos e é assegurada pelo mesmo Espírito Santo que fala nas Escrituras, nos Apóstolos e através da Igreja.

3.1 Manifestação do mistério de Deus na História

Neste ponto, propomo-nos mostrar a forma como Ireneu, face à “falsa gnose”, expunha a manifestação do mistério de Deus na história, que culmina na encarnação do Verbo de Deus.

Segundo ele, a Revelação divina tem de ser vista como um todo; ela é progressiva, e decorre na história de um povo ou de uma Igreja, isto é, é pública. O Deus que se revela é o Deus Trino, por isso, a “economia da revelação” é sempre obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Mesmo sem usar o termo “Trindade”, o bispo de Lião tem sempre presente a Trindade como núcleo fundante da sua teologia anti-gnóstica.

O conhecimento autêntico e verdadeiro passa pelo Verbo de Deus que se fez carne: «O Verbo fez-se homem e veio habitar entre nós» (Jo 1,14).

Em Ireneu, a eternidade do Verbo de Deus é também fonte da credibilidade da verdade do mesmo. Verbo de Deus é antes da criação de todas as coisas, e, por isso, só Ele pode dar-nos o verdadeiro conhecimento de Deus. Não há uma “verdadeira gnose” sem a verdade do Verbo de Deus revelada. «Jesus é a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque foi nele que todas as coisas foram criadas...» (Cl 1,15-16).

3.1.1 A economia global (unidade da Revelação Divina)

Um dos critérios de credibilidade da fé cristã é pressuposto pela própria noção de “economia”. A economia da revelação parte de um Deus que é unidade em Si, e, por isso, a sua revelação tem uma continuação coerente e progressiva, uma vez que Deus dá a

conhecer paulatinamente a sua graça. Mas o facto de Deus se dar paulatinamente e de muitas formas, não significa que há vários ou destintos deuses ou “economias” contrapostas. É a própria Escritura e a “Regra da Verdade” que no-lo demonstram:

«Nós, porém, mantemo-nos firmes na Regra da Verdade, isto é, que existe um só Deus omnipotente que tudo criou pelo seu Verbo, plasmou e fez com que aquilo que não existia passasse a existir, como diz a Escritura: “Pela palavra do Senhor, os céus foram feitos e pelo sopro da sua boca toda a sua potência”. (Sl 33,6) E ainda: "Tudo foi feito por meio dele e sem Ele nada foi feito". (Jo 1,3); o Pai tudo fez por seu intermédio quer as coisas visíveis quer as invisíveis quer as sensíveis quer as inteligíveis quer as temporais para uma verdadeira economia: as eternas e imortais, [...] e pelo Verbo e pelo seu Espírito fez tudo, tudo ordenou, tudo governa e a tudo dá o ser»¹⁷⁴.

Neste trecho, pode ver-se quão importante é, em Ireneu, a unidade do Deus Trino. Ao mesmo tempo, deixa claro o critério de uma economia da Revelação global, que sempre tem presente o Deus criador do céu, da terra, do homem e de todas as coisas visíveis e invisíveis, o Deus de Jesus Cristo e o Deus do Espírito Santo. Mesmo que Deus actue no mundo de muitas maneiras, como podemos constatar nas Sagradas Escrituras, isso não quer dizer que, tal como pretendiam Marcião e demais gnósticos, existam vários deuses. Se assim fosse, cada deus devia abarcar e reger as coisas dentro da sua área de acção e não se meter na área dos outros. E cada criatura glorificava o seu deus. Mas segundo Ireneu, é necessário acreditar num só Deus que criou todas as coisas.¹⁷⁵

¹⁷⁴ IRENEU, *Adversus haereses* I, 22,1: «Cum teneamus autem nos regulam veritatis, id est quia sit unus Deus omnipotens qui omnia condidit per Verbum suum et aptavit et fecit ex eo quod non erat ad hoc ut sint omnia, quemadmodum Scriptura dicit: “Verbo enim Domini caeli firmati sunt, et Spiritu oris eius omnis virtus eorum, et iterum: Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil – ex omnibus autem nihil subtractum est, sed omnia | per ipsum fecit Pater, siue visibilia siue invisibilia, siue sensibilia siue intellegibilia, siue temporalia propter quandam dispositionem siue sempiterna et aenia, [...] et per Verbum et Spiritum suum omnia faciens et disponens et gubernans et omnibus esse praestans» (SC 264, 308).

¹⁷⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 1,5: «Et cum haec sic se habeant, unusquisque Deus suis contentus erit et non curiose aget de alienis: si quo minus, iniustus erit et auarus et cessans esse quod Deus est [...] Oportet

No trecho antes citado, a economia da revelação divina apresenta algumas características indispensáveis à própria Revelação: a nota trinitária que Ireneu continuamente proclama, isto é, a fé na Trindade; no Pai, no Filho e no Espírito Santo. A unidade entre as pessoas da Trindade significa que qualquer acção expressa a sua unidade, isto é, todos agem. A característica de harmonia, na Revelação divina, quer dizer que tudo está integrado na economia da salvação, isto é, na sua ordem¹⁷⁶. Ireneu é, realmente, muito sensível a este aspecto da unidade, coesão e harmonia que as criaturas têm, revelando-se como uma característica importante na sua teologia. «Deus faz todas as coisas com medida e ordem e junto dele não há nada sem medida, ou não acabado»¹⁷⁷. A palavra “ordem” exprime um conjunto coerente e harmonioso de toda a obra divina que, segundo o bispo de Lião, é realmente sinfónica. A característica da progressividade é própria da pedagogia divina, baseada na paulatina Revelação divina¹⁷⁸. A reflexão teológica pressupõe a fé no único Deus, a mesma é um trabalho do crente guiado por Deus através do Espírito. A fé é um dom do Espírito que deve assumir uma dimensão eclesial. Na verdade, o Espírito é o grande Dom, de que derivam todos os dons concedido à Igreja e pela Igreja. Os Apóstolos receberam o Espírito Santo do Senhor, que é partilhado no seio da Igreja¹⁷⁹.

Como já referimos, segundo os gnósticos, não há unidade no Antigo e no Novo Testamento. Eles falam de uma revelação muito anterior e fora da encarnação e antes do tempo. Ao contrário, Ireneu redica toda a economia da revelação no tempo que, por sua vez, é compreende diversas “economias” dentro da única “economia” querida pelo único Deus que se revelou, “não fora dos tempos”, em Jesus Cristo. Deus revela-se, mediante o

enim aut unum esse qui omnia continet et in suis fecit unumquodque eorum quae facta sunt quemadmodum ipse» (SC 294, 32).

¹⁷⁶ Cf. JACQUES FANTINO, *La Théologie d'Irénée: Lecture des Écritures en réponse à l'exégèse gnostique Une approche trinitaire*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1969, 11-12.

¹⁷⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 4,2: «omnia enim mensura et ordine Deus facit, et nihil non mensum apud eum, quoniam nec incompositum» (SC 100, 420).

¹⁷⁸ Cf. JACQUES FANTINO, *La Théologie d'Irénée*, 22-23.

¹⁷⁹ Cf. JACQUES FANTINO, *La Théologie d'Irénée*, 12.

seu Verbo, muito antes da encarnação do seu Filho¹⁸⁰. «O Filho que está sempre com o Pai e desde o princípio sempre revela o Pai aos Anjos e aos Arcanjos, às Potestades e às Virtudes e a todos a quem Deus se quer revelar»¹⁸¹. A pré-existência do Verbo revelador do Pai é claramente afirmado e fundamental como elemento de unidade da revelação e de credibilidade da mesma. Na verdade, o Verbo de Deus está presente e operante desde a criação do mundo e do primeiro homem até ao último¹⁸².

«Desde o princípio, o Filho é o revelador do Pai»¹⁸³. Este princípio é anterior à história, mas não tem a ver com o tempo mítico dos gnósticos, nem com uma “economia” contraposta à revelação histórica operada a partir da criação *in principio*. Deus, através do Verbo está, portanto, desde sempre presente em toda história que, por isso mesmo, é uma “história da salvação”¹⁸⁴. A mensagem do Evangelho trazida por Jesus Cristo ao mundo, em tempos de Tibério César, não entra em contradição com a Revelação divina que já vinha do Antigo Testamento¹⁸⁵. Cristo dá unidade à economia salvífica, pois Ele não revela um novo Deus, mas o Deus criador de todas as coisas.

3.1.2 Unidade da acção da Trindade

Em Ireneu é central a afirmação do Deus Trino. Porém podemos afirmar que, na sua luta contra a “falsa gnose”, o bispo de Lião insiste noutro aspecto da divindade. A

¹⁸⁰ Cf. ANTONIO ORBE, *Hacia la primera teología de la procesión del verbo: Estudios valentinianos*, I/1, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1958, 119.

¹⁸¹ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 30,9: «Semper autem coexistens Filius Patri olim et ab initio semper revelat Patrem et Angelis et Archangelis et Potestatibus et Virtutibus et omnibus quibus vult revelari Deus» (SC 294, 322).

¹⁸² Cf. ANTONIO ORBE, *Hacia la primera teología de la procesión del verbo*, 120.

¹⁸³ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 20,7: «Enarrator ergo ab initio Filius Patris» (SC 100, 646).

¹⁸⁴ Cf. JOSÉ GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios*, 48.

¹⁸⁵ Cf. ANTONIO ORBE, *Espiritualidad de San Ireneo*, 128.

identidade de um Deus único, Criador de todas as coisas e Pai do *Logos* que se revela na história. Referindo-se aos ebionitas escreve:

«Eles não querem entender que o Espírito Santo veio sobre Maria e que o poder do Altíssimo a cobriu com a sua sombra e que, por isso, aquele que nasceu dela é Santo e Altíssimo é o Filho do Deus Altíssimo, o Pai de todas as coisas, que operou a sua encarnação, e fez aparecer assim um novo nascimento [...]»¹⁸⁶.

Ireneu não se preocupa muito em especular sobre as relações entre as pessoas da Santíssima Trindade, mas está seguro que o Deus credível é o Deus Uno e Trino. A história da humanidade prova, pelo menos para os que creem nas Escrituras, a presença e manifestação do Pai, do Filho e do Espírito Santo e que os mesmos existem antes da criação do mundo e do homem.

Ireneu designa o Filho e o Espírito Santo, de forma alegórica, como “as duas mãos” de Deus: «As mãos de Deus estavam acostumadas com Adão a unir, sustentar e levar a obra plasmada por eles, a transportá-la e situá-la onde queriam»¹⁸⁷. Esta forma de falar da Trindade manifesta bem a sua unidade no agir e no poder manifestado nas obras de Deus.

A credibilidade da Trindade está na comunhão e no serviço das três pessoas da Santíssima Trindade: o Espírito Santo, ao serviço do Logos, que conduz os profetas e os Apóstolos com o carisma da inspiração, e isto tudo acontece graças ao beneplácito do Pai. Assim, toda a economia do Antigo Testamento decorre sob a acção do Deus Uno e Trino:

«Não existe mais do que um Deus, o Pai, como já o demonstrámos, e um só Jesus Cristo, nosso Senhor, que veio através de toda a economia e que recapitulou tudo em si mesmo, [...] não era um o Deus que inspirava os profetas e outro O que inspirava os apóstolos [...], mas um só e mesmo Deus concedia a uns anunciar o Senhor; a outros

¹⁸⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 1,3: «neque intellegere volentes quoniam Spiritus sanctus advenit in Mariam et virtus Altissimi obumbravit eam, quapropter quod generatum est sanctum est et filius Altissimi Dei Patris omnium, qui operatus est incarnationem ejus et novam ostendit generationem» (SC 153, 24-26).

¹⁸⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 5,1: «assuetae enim erant in Adam manus Dei coaptare et tenere et bajulare | suum plasma et ferre et ponere ubi ipsae vellent» (SC 153, 62-64).

proclamar a chegada do Filho; a outros anunciar a sua presença aos que estavam longe»¹⁸⁸.

Ireneu não quer especular sobre os mistérios ocultíssimos de Deus e da Trindade, como fazem os gnósticos. Prefere sim falar da verdade da acção do Deus Uno e Trino na economia salvífica e da condição teológica das pessoas divinas. Para ele, a Trindade está na criação do mundo e do homem, o que é negado pela “falsa gnose”. O mundo não tem dois criadores, isto é, um Deus maior e um demiurgo, como pensavam os gnósticos. A harmonia da criação remete-nos para o Deus Trino, que sempre esteve presente nas diversas fases da criação, manifestando-Se sempre nas três pessoas da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Podemos ver isso numa oração invocativa de Ireneu:

«Eu invoco-Te, pois, ó Senhor, Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob e de Israel, que és o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo; que na abundância da tua misericórdia te comprazes em nós para que te conheçamos; que criaste o céu e a terra, que dominas sobre todas as coisas e que és o Deus acima do qual não há outro Deus; que por Nosso Senhor Jesus Cristo nos ofereces o dom do Espírito Santo»¹⁸⁹.

Marcião distinguia o espírito profético do demiurgo, do espírito da filiação, característico do Salvador. A única razão que ele mostrava na diferenciação de espírito era na substância; o espírito profético vinha de uma substância animal do demiurgo e o espírito da filiação vinha de uma substância do Deus bom, isto é, o Deus salvador de Jesus Cristo. Enquanto a “falsa gnose” acredita na diversidade de espíritos - um só para Deus Pai e um

¹⁸⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 16,6. IV, 36,5: «Vnus igitur Deus Pater, quemadmodum ostendimus, et unus Christus Iesus Dominus noster, veniens per universam dispositionem et omnia in semetipsum recapitulans [...] et non ab alio quidem prophetaem ab alio autem Apostoli, etiamsi variis gentibus praeconabat, sed ab uno et eodem alii quidem Dominum annuntiabant, alii autem Patrem evangelizabant, et alii quidem adventum praenuntiabant Filii Dei, alii vero praesentem eum jam his qui longe erant praeconabant» (SC 211, 312. 100, 900-902).

¹⁸⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 6,4: «Et ego igitur invoco te, Domine Deus Abraham et Deus Isaac et Deus Iacob et Israel, qui es Pater Domini nostri Iesu Christi, Deus qui per multitudinem misericordiae tuae bene sensisti in nobis ut te cognoscamus, qui es solus et verus Deus super quem alius Deus non est; per Dominum nostrum Iesum Christum donationem quoque donans Spiritus sancti» (SC 211, 74-76).

só para Jesus Cristo - Ireneu nega esta diversidade de espíritos. Há um único espírito durante o Antigo Testamento que se chama o “Espírito profético”, e sem mudança de substância alguma, é o mesmo espírito que actua no Novo Testamento, na pessoa de Jesus Cristo. O Filho de Deus, concede com a sua vinda uma graça mais plena e com maior dom do que o Espírito dos profetas da antiga Lei. Porém, a Trindade está sempre presente na criação como o único Deus, mesmo que a manifestação seja gradual do Antigo Testamento para o Novo Testamento.¹⁹⁰ A ideia de progressividade está presente na história desde a criação do mundo: a Trindade age de uma forma paulatina na criação. Ireneu sabe que a existência do Antigo Testamento e do Novo Testamento não pode ser entendida de outro modo, senão no sentido de um progresso gradual. Todo o progresso pressupõe uma certa continuidade do sujeito e não uma ruptura¹⁹¹. A história da salvação acontece numa economia una e progressiva em que Deus respeita o processo de crescimento da humanidade que se manifesta de visão em visão, até à visão definitiva da glória do Pai:

«Porque Deus tudo pode: visto outrora segundo o profetismo por meio do Espírito, visto segundo a adopção, pela mediação do Filho, será visto ainda no Reino dos céus segundo a sua paternidade. O Espírito prepara o homem para o Filho de Deus, o Filho conduz ao Pai e o Pai concede-lhe a incorruptibilidade e a vida eterna, que decorrem da visão de Deus»¹⁹².

Ireneu tem sempre como pano de fundo a Sagrada Tradição Apostólica e fundamenta a sua doutrina na Sagrada Escritura, sem pretender mutilá-la nem a manipular em seu proveito. Para ele, a “ verdadeira gnose” tem que beber da Sagrada Escritura. Como podemos ver, ele vai buscar uma passagem da Sagrada Escritura, para falar da criação do

¹⁹⁰ Cf. ANTONIO ORBRE, *Introducción a la Teología de los siglos II y III*, Ediciones Sígueme Salamanca, 1988, 417-418.

¹⁹¹ Cf. JOSÉ GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios*, 94.

¹⁹² IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 20,5: «Potens est enim in omnibus Deus: visus quidem tunc per Spiritum propheticum, visus autem et per Filium adoptivum. Videbitur autem et in regno caelorum paternaliter, Spiritu quidem praeparante hominem in Filium Dei, Filio autem aducente ad Patrem, Patre autem incorruptelam donante in aeternam vitam, quae unicuique evenit ex eo quod videat Deum» (SC 100, 638-640).

homem: «Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo» (Gn 2,7), portanto não foram os anjos que nos criaram, tal como acreditam os gnósticos. Deus Pai tem sempre diante de Si o Filho e o Espírito Santo e foi por meio deles e neles que Deus fez todas as coisas. Soberanamente, é para eles que Deus Se dirige quando diz: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança» (Gn 1,26)¹⁹³.

Deus está presente na sua criação e cuida das suas criaturas:

«É necessário, pois que os seres, beneficiando da sua Providência e do seu governo, conheçam Aquele que os dirige, ao menos aqueles que não são irracionais nem frívolas, mas têm sensibilidade e se apercebem desta Providência de Deus. E eis porque, alguns de entre os pagãos, que menos serviram dos prazeres ilícitos e não se deixaram ser levados por superstições idolátricas, por pouco que fossem sensíveis à Providência, chegaram a reconhecer que o Autor deste universo é um Pai que cuida de todas as coisas e administra o nosso mundo»¹⁹⁴.

3.1.3 Verbo eterno

A discussão sobre a eternidade do Verbo de Deus encarnado foi um dos debates mais quentes entre os eclesiásticos e o gnosticismo. Particularmente, os valentinianos conhecidos de Ireneu, ensinavam explicitamente a não eternidade do Verbo encarnado de

¹⁹³ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 20,1: «Et plasmavit Deus hominem, limum terrae accipiens, et insufflavit in faciem vitae». Non ergo angeli fecerunt nos neque plasmaverunt nos, neque enim angeli poterant imaginem facere Dei [...] Adest enim ei semper Verbum et Sapientia, Filius et Spiritus, per quo set in quibus omnia libere et sponte fecit, ad quo set loquitur, dicens: “Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram”» (SC 100, 624-626); FRANZ COURTH, *Dios, Amor Trinitario*, 138.

¹⁹⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 25, 1: «Necesse est igitur ea que providentur et gubernantur cognoscere suum rectorem, quae quidem non sunt irrationabilia neque vana, sed habent sensibilitatem perceptam de providentia Dei. Et propter hoc ethicorum quidam, qui minus illecebris ac voluptatibus servierunt et non in tantum superstitione idolorum abducti sunt, providentia eius moti licet tenuiter, tamen conversi sunt ut dicerent Fabricatorem huius universitatis Patrem omnium providentem et disponentem secundum nos mundum» (SC 211, 478-480).

Deus, isto é, do Unigénito de Deus. Para os gnósticos, existem dois Cristos: um preexistente e outro existente na encarnação. Mas Ireneu sempre defendeu a eternidade do Único Jesus Cristo, quer explicitamente, quer implicitamente¹⁹⁵.

«Ora bem, se Cristo começou a existir só no momento da sua vinda, como homem, e se o Pai pensou nos homens somente desde os tempos de Tibério César, e se provar que o seu Verbo não esteve sempre presente à obra por Ele modelada, mesmo então não seria necessário procurar outro Deus, mas apenas inquirir as causas de tamanha incúria e negligência da sua parte. Porque nenhuma procura podia ser de tal natureza, ou assumir tais proporções a ponto de trocar Deus e arruinar a nossa fé no Criador que nos sustenta com a sua criação. Tal como a nossa fé se dirige constantemente ao Filho, assim o nosso amor pelo Pai deve manter-se firme e inabalável»¹⁹⁶.

Seguindo a lógica incoerente do gnosticismo, tal como Ireneu no-la apresenta, Cristo só começara a existir com a sua aparição como homem. O Verbo do Pai não tinha desejado ser moldado em ser humano desde os dias de Abraão, mas sim só nos tempos de Tibério César. Ainda seguindo a lógica do gnosticismo, podemos dizer que a providência do Pai acerca dos homens começa nos dias de Tibério César. Só com o aparecimento de Cristo no mundo é que a providência do Pai começa a actuar¹⁹⁷.

Ireneu refuta ainda a tese de Marcião porque, segundo Marcião, Cristo é enviado pelo Deus bom, e Cristo apareceu de repente, isto é, sem os avisos prévios das profecias. Ele apareceu adulto sem o humano nascimento, para a salvação dos homens, o que não deixa de ser um absurdo para Ireneu¹⁹⁸. Por muitos problemas que um ser humano possa

¹⁹⁵ Cf. ANTONIO ORBE, *Introducción a la Teología de los siglos II y III*, 53.

¹⁹⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 6, 2: «Si autem Christus tunc inchoavit esse quando et secundum hominem adventum suum egit, et a temporibus Tiberii Caesaris commemoratus est Pater providere hominibus, et non semper Verbum ejus una cum Plasmate fuisse ostendebatur, nec tunc quidem oportuit alterum Deum adnuntiari, sed causas tantae incuriae et neglegentiae ejus inquiri. Nullam enim oportet quaestionem talem esse et tantum invalescere ut et Deum quidem mutet et eam quae est erga Fabricatorem, qui nos alit per suam conditionem, fidem nostram evacuet» (SC 100, 438-440).

¹⁹⁷ Cf. ANTONIO ORBE, «*El Dios revelado por Hijo: análisis de Ireneo, Adv. haer. IV, 6*», in *Agustiniaum* 32 (1992) 5.

¹⁹⁸ Cf. ANTONIO ORBE, *El Dios revelado por Hijo*, 12.

passar, não há razões e motivos que nos obriguem a mudar de Deus e a esvaziar nossa fé no Criador que nos sustenta, como criatura que somos¹⁹⁹. Já a “falsa gnose” tende para uma resposta fácil: assim como Abraão deixou os deuses dos seus pais, para seguir Yahveh, os cristãos podiam perfeitamente abandonar Yahveh, para seguir o Deus bom, o Deus de Jesus Cristo. Porque para a gnose marcionita o Deus do Antigo Testamento é um Deus mau e o Deus de Jesus Cristo é um Deus bom. Mas segundo Ireneu, ter fé em Jesus Cristo, não é mudar de Deus, porque ter a fé firme no Pai, é ter a fé com igual firmeza no Filho eterno²⁰⁰.

Para falar da eternidade do Filho de Deus, o bispo de Lião fundamenta a sua doutrina na Sagrada Escritura: «Jesus é a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque foi nele que todas as coisas foram criadas» (Cl 1,15-16). Os cristãos, diferentemente do gnosticismo, reconhecem Jesus como Primogénito de Deus, antes de todas as coisas²⁰¹. Antes da existência do género humano, isto é, antes de Adão ou de toda a criação, o Verbo já glorificava o Pai, permanecendo Nele, desde toda a eternidade. O Filho, por sua vez, é glorificado pelo Pai: «E agora Tu, ó Pai, manifesta a minha glória junto de ti, aquela glória que Eu tinha junto de ti, antes de o mundo existir» (Jo 17,5)²⁰². Estes testemunhos são favoráveis à preexistência do Verbo antes de toda a criação. Ireneu fundamenta-se em São João (17,15), que nos fala da mútua glorificação eterna que há entre o Pai e o Filho. E se a glorificação é eterna, também a existência do Verbo de Deus é eterna. O conhecimento do Filho pré-existente antes da criação do mundo está presente no Antigo Testamento, sobretudo nas profecias da vinda do Messias. Os vaticínios já

¹⁹⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 6, 2: «Nullam enim oportet quaestionem talem esse et tantum invalescere ut et Deum quidem mutete eam quae est erga Fabricatorem, qui nos alit per suam conditionem, fidem mostram evacuet» (SC 100, 438-440).

²⁰⁰ Cf. ANTONIO ORBE, *El Dios revelado por Hijo*, 13.

²⁰¹ Cf. ANTONIO ORBE, *Introducción a la Teología de los siglos II y III*, 50-51.

²⁰² IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 14, 1: «Non enim solum ante Adam, sed et ante omnem conditionem glorificabat Verbum Patrem suum, manens in eo, et ipse a Patre clarificabatur, quemadmodum ipse ait: Pater, clarifica me claritate quam habui apud te priusquam mundus fieret» (SC 100, 538).

adiantavam muitas notícias, mesmo que de uma forma pouco explícita, acerca da vinda do Verbo de Deus²⁰³.

«Abraão conheceu, pois, pelo Verbo, o Pai que fez o céu e a terra, e proclamou-o Deus. Também soube, por visão, da vinda do Filho de Deus entre os homens [...] E eis porque os judeus se afastaram de Deus não querendo acolher o seu Verbo, julgando poder conhecer a Deus directamente pelo Pai sem o Verbo, isto é, sem o Filho, ignorando aquele que em forma humana falara com Abraão e com Moisés “dizendo: Eu bem vi a opressão do meu povo no Egipto [...]. Desci para o libertar”(Ex 3, 7-8)»²⁰⁴.

Através da economia da revelação do Pai no seu Verbo, Jesus Cristo, podemos perceber a eternidade do Verbo de Deus. Desde os dias de Adão, sentimos a presença do Senhor e a força da sua palavra. O Espírito actuante nos profetas conhecia os desígnios do Verbo encarnado e através dele conhecia o plano salvífico de Deus Pai. A economia da revelação ajuda-nos a compreender a eternidade do Verbo de Deus, sendo o próprio Verbo de Deus o motor da revelação divina. Também a coerência da salvação, sempre gerida pelo Verbo, nos ajuda a perceber a imutabilidade do conteúdo da revelação, a preexistência do Verbo e a sua omnipresença na revelação divina²⁰⁵.

Quando Ireneu aborda a eternidade do Verbo de Deus, aborda-a numa perspectiva Trinitária. A eternidade do Verbo só pode ser percebida e entendida no seio da Trindade. O Filho sempre está presente no Pai, como também está presente na Sabedoria, que outra coisa não é senão o Espírito Santo. Tal como o Verbo é eterno, assim também o Espírito Santo e o Pai são eternos.

²⁰³ Cf. ANTONIO ORBE, *Cristología Gnóstica*, 54.

²⁰⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 7,1. 4: «Et Abraham ergo cognoscens Patrem, qui fecit caelum et terram, hunc Deum confitebatur; et doctus repraesentatione quod inter homines homo futurus esset Filius Dei [...] Judaei excesserunt a Deo, Verbum ejus non recipientes, sed putantes per seipsum Patrem sine Verbo, hoc est sine Filio, posse cognoscere Deum, nescientes eum qui in figura locutus est humana ad Abraham, et iterum ad Moysen, dicentem: Videns vidi vexationem populi mei in Aegypto, et descendi liberare eos» (SC 100, 454-456.462).

²⁰⁵ Cf. ANTONIO ORBE, *Espiritualidad de San Ireneo*, 137.

Enquanto os gnósticos não identificam o Verbo eterno de Deus com o Verbo encarnado, para o bispo de Lião a eternidade do Verbo de Deus é um ponto de partida para a credibilidade em Jesus Cristo²⁰⁶.

3.1.4 Verdade do Verbo encarnado

Segundo Ireneu, todo o conhecimento autêntico e verdadeiro vem através do Verbo de Deus²⁰⁷. A expressão do evangelista João «o Verbo fez-se homem e veio habitar entre nós» (Jo 1,14) é central na doutrina de Ireneu. Ele utiliza-a para refutar a teoria gnóstica de o Verbo de Deus não se fez carne porque nunca saiu do Pleroma, e de um Salvador ser produzido através de muitos eões que estão depois do Verbo²⁰⁸. Cristo não é um nome extrínseco a Jesus, mas uma denominação do Verbo de Deus relativa à sua obra (de unção) por Ele realizada. Assim como o Verbo encarna em Jesus para a sua missão e actividade de salvação, Jesus chama-se Cristo pela unção²⁰⁹.

«Pelas próprias palavras do Senhor (Jesus), é fácil demonstrar que Ele confessa um só Pai, criador do mundo, modelador do homem, anunciado pela Lei e os profetas e que o não conhece nenhum outro, e confessa que o Pai é o Deus que está acima de todas as coisas e que por outro lado, ensina e comunica por si próprio a todos os justos, a filiação adoptiva, em relação ao Pai, na qual consiste a vida eterna»²¹⁰.

²⁰⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 20,3: «Et quoniam Verbum, hoc est Filius, semper cum Patre erat, per multa demonstravimus. Quoniam autem et Sapientia, quae est Spiritus, erat apud eum ante omnem constitutionem» (SC 100, 632).

²⁰⁷ Cf. ILDO FORTES, *O Espírito Santo e a Igreja em Santo Ireneu*, 28.

²⁰⁸ IRENEU, *Adversus haereses* I, 9,2: «Secundum autem illorum argumentationem, non Verbum caro factum est, quod quidem nec venit umquam extra Pleroma, sed qui ex omnibus factus est et sit posterior Verbo Salutator» (SC 264, 142).

²⁰⁹ Cf. ANTONIO ORBE, *La unción del verbo: Estudios Valentinianos*, III, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1961, 515.

²¹⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 11,1: «Et ex ipsis autem Domini verbis facile est ostendere confitentis unum Patrem et Factorem mundi et Plasmatorem hominis, qui a lege et prophetis adnuntiatus sit, et alterum

Jesus Cristo não revela dois deuses, como afirmava a “falsa gnose”. Ele fala-nos de um Deus que está acima de todas as coisas, isto é, nada está acima Dele e antes Dele. Tudo está submetido ao Deus criador, ao Deus dos patriarcas e dos profetas, e ao Deus de Jesus Cristo. «Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra» (Mt 11,25). A Igreja segue e acredita na verdade do Verbo: «Nós porém cremos e estamos firmes na regra da Verdade, isto é, que existe um só Deus onnipotente que tudo criou pelo seu Verbo, tudo organizou e fez de nada todas as coisas para que elas fossem, segundo a Escritura que diz “Pelo Verbo do Senhor os céus foram firmados e pelo sopro da boca se exerce todo o seu poder” (Sl 33,6)»²¹¹.

Contra os docetas, Ireneu acentua que a encarnação do Verbo de Deus não foi aparente, pois a realidade do Verbo encarnado passa pela sua humanidade e pela missão redentora que se revela na sua vida pública²¹²:

«Jesus recebeu o baptismo com a idade de trinta anos, e depois, tendo a idade perfeita de mestre, foi a Jerusalém, e justamente podia ouvir a todos chamar-lhe de mestre; ele não era diferente daquilo que parecia, como dizem os que o julgam aparente, mas o que era também o mostrava. Verdadeiro mestre com a idade de mestre, sem renegar nem ultrapassar a humanidade, não aboliu em si a lei do género humano e santificou todas as idades, por aquela semelhança que estava nele. Veio para salvar todos mediante a sua pessoa; digo todos os que por sua obra renascem em Deus, crianças, meninos adolescentes, jovens e velhos»²¹³.

nescientis, et hunc esse super omnia Deum, docentes autem et per se eam quae ad Patrem est adoptio filiorum, quae est alterna vita, omnibus iustis adtribuentis» (SC 294, 92).

²¹¹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 22,1: «Cum teneamus autem nos regulam veritalis, id est quia sit unus Deus omnipotens qui omnia condidit per Verbum suum et aptavit et fecit ex eo quod non erat ad hoc ut sint omnia, quemadmodum Scriptura dicit: “Verbo enim Domini caeli firmati sunt, et Spiritu oris eius omnis virtus eorum, et iterum [...]”» (SC 264, 308).

²¹² Cf. B. STUDER, “Docetismo”, in DPAC, I, 624-625.

²¹³ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 22,4: «Triginta quidem annorum existens cum veniret ad baptismum, deinde, magistri aetatem perfectam habens, venit in Hierusalem, ita ut ad omnibus iuste audiret magister: non enim aliud videbatur et aliud erat, sicut inquit qui putatium introducunt, sed quod erat hoc et videbatur. Magister ergo existens, magistri quoque habebat aetatem, non reprobans neque supergrediens hominem generis, sed omnem aetatem sanctificans per illam quae ad ipsum erat similitudinem. Omnes enim venit per

Como podemos ver, a realidade humana de Jesus é insistentemente afirmada. O Verbo de Deus encarnado não é aparentemente homem, mas sim verdadeiro homem. Jesus viveu como os homens e como homem, foi provado em tudo, excepto no pecado, como afirma a carta aos Hebreus (Heb 4,15). A credibilidade de Jesus Cristo, o Verbo de Deus, não fica em causa com a sua humanidade. O próprio Jesus assume ser verdadeiro homem e verdadeiro Deus. A verdade do Verbo de Deus não é uma verdade desencarnada, mas uma verdade encarnada na nossa realidade humana. Ele é a verdade de um Deus próximo:

«Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e ao manifestar-se, sendo, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (Fl 2, 6-8).

A revelação de Deus que chega até nós através no seu Verbo não é uma verdade privada que é adquirida pelo esforço intelectual, como pensava a “falsa gnose”. A manifestação de Cristo que chega até nós é uma verdade que brilha em todos os lugares e ilumina toda a criação - tal como o sol -, especialmente todo o género humano que quer chegar ao conhecimento da verdade. Sendo a revelação de Cristo uma verdade de cariz universal, requer, porém, a abertura do homem à humildade, para que este possa acolhê-la²¹⁴. O verdadeiro conhecimento de Deus vem do Verbo, porque Ele é o único a quem Deus disse: «Senta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos como escabelo para

semetipsum salvare: omnes, inquam, qui per eum renascuntur in Deum, infantes et paruulos et pueros et iuuenes et seniores» (SC 294, 220).

²¹⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 10,2: «Sed sicut sol. Creatura Dei, in universo mundo unus et idem est, sic et lumen, praedicatio veritatis, ubique lucet | et illuminat omnes homines qui volunt ad cognitionem veritatis venire» (SC 264, 160).

os teus pés» (Sl 110,1), enquanto nós, os humanos, estamos ainda na terra; por isso, o nosso conhecimento não ultrapassa a verdade do Verbo de Deus²¹⁵.

«Ninguém pode conhecer o Pai sem o Verbo de Deus, isto é, sem o Filho que o revela. Também não se conhece o Filho sem a vontade do Pai. O Filho faz a vontade do Pai, pois o Pai envia, o Filho é enviado e vem a nós. E assim o Pai, que é para nós invisível e incognoscível, é conhecido pelo seu Verbo; e só o Pai conhece o seu Verbo; assim o manifestou o Senhor. Por isso, o Filho leva-nos ao conhecimento do Pai pela sua própria encarnação. Pois a manifestação do Filho é o conhecimento do Pai; realmente, é pelo Verbo, que tudo nos revela, que é revelado»²¹⁶.

O Verbo de Deus é, aqui, apresentado como o canal e, ao mesmo tempo, como o conteúdo da “verdadeira gnose”. Sem Jesus Cristo, o Filho de Deus, não há conhecimento possível do Pai. A verdade de Deus chega até nós através da revelação de Deus no seu Filho. Por isso, a credibilidade da verdade divina não está no que eu posso saber pelo meu esforço intelectual, mas está na pessoa do seu Verbo encarnado. Jesus vem da mais profunda intimidade do Pai e, por isso, só Ele pode dar-nos a autêntica verdade do Pai. A credibilidade da mensagem de Cristo vem de Deus. A verdade do Verbo é universal e remonta aos seus antepassados: nem Moisés viu a Deus, nem Elias, nem Ezequiel. Estes contemplaram muitas coisas do firmamento, viram a graça de Deus, isto é, viram imagens da glória do Senhor e as profecias futuras. Mas nunca ninguém viu Deus, senão o Verbo de Deus²¹⁷. «A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer» (Jo 1,18).

²¹⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 28,7: «Cedere oportet Deo et Verbo eius, cui et solo dixit: sede a dextris meis, quoadusque ponam inimicos tuos suppedaneum pedum tuorum. Nos autem adhuc in terra conversantes, nodum adsidentes throno eius» (SC 294, 286).

²¹⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 6,3: «Neque enim Patrem cognoscere quis potest sine Verbo Dei, hoc est nisi Filio revelante, neque Filium sine Patris beneplacito. Bonum autem placitum Patris Filius perficit: mittit enim Pater, mittitur autem et venit Filius. Et Patrem quidem invisibilem et indeterminabilem, quantum ad nos est, cognoscit suum ipsius Verbum, et cum sit inenarrabilis, ipse enarrat eum nobis; rursus autem Verbum suum solus cognoscit Pater: utraque autem haec sic se habere manifestavit Dominus. Et propter hoc Filius revelat agnitionem Patris agnitionem Patris per suam manifestationem» (SC 100, 442).

²¹⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 20,11: «Igitur si neque Moyses vidit Deum neque Helias neque Ezechiel, qui multa de caelestibus viderunt, quae autem ab his videbantur erant similitudines claritatis

Segundo Ireneu, é o Verbo que nos dá a garantia de uma “verdadeira gnose” e com Ele aproximamo-nos mais da verdade, isto é, da comunhão com Deus Pai. Para uma “verdadeira gnose” não basta fixar-se apenas e só no conhecimento do Pai, mas também no seu Filho Jesus Cristo. Porque no seu Filho dá-se uma autêntica revelação de Deus²¹⁸.

«O Deus (Pai) incompreensível por meio daquele que pode ser compreendido (Verbo), o Deus invisível, por aquele que pode ser visto, pois este não está fora dele, mas está no seio do Pai. [...] O Pai que é invisível é dado a conhecer a todos pelo Filho que está bem no seu seio»²¹⁹. O Pai incompreensível, distante e invisível dá-se a conhecer mediante o Filho compreensível, próximo e visível, já que o Filho está no pensamento do Pai. Segundo Ireneu, se Jesus Cristo, o Filho de Deus, tivesse abandonado o Pai para vir até nós fora do Pai, Ele não podia trazer-nos um Deus compreensível. A verdade do Verbo é-nos dada através do Verbo, que, sem deixar de viver em Deus, está no mundo e revela aos homens a “verdadeira gnose”²²⁰. A encarnação do Verbo é uma realidade intrínseca à verdade do Verbo. O Filho de Deus fez-se homem para que o homem pudesse crer em Deus e para que Deus pudesse habitar no homem e salvá-lo²²¹. «O Verbo de Deus, que no homem se fez Filho do homem para habilitar o homem a conhecer Deus, a habitar no homem...»²²².

Domini et prophetiae futurorum, manifestum est quoniam Pater quidem invisibilis, de quo et Dominus dixit: Deum nemo vidit unquam, verbum autem ejus...» (SC 100, 660).

²¹⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 13,1: «Quid autem erat plus? Primo auidem non tantum in Patrem, sed et in Filium ejus jam manifestatum credere: hic est enim qui in communionem et unitatem Dei hominem ducit» (SC 100, 526).

²¹⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 11,5-11,6: «incomprehensibilis per comprehensibilem et invisibilis per visibilem, cum extra eum non sit, sed in sinu Patris existat [...] Patrem enim invisibilem existentem ille qui in sinu eius est Filius omnibus enarrat» (SC 211, 154-156).

²²⁰ Cf. ANTONIO ORBE, *Espiritualidad de San Ireneo*, 252-253.

²²¹ Cf. ANTONIO ORBE, *Introducción a la Teología de los siglos II y III*, 672.

²²² IRENEU, *Adversus haereses*, III, 20, 2: «Verbum Dei quod habitavit in homine et Filius hominis factus est, ut adsuesceret hominem percipere Deum et adsuescere Deum habitare in homine secundum placitum Patris» (SC 211, 392).

3.2 Universalidade da recapitulação do Verbo de Deus

A *recapitulação* é um termo paulino (Rm 13,10; Ef 1,10) e um conceito central na teologia de Ireneu, e que está no centro da “economia” salvífica. A *recapitulação* é um momento modelador do mundo e da sua história. A partir de Paulo, o bispo de Lião desenvolve-o consideravelmente, conferindo-lhe maior profundidade. Em Ireneu, a *recapitulação* significa convergir todas as coisas em Cristo, ou seja, resumir todas as coisas Nele²²³:

«O Senhor é que recapitulou em si mesmo todas as coisas dispersas desde Adão, todas as línguas e gerações dos homens, inclusive Adão. Por isso, Paulo chama a Adão figura do que devia vir, porque o Verbo, Criador de todas as coisas, prefigurara nele a futura economia da humanidade de que se revestiria o Filho de Deus, pelo facto de Deus, formando o homem psíquico, ter dado a entender que seria salvo pelo homem espiritual. Por isso, e visto que já existia como salvador, devia tornar-se quem devia ser salvo, para não ser o Salvador de nada»²²⁴.

Neste ponto, trataremos a *recapitulação* em Cristo sob duas formas: falaremos primeiro do sujeito da *recapitulação*, que é sempre Cristo; de seguida falaremos do objecto da *recapitulação* em Cristo. Segundo Ireneu, o objecto da *recapitulação* são todas as criaturas; desse modo, a *recapitulação* adquire um cariz de universalidade. Porém, o homem é, por excelência, o objecto da *recapitulação* do Verbo²²⁵.

²²³ Cf. HANS URS VON BALTHASAR, *Gloria: Una Estética Teológica*, II, Encuentro Ediciones, Madrid, 1998, 52.

²²⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 22,3: «finem coniungens initio et significans quoniam ipse est qui omnes gentes exinde ab Adam dispersas et universas línguas et generationes hominum cum ipso Adam in semetipso recapitulatus est. Unde et a Paulo typus futuri dictus est ipse Adam, quoniam futuram circa Filium Dei humani generis dispositionem in semetipsum Fabricator omnium Verbum praeformaverat, praedestinante Deo primum animale hominem videlicet uti ab spiritali salvaretur. Cum enim praeexisteret salvans, oportebat et quod salvaretur fieri, uti non vacuum sit salvans» (SC 211, 438).

²²⁵ Cf. ANTONIO ORBE, “*Cinco exegesis ireneanas de Gen 2,17^b adv. haer. V, 23, 1-2*”, in *Gregorianum* 62 (1981) 98-99.

3.2.1 Sujeito da recapitulação

A *recapitulação* é obra de Cristo. Deus age por meio do seu Verbo na criação e na *recapitulação* de todas as criaturas. Mas já o anticristo, fonte da “falsa gnose”, recapitula em si a apostasia do demônio, isto é, confirma a apostasia do demônio, negando a “verdadeira gnose” revelada por Cristo, o Verbo de Deus²²⁶.

Sendo a *recapitulação* obra de Cristo, Nele toda a criação se renova. Por isso, só a sua revelação é digna de fé, pois outra coisa qualquer não o podia ser. Segundo Ireneu, foram destruídos, assim, os maus efeitos do pecado, isto é, da desobediência de Adão²²⁷: «Deus recapitulou nele (Jesus) esta carne do homem modelada por ele desde o princípio, a fim de dar a morte ao pecado, aniquilar a morte e vivificar o homem»²²⁸. Como podemos ver aqui, a *recapitulação* passa sempre pelo Verbo de Deus.

O Verbo de Deus, assume a *recapitulação* da criação em três momentos: na encarnação, na cruz e na parusia. Mas a chave da *recapitulação* é a encarnação: «fez-se carne»²²⁹. Este ponto é o marco e o começo do processo da *recapitulação* da criação, sobretudo do género humano. Pois, se o Verbo não se tivesse feito homem visível, Ele não estaria no mundo material e muito menos morreria na cruz de uma forma visível²³⁰. A cruz está vinculada à encarnação: «o Verbo veio na sua invisibilidade ao que era seu, e fez-se

²²⁶ Cf. JOSÉ GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios*, 163-165; IRENEU, *Adversus haereses*, V, 25,1: «Ille enim omnem suscipiens diaboli virtutem veniet non quasi rex justus nec quasi in subjectione Dei legitimus, sed impius et injustus et sine lege, quasi latro, diabolicam apostasiam in se recapitulans, et idola quidem deponens ad suadendum quod ipse sit Deus, se autem extollens unum idolum, habens in semetipso reliquorum idolorum varium errorem, ut hi qui per multas abominationes adorant diabolum, hi per hoc unum idolum serviant ipsi» (SC 153, 308-310).

²²⁷ Cf. ALBERT VICIANO, *Patrología*, EDICEP C.B., Valência, 2001, 82.

²²⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 18,7: «Deus hominis antiquam plasmationem in se recapitulans, ut occideret quidem peccatum, evacualet autem mortem et vivificaret hominem» (SC 211, 366).

²²⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 18,3: «caro factum est» (SC 153, 244).

²³⁰ Cf. ANTONIO ORBE, *Teologia de San Ireneo: comentario al libro V del Adversus*, II, BAC, Madrid, 1987, 242.

carne, foi suspenso no madeiro, para recapitular em si todas as coisas»²³¹. A presença no mundo do sujeito da *recapitulação*, o Verbo de Deus, é eficaz na encarnação e na crucificação. Os mistérios do Verbo de Deus, que vão até à Paixão, estão em ordem com a *recapitulação* de todas as coisas. Onde não intervier o Verbo «segundo a carne» não é possível a *recapitulação* das coisas visíveis²³². Em Ireneu, a *parusia* é citada apenas algumas vezes em ligação com a *recapitulação*: «não sejamos expulsos do paraíso da vida, onde o Senhor leva os que obedecem aos seus mandamentos, recapitulando em si todas as coisas, que estão nos céus e na terra e as que estão sobre a terra»²³³. A *recapitulação* exige uma vinda de Cristo «na sua glória indescritível»²³⁴, isto é, a verdadeira *recapitulação* de todas as coisas, protagonizada por Jesus Cristo, será na segunda vinda de Cristo²³⁵, «a fim de que Deus seja tudo em todos» (1Cor 15, 28). Porém, o lugar próprio da *recapitulação* protagonizada por Cristo é a encarnação, a sua presença. As demais fases da sua vida - a cruz, a ressurreição e a *parusia* -, são fases da sua encarnação. A existência de Cristo, em si, já é a *recapitulação*. Em suma, podemos dizer que o momento mais assinalado em Ireneu é o da encarnação, porque foi com ela que se desencadeou a *recapitulação*²³⁶.

Esta teoria da *recapitulação* confirma a credibilidade da unidade entre o Pai e o Filho. Ireneu volta a frisar a pré-existência do Verbo em Deus. Na lógica de Ireneu, a *recapitulação* não tinha razão de ser se não existisse a unidade entre o Pai e o Filho. Porque, como se iria, então, recapitular a antiga e primitiva inimizade contra a serpente, se Cristo tivesse outro Pai? Seria um absurdo. Mas como, desde o princípio, há um só Pai que enviou o seu Filho como revelação plena, a *recapitulação* tem razão de ser. O Senhor

²³¹ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 18,3: «hoc in sua invisibiliter venit, et caro factum est, et pependit super lignum, uti universa in semetipsum recapituletur» (SC 153, 244).

²³² Cf. ANTONIO ORBE, *Teologia de San Ireneo: comentario al libro V del Adversus*, II, 242-243.

²³³ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 20,2: «projiciamur de paradiso vitae, in quem Dominus inducti eos qui abaudiunt praeconio ejus, recapitulans in se omnia quae in caelis et quae in terra».

²³⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 38,1: «in sua inenarrabili gloria» (SC 153, 260).

²³⁵ Cf. JOSÉ GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios*, 164.

²³⁶ Cf. JOSÉ GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios*, 165.

cumpriu a sua promessa tomando a carne de uma mulher, fez-se homem destruindo o nosso adversário. Na *recapitulação* de Deus em Cristo, Deus refez o homem à sua imagem e semelhança²³⁷.

A *recapitulação* assume um carácter dinâmico orientado para a escatologia, isto é, para a parusia. A ressurreição também é uma parte integrante da *recapitulação* em Cristo, onde as coisas ganham uma nova vida²³⁸: «Depois de Nosso Senhor ter ressuscitado de entre os mortos e de os Apóstolos terem sido revestidos da força do alto pela vinda do Espírito Santo (Lc 24, 49), eles ficaram cheios de certeza acerca de tudo e tiveram o conhecimento perfeito»²³⁹. Segundo Ireneu, Jesus renova e liberta toda a criação, a qual fica, assim, mais fértil e produzirá muito mais²⁴⁰.

3.2.2 Objecto da recapitulação

O objecto, ou o beneficiário da sua *recapitulação* são todas as coisas. Dentro desta universalidade de coisas que são *recapituladas* em Cristo, o homem goza de uma certa primazia: umas vezes é porque o homem é a parte privilegiada desse todo e, outras vezes, é porque o homem é a parte que mais precisa de reparação²⁴¹.

²³⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 21,2: «Non autem Dominus antiquam illam et primam adversus serpentem inimicitiam in semetipso recapitulatus fuisset, adimplens promissionem Demiurgi et perficiens praeceptum ejus, si ab alio venisset Patre. Sed quoniam unus et ídem est qui ab initio plasmavit nos et in fine Filium suum misit, praeceptum ejus perfecit Dominus, factus ex muliere et destruens adversarium nostrum et perficiens hominem secundum imaginem et similitudinem Dei» (SC 153, 264-266).

²³⁸ Cf. JOSÉ GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios*, 167.

²³⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 1,1: «Postea enim quam surrexit Dominus noster a mortuis, et induti sunt superveniente Spiritu sancto virtutem ex alto, de omnibus adimpleti sunt et habuerunt perfectam agnitionem» (SC 211, 20-22).

²⁴⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 33,3: «Quando regnabunt justii surgentes a mortuis, quando et creatura renovata et liberata multitudinem fructificabit universae escae ex rore caeli et ex fertilitate terrae» (SC 153, 412-414).

²⁴¹ Cf. JOSÉ GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios*, 165.

A) Recapitulação de toda a criação

Deus é o criador de tudo quanto existe por meio do seu Verbo, Jesus. Nele, o Verbo, tudo foi feito. E o mundo em que vivemos e todas as criaturas dão-nos testemunho de um único Deus²⁴². Por isso, Deus está acima de tudo, isto é, nada está acima Dele, nem fora Dele. Tudo é inferior a Deus e perante Ele tudo tem a condição de criatura de Deus²⁴³. Como podemos ver, Ireneu apresenta-nos Deus criador de tudo por meio do seu Verbo e é o mesmo Deus que, por meio do seu Filho Jesus, recapitula toda a criação, isto é, renova toda a criação. Assim, escreve Ireneu, a Igreja confessa crer em:

«Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a economia de Deus; e a vinda, o nascimento pela Virgem, a paixão, a ressurreição dos mortos, a ascensão ao céu, em seu corpo, de Jesus Cristo, nosso Senhor; e a sua vinda dos céus na glória do Pai, para recapitular todas as coisas e ressuscitar toda carne do género humano; a fim de que, segundo o beneplácito do Pai invisível, diante do Cristo Jesus, Nosso Senhor, Deus, Salvador e Rei, todo joelho se dobre nos céus, na terra e nos infernos e toda língua o confesse»²⁴⁴.

A crucificação do Verbo, tem efeito sobre toda a realidade criada. A salvação operada na cruz estende-se a toda criação. O Verbo de Deus fez-se visível no homem e

²⁴² IRENEU, *Adversus haereses*, II, 27,2: «unum et solum Deum ad excludendos alios praedictent omnia fecisse per Verbum suum, sive visibilia, sine invisibilia, sive caelestia, sive terrena, sive aquatilia, sive subterrânea, sicut demonstravimus es ipsis Scripturarum dictionibus, et ipsa autem creatura in qua sumus per ea quae in qua sumus per ea quae in aspectum veniunt hoc ipsum testante, unum esse qui eam fecerit et regat» (SC 294, 266); FRANZ COURTH, *Dios, Amor Trinitario*, 62.

²⁴³ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 1,1: «a Demiurgo Deo, qui fecit caelum et terram et omnia quae in eis sunt, quem hi blasphemantes extremitatis fructum dicunt, et astendere quoniam neque super eum neque poste um est aliquid» (SC 294, 26).

²⁴⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 10,1: «Christum Iesum Filium Dei, incarnatum pro nostra salute, et in Spiritum Sanctum, qui per profetas praedicaavit | dispositiones Dei et adventum et eam quae ex Virgine generationem et passionem et resurrectionem a mortuis et in carne in caelos ascensionem dilecti Iesu Christi Domini nostri et de caelis in gloria Patris adventum eius ad recapitulanda universa et resuscitandam omnem carnem humani generis, ut Christo Iesu Domino nostro et Deo et Salvatori et Regi secundum placitum placitum Patris invisibilis omne genu curvet caelestium et terrestrium et infernorum et omnis língua confiteatur ei» (SC 264, 154-156).

recapitulou toda a realidade e, ao mesmo tempo, deu-Se a conhecer²⁴⁵: «Não é somente pelo que foi dito, que o Senhor se revelou e revelou o Pai, mas também na paixão»²⁴⁶. Como podemos ver, a *recapitulação* em Jesus Cristo na Paixão é uma forma do Verbo de Deus se auto-revelar e de revelar o Pai.

A *recapitulação* em Cristo tem um cariz de universalidade, é abrangente, abarca todas as coisas. A este respeito Ireneu escreve: «Deus é único idêntico, Ele controla os céus como um livro, e renova a face da terra; fez as coisas temporais para o homem, para que amadurecendo entre elas frutifique a imortalidade, e acrescenta as eternas por causa da sua benignidade»²⁴⁷. Neste trecho, podemos ver uma certa primazia do homem perante todas as coisas criadas. Deus renova todas as coisas para o homem. Ele é o centro da renovação das coisas criadas.

Ireneu tenta explicar o porquê da necessidade da *recapitulação* de toda a criação. Cristo como origem da criação é também “cabeça” da mesma, enquanto “cabeça de toda a Igreja”, na qual quer reunir e levar à unidade e a salvação de toda a humanidade:

«Recapitulou todas as coisas em si para que Ele, que, como Verbo de Deus tem a primazia entre os seres celestes, espirituais e invisíveis, a tenha também entre os seres visíveis e corporais, e para que, ao assumir em si esta primazia e ao tornar-se cabeça da Igreja, atraia a si todas as coisas, no tempo oportuno»²⁴⁸.

Recapitular é, pois, trazer todas as coisas a Cristo, isto é, enraizar a criação Nele. Cristo assume esta primazia porque é Ele a cabeça da Igreja e o princípio em que as coisas

²⁴⁵ Cf. JOSÉ GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios*, 224.

²⁴⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 16,3: «Et non solum autem per ea quae praedicta sunt et Patrem et semetipsum manifestavit Dominus, sed etiam per ipsam passionem» (SC 153, 218).

²⁴⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 5,1: «Unus igitur et idem Deus: qui plicat calum quemadmodum, librum, et renovat faciem terrae; qui temporalia fecit propter hominem, uti maturescens in eis fructificet immortalitatem, et qui aeterna superducit propter suam benignitatem» (SC 100, 424).

²⁴⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 16,6: «universa in semetipsum recapitulans, uti, sicut in supercaelestibus et spiritalibus et in invisibilibus princeps est Verbum Dei, sic et invisibilibus et corporalibus principatum habeat, in semetipsum primatum adsumens et apponens semetipsum caput Ecclesiae, universa adtrahat ad semetipsum apto in tempore» (SC 211, 314).

estão fundadas. O universo é o objecto da *recapitulação* do Verbo de Deus em Jesus Cristo. Mas dentro do universo sobressai o homem. Porém, podemos dizer que em Ireneu a temática da *recapitulação* do universo tem um significado de unidade de todas as coisas em Cristo, isto é, da salvação das mesmas em Cristo, visto que Ele é o criador de tudo²⁴⁹.

B) Recapitulação do homem

Jesus Cristo é, desde o princípio, a chave de leitura de toda a criação. Deus refaz o seu plano salvífico para a humanidade corrompida, por causa da sua desobediência à vontade de Deus. Deus, eternamente misericordioso, volta a tomar a sua obra inicial para a renovar, restaurar e reorganizar no seu Filho encarnado, feito Homem, que se converte para nós num segundo Adão. Em Adão, toda a humanidade ficou corrompida e privada da graça inicial, o Verbo de Deus fez-se homem para empreender uma nova criação da humanidade²⁵⁰. Acerca disto, Ireneu escreve:

«O Verbo salvador fez-se mesmo aquilo que era o homem perdido, efectuando assim, em si próprio, a comunhão com o homem e a sua salvação. O que se perdera tinha carne e sangue, porque foi usando o limo da terra que Deus plasmou o homem e era justamente por este homem que se devia realizar a economia da vinda do Senhor»²⁵¹.

²⁴⁹ Cf. JOSÉ GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios*, 173.

²⁵⁰ Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 296.

²⁵¹ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 14,2: «Nunc autem quod fuit qui perierat homo, hoc salutare factum est Verbum, per semetipsum eam quae esset ad eum communionem et exquisitionem salutis ejus efficiens. Quod autem perierat sanguinem et carnem habebat. Limum enim de terra accipiens Deus plasmavit hominem, et propter hunc omnis dispositivo adventos Domini. Habuit ergo et ipse carnem et sanguinem, non alteram quandam, sed illam | principalem Patris plasmationem in se recapitulans, exquirens id quod perierat» (SC 153, 186-188).

O homem, individualmente considerado, e todo o género humano, em geral, ganham um novo sentido, uma vez submetidos a Cristo. Fora de Cristo, não há *recapitulação* possível, porque Nele está o próprio Deus Criador que renova todas coisas.

A *recapitulação* do homem em Jesus Cristo é a renovação do homem todo. O homem precisa desta renovação em Cristo. A *recapitulação* é integral e estruturante no homem, pois, com ela, o homem ganha outro conhecimento de Deus e recupera a imagem verdadeira de Deus, que ele tinha perdido com o pecado do primeiro homem²⁵². Dizer que o homem se renova interiormente em Cristo é dizer que o homem está renovado da sua ignorância que o dominava. A *recapitulação* de toda a humanidade em Cristo, segundo Ireneu, é a imagem do homem que no princípio foi feito à imagem de Deus²⁵³. Segundo ele, a maior infidelidade é a ignorância de Deus; com a *recapitulação* em Cristo o homem torna-se mais conhecedor de Deus. O homem passa do velho Adão a um homem novo em Cristo, cumprindo o desígnio da sua criação²⁵⁴.

A *recapitulação* do homem em Cristo é vista como a libertação do próprio homem do mal que o escravizava, como escreve, Ireneu:

«O Senhor, tendo subido às alturas, pela paixão, levou cativo o cativo e distribuiu dons aos homens, e concedeu aos que crerem nele o poder de pisar as serpentes, os escorpiões e todas as potências do inimigo, isto é, o iniciador da apostasia. O Senhor, mediante a paixão, destruiu a morte, eliminou o erro, exterminou a corrupção e destruiu a ignorância, manifestou a vida, mostrou a verdade e conferiu a incorruptibilidade»²⁵⁵.

²⁵² Cf. ANTONIO ORBE, “*Cinco exegesis ireneanas de Gen 2,17^b*”, 100-101.

²⁵³ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 12,4: «Et induentes novum hominem, eum qui renovatur in agnitionem secundum imaginem ejus qui creavit eum. In eo ergo quod ait: Qui renovatur in agnitionem, demonstravit quoniam ipse ille qui ignorantia erat ante homo, hoc est ignorans Deum, per eam quae in eum est agnitionem renovatur: agnitio enim Dei renovat hominem. Et in eo quod dicit: Secundum imaginem conditoris, recapitulationem manifestavit ejus hominis qui in initio secundum imaginem factus est Dei» (SC 153, 154-156).

²⁵⁴ Cf. ANTONIO ORBE, *Teología de San Ireneo: comentario al Libro V del Adversus haereses*, I, BAC, Madrid – Toledo, 1985, 584-585.

²⁵⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, II, 20,3: «ascendens enim in allitudinem Dominus per passionem, captivam duxit captivitatem, dedit dona hominibus, et contuit credentibus in se super serpentes et scorpiones calcaré et super omnem virtutem inimici, hoc est principis apostasiae. Et Dominus quidem per passionem mortem

Como podemos ver, com a *recapitulação*, Cristo aproxima o género humano de Si, dando-lhe o poder de vencer o mal. O mal que é uma potência negativa e inimiga do homem, pois o mal aprisiona o homem em cativo, com agulhões. A *recapitulação* em Cristo chama o homem à verdade e à liberdade em Deus. Jesus Cristo, o Verbo de Deus do qual tudo procede, purifica e corrige a criação, nomeadamente o homem, inaugurando, assim, a história da salvação²⁵⁶. Segundo Ireneu, o mal vem do demónio, o anticristo, que quer ter todo o poder de uma forma disfarçada, passando por Deus, mas uma vez adquirido o poder, age injustamente sem lei, como um ímpio²⁵⁷. Em oposição a Cristo, o anticristo age como rei justo e legítimo, apresentando-se como um tirano. Assim, o demónio lançará o homem contra Deus. Porque o anticristo recebe o poder do diabo e não de Deus, pelo mesmo facto é ilegítimo o homem domado pelo pecado que age como o filho do diabo, que o escraviza²⁵⁸.

A destruição do mal pela *recapitulação* do homem em Cristo tem como resultado a salvação:

«“Jesus” consolava os homens que choravam e dava a libertação aos que eram mantidos escravos pelo pecado, libertando-os dos laços de que fala Salomão: Todos estão amarrados pelos laços dos seus pecados. É na verdade o Espírito de Deus que desceu sobre Ele. O Espírito de Deus que pelos profetas prometera conferir-lhe a unção, para que nós, recebendo da superabundância desta unção, nos salvássemos»²⁵⁹.

destruxit et soluit errorem corruptionemque exterminavit et ignorantiam destruxit, vitam autem manifestavit et ostendit veritatem et incorruptionem» (SC 294, 204).

²⁵⁶ Cf. ANTONIO ORBE, *Cristología gnóstica*, 168-169.

²⁵⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 25,1: «Ille enim omnem suscipiens diaboli virtutem veniet non quasi rex justus nec quasi in subjectione Dei legitimus, sed impius et injustus et sine lege, quasi latro, diabolicam apostasiam in se recapitulans, et idola quidem deponens ad suadendum quod ipse sit Deus, se autem extollens unum idolum, habens in semetipso reliquorum idolorum varium errorem, ut hi qui per multas abominationes adorant diabolum, hi per hoc unum idolum serviant ipsi» (SC 153, 308-310).

²⁵⁸ Cf. ANTONIO ORBE, *Teologia de San Ireneo: comentario al libro V del Adversus haereses*, II, BAC, Madrid, 1987, 8-9.

²⁵⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 9,3: «Adoucabat autem omnes homines plangentes et, remissionem his qui a peccatis in captivitate deducti erant donans, solvebat eos a vinculis, de quibus ait Salomon: Restibus autem peccatorum suorum unusquaque constringitur. Spiritus ergo Dei descendit in eum, eius qui per prophetas promiserat uncturum se eum, ut de abundantia unctionis eius nos percipientes salvemur» (SC 211, 110-112).

O Ungido por excelência de Deus é o Verbo de Deus. Jesus é o Verbo encarnado que recebe a unção através de Espírito Santo. A finalidade da unção de Jesus é o homem: «O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu: enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros» (Is 61,1). A abundância da unção de Jesus transborda para o homem. Esta unção salvífica renova o homem, isto é, liberta-o dos pecados para uma vida autêntica²⁶⁰.

A doutrina da *recapitulação*, relembramos, tem uma abrangência universal, pois estende-se a todas as criaturas, como podemos ver no Génesis: «Deus disse: Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra» (Gn 1, 26). Mas o homem goza de uma primazia entre as criaturas por ser trabalhado por Deus, isto é, o seu artífice é divino tal como o é das outras criaturas, mas só ele é imagem de Deus e chamado a crescer na “semelhança”, por acção do Espírito Santo. Só o homem foi criado pelas “mãos de Deus”:

«O homem é obra de Deus, por isso ele deve esperar pacientemente a mão do seu artífice que faz todas as coisas em tempo oportuno. [...] A sua mão criou a tua substancia; ela te banhará de ouro puro e de prata, por fora e por dentro e embelezar-te-á tanto que o próprio rei será cativado pela tua formosura»²⁶¹.

Aqui, Ireneu faz uma analogia do homem com a Arca da Aliança: «Revesti-la-á de ouro puro, tanto no interior como no exterior, e cercá-la-á de uma cornija de ouro» (Ex 25,

²⁶⁰ Cf. ANTONIO ORBRE, *Introducción a la Teología de los siglos II y III*, 667.

²⁶¹ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 39,2: «Si ergo opera Dei es, manum artificis tui exspecta opportune omnia facientem, opportune omnia facientem, opportune autem quantum ad te attinet qui efficeris [...] Fabricavit substantiam in te manus ejus; liniet te ab intus et a foris auro puro et argento, et in tantum ornabit te, ut et ipse Rex concupiscat speciem tuam» (SC 100, 966).

11); a Arca da Aliança era a presença de Deus no meio do povo, assim o homem é revestido de ouro por dentro e por fora²⁶².

A *recapitulação* não só renova o género humano, mas também aproxima o homem de Deus. O Verbo de Deus encarnou e se fez homem, recapitulou os homens. Com a *recapitulação* o homem aproximou-se de Deus, recuperando a imagem e semelhança de Deus que o género humano tinha perdido em Adão. A encarnação do Verbo deificou o homem²⁶³. A encarnação do Verbo de Deus atrai o homem a Deus. Sobre isto Ireneu escreve: «O Verbo fez-se filho do homem para acostumar o homem a acolher Deus e para acostumar Deus a permanecer no homem, segundo o beneplácito do Pai»²⁶⁴. Assim, o homem é conduzido pelas mãos de Deus para a sua imagem e semelhança, mas sem perder a sua liberdade de escolha²⁶⁵.

A *recapitulação* em Cristo abarca todas as gerações, desde Adão. «Por isso Paulo chama a Adão figura do que devia vir, porque o Verbo, Criador de todas as coisas, prefigurara nele a futura economia da humanidade de que se revestiria o Filho de Deus»²⁶⁶. Na *recapitulação* da humanidade, o Verbo de Deus, o novo Adão, assume a humanidade de Adão, isto é, o velho Adão. Por isso, em Paulo, Adão é a figura do Verbo de Deus, que devia vir para recuperar o que havíamos perdido em Adão: a imagem e semelhança de Deus²⁶⁷.

²⁶² Cf. ANTONIO ORBE, “*Deus facit, homo fit*”, in *Gregorianum* 69, 4 (1988) 652.

²⁶³ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 18,1: «Sed quando incarnatus et homo factus, longam hominum expositionem in seipso recapitulavit, in compendio nobis salutem praestans, ut quod perdidimus in Adam, id est secundum imaginem et similitudinem esse Dei, hoc in Christo Iesu recipere» (SC 211, 342-344).

²⁶⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 20,2: «Verbum Dei quod habitavit in homine et Filius hominis factus est, ut aduenseret hominem percipere Deum et aduenseret Deus habitare in hominem secundum placitum Patris» (SC 211, 392).

²⁶⁵ Cf. ANTONIO ORBE, “*Deus facit, homo fit*”, 631.

²⁶⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 22,3: «Unde et a Paulo typus futuri dictus est ipse Adam, quoniam futuram circa Filium Dei humani generis dispositionem in semetipsum Fabricator omnium Verbum praeformaverat» (SC 211, 438).

²⁶⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 18,1: «Ut quod perdidimus in Adam, id est secundum imaginem et similitudinem esse Dei, hoc in Christo Iesu recipere» (SC 211, 342-344).

3.3 A credibilidade da verdade cristológica: Igreja de Cristo

Neste ponto, abordaremos a Igreja de Cristo enquanto lugar e garante da “verdadeira gnose”, tal com o bispo de Lião a entende. A Igreja Católica vem da linhagem apostólica e é presidida pelo Espírito Santo. A Igreja sempre percebeu que era preciso garantir o “tesouro apostólico”, uma vez que os grupos heréticos também se apresentavam como herdeiros de uma determinada tradição vinda de um determinado Apóstolo, ou derivada directamente do próprio Jesus. É nesta situação que Ireneu vai apresentar a Igreja enquanto lugar da verdade.

3.3.1 A apostolicidade da Igreja

A Igreja é apostólica porque assenta sobre as colunas dos Apóstolos. Os Apóstolos fizeram e participaram na experiência fundante da Igreja ao serem escolhidos por Cristo para dar seguimento ao seu Evangelho:

«Jesus chamou doze discípulos e deu-lhes poder de expulsar os espíritos malignos e de curar todas as enfermidades e doenças [...]. Ide, primeiramente, às ovelhas perdidas da casa de Israel. Pelo caminho, proclamai que o Reino do Céu está perto. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demónios. Recebestes de graça, dai de graça (Mt 10, 1. 6-8)».

Os Apóstolos são testemunhas oculares da verdade revelada em Cristo e chamados a participar e a continuar a sua missão salvífica junto dos homens. Dado que o Verbo de Deus deu aos Apóstolos o poder de pregar o Evangelho, só por meio deles é que podemos

chegar à verdade²⁶⁸. Por isso, o bispo de Lião, falando contra a “falsa gnose”, afirma que não é lícito dizer que os Apóstolos começaram a pregar antes de fazerem a experiência da “verdadeira gnose”²⁶⁹. O “gnosticismo” não tem credibilidade, em si mesmo, para poder corrigir os Apóstolos. Na verdade, a apostolicidade é confirmada também pelo Ressuscitado:

«Depois da ressurreição de nosso Senhor dos mortos, os Apóstolos foram revestidos da força do alto, pela vinda do Espírito Santo, foram repletos de todos os dons e possuíram o conhecimento perfeito. Foi então que foram até às extremidades da terra anunciando a boa nova dos bens que Deus nos dá [...] e da paz celeste para os homens: eles possuíam todos e cada um o Evangelho de Deus»²⁷⁰.

A procura da verdade evangélica remete-nos para as antigas Igrejas que vieram dos Apóstolos, que receberam a “verdadeira gnose” de Cristo, o Verbo de Deus.²⁷¹ O bispo de Lião diz:

«Sendo as nossas provas tão fortes, não é necessário procurar noutras pessoas aquela verdade que facilmente podemos encontrar na Igreja, porque os Apóstolos trouxeram, como num rico celeiro, tudo o que pertence à verdade, a fim de que cada um que o deseje, encontre aí a bebida da vida»²⁷².

²⁶⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, III, Pr.: «Etenim Dominus omnium dedit apostolis suis potestatem Euangelii, per quo set veritatem, hoc est Dei Filii doctrinam, cognovimus; quibus et dixit Dominus: Qui uos audit me audit, et qui uos contemnit me contemnit et eum qui me misit» (SC 211, 20).

²⁶⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 1,1: «Nec enim faz est dicere quoniam ante praedicaverunt quam perfectam haberent agnitionem, sicut quidam audent dicere, gloriantes se emendatores esse apostolorum» (SC 211, 20).

²⁷⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 1,1: «Postea enim quam surrexit Dominus noster a mortuis, et induti sunt superveniente Spiritu sancto virtutem ex alto, de ominibus adinpleti sunt et habuerunt perfectam agnitionem; exierunt in fines terrae, ea quae a Deo nobis bona sunt euangelizantes et caelestem pacem hominibus adnuntiantes, qui quidem et omnes pariter et singuli eorum habentes Euangelium Dei» (SC 211, 20-22).

²⁷¹ Cf. ISIDRO LAMELAS, “A Igreja apostólica como fundamento. Mito de origem?”, in *Communio* 4 (2011) 401.

²⁷² IRENEU, *Adversus haereses*, III, 4,1: «Tantae igitur ostensiones cum sint, non oportet adhuc quaerere apud alios veritatem quam facile est ab Ecclesia sumere, cum apostoli quasi in depositarium dives plenissime in eam contulerint omnia quae sint veritatis, uti omnis quicumque velit sumate ex ea potum vitae» (SC 211, 44).

Como podemos ver, os Apóstolos são o garante credível da verdade revelada e do seu recto conhecimento, porque eles receberam a doutrina directamente da fonte, Jesus Cristo, o Verbo de Deus. E foi esta mesma doutrina recebida que eles transmitiram sem acrescentar nem alterar nada ao dado revelado. Por isso, Ireneu insiste em afirmar que «somente os Evangelhos dos Apóstolos são os verdadeiros e autênticos, e que não pode haver nem mais nem menos do que foi dito [...]; se Deus fez todas as coisas com ordem e harmonia, havia também de fazer com que a forma dos Evangelhos se apresentasse com harmonia e ordem»²⁷³.

A teologia da apostolicidade é posterior à realidade fundante. A “verdadeira gnose” não nasceu dos Apóstolos, mas sim do Verbo de Deus. Não obstante, os Apóstolos são também fonte da ortodoxia, na medida em que eles participam directamente e presencialmente com Cristo na revelação da “verdadeira gnose”²⁷⁴.

Tal como os primeiros autores cristãos, o bispo de Lião sai em defesa da verdade do Verbo de Deus, face ao docetismo e às hermenêuticas arbitrárias da gnose. Contra estas, o bispo de Lião recorda que a Igreja apostólica remonta aos Apóstolos na sua constituição. Esta sua raiz, real e verificável nos Apóstolos, não assume apenas um valor histórico-documentável. A Igreja é apostólica, porque se mantém fiel ao legado apostólico, isto é, ao próprio Cristo que confiou o seu “testamento” aos Apóstolos. Porque ela sempre manteve o tesouro que recebeu, em primeira mão, dos Apóstolos, a Igreja é apostólica, quer na missão que ela desempenha, quer na doutrina que anuncia²⁷⁵. A doutrina comunicada por Cristo aos Apóstolos não é uma doutrina só de palavras, mas também de factos reais sobre a vida do Verbo de Deus, como podemos verificar em Ireneu através do credo apostólico:

²⁷³ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 11,9: «Quoniam autem sola illa vera et firma et non capit neque plura praeterquam praedicta sunt neque pauciora esse Euangelia, per tot et tanta ostendimus. Etenim cum omnia compósita et apta Deus fecerit, oportebat et speciem Euangelii bene compositam et bene compaginatum esse» (SC 211, 174).

²⁷⁴ Cf. ISIDRO LAMELAS, “A Igreja apostólica como fundamento. Mito de origem?”, 391.

²⁷⁵ Cf. ISIDRO LAMELAS, “A Igreja apostólica como fundamento. Mito de origem?”, 395-399.

«Cremos num só Deus, Criador do céu e da terra e de tudo o que está neles e em Jesus Cristo, Filho de Deus, o qual, pela sua imensa caridade para com os homens, a obra por ele modelada, submeteu-se à concepção da Virgem para unir por seu meio o homem a Deus; padeceu sob Pôncio Pilatos, ressuscitou, foi assunto à glória e, na glória virá como Salvador dos que se salvarão e Juiz dos que serão julgados e enviará ao fogo eterno os deformadores da verdade e os que desprezam seu Pai e sua vinda»²⁷⁶.

Como podemos ver neste trecho, a fé não consiste apenas em palavras, e “conhecimento”, mas assenta em acontecimentos históricos assegurados pela encarnação e vida concreta de Jesus, desde a sua concepção, até à morte sob Poncio Pilatos. Estes mesmos acontecimentos em torno da pessoa de Cristo foram testemunhados pelos Apóstolos e vividos pelos mesmos. Por isso, segundo Ireneu, toda a doutrina e vivência apostólica têm a sua única e verdadeira origem em Cristo, o Filho de Deus.

Os Apóstolos são aqueles que fazem e representam o vínculo orgânico entre a cabeça da Igreja, o Verbo de Deus, e a Igreja histórica, tanto na disciplina, como no magistério. A experiência, ou se quisermos, o testemunho ocular dos Apóstolos, perante os acontecimentos de Jesus Cristo, permite-lhes cooperarem na génese e na transmissão da “verdadeira gnose”²⁷⁷. Deste modo, a credibilidade da “verdadeira gnose” está na apostolicidade, isto é, no núcleo dos Apóstolos, na medida em que foram eles que fizeram a experiência fundante da “verdadeira gnose”. Sendo assim, a verdade sobre a pessoa de Cristo tem que ser procurada dentro da apostolicidade da Igreja²⁷⁸.

²⁷⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 4,2: «...in unum Deum credentes Fabricatorem caeli et terrae et omnium quae in eis sunt, et Christum Iesum Dei Filium, qui propter eminentissimam erga figmentum suum dilectionem eam que esset ex Virgine generationem sustinuit, ipse per se hominem adunans Deo, et passus sub Pontio Pilato, et resurgens et in Claritate receptus, in gloria venturus Saluator eorum qui salvantur et Iudex eorum qui iudicantur et mittens in ignem aeternum transfiguratores veritatis et contemptores Patris sui et aduentus eius» (SC 211, 46-48).

²⁷⁷ Cf. R. TREVIJANO, “Apostolicidad”, in DPAC, I, 183-184.

²⁷⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 1,1: «Non enim per alios dispositionem salutis nostrae cognovimus quam per eos per quos Euangelium pervenit ad nos: quod quidem tunc praeconauerunt, postea vero per Dei voluntatem in Scripturis nobis tradiderunt, fundamentum et columnam fidei nostrae futurum» (SC 211, 20).

3.3.2 Critério da Tradição e Sucessão

O século II é um tempo peculiar na vida da Igreja. A geração dos Apóstolos desaparecera e, em contrapartida, iam-se multiplicando comunidades cristãs em todo o território do império Romano, por vezes comunidades muito dispersas por todas as províncias do mesmo. Com isto, a “Grande Igreja” percebeu que era preciso garantir o tesouro apostólico, isto é, o depósito da fé que Ireneu identifica com a “verdadeira gnose”²⁷⁹. Uma vez que os grupos gnósticos também se apresentavam como herdeiros de uma determinada tradição vinda dos Apóstolos, ou da tradição de um determinado apóstolo, era urgente encontrar um critério irrefutável que definisse a verdadeira tradição. Ireneu encontra esse critério na ideia de “sucessão”.

De facto, só através da “sucessão apostólica”, isto é, dos bispos que sucederam aos Apóstolos, poderemos demonstrar e documentar qual a doutrina verdadeira e quem é o seu legítimo detentor e divulgador.

Contra esta noção de tradição directa, (que os gnósticos entendiam como individual e secreta) Ireneu expõe, em termos clarividentes e insistentes, o seu conceito de Tradição apostólica que assenta precisamente na “sucessão apostólica”, historicamente verificável, que é o “garante do canôn da verdade” ou “Regra da fé”²⁸⁰. A Tradição da Igreja não se baseia só num Apóstolo, tal como faziam crer os gnósticos, mas no colégio dos Apóstolos:

«Os bem-aventurados Apóstolos que fundaram e edificaram a Igreja transmitiram o governo episcopal a Lino, o Lino que Paulo lembra na carta a Timóteo. Lino teve como sucessor Anacleto. Depois dele, em terceiro lugar, depois dos apóstolos, coube o episcopado a Clemente, que vira os próprios Apóstolos e estivera em relação com eles, que ainda guardava viva em seus ouvidos a pregação deles e diante dos olhos a tradição. E não era o único, porque nos seus dias viviam ainda muitos que foram

²⁷⁹ Cf. L'ABBÉ FREPPEL, *Saint Irénée*, 399.

²⁸⁰ ALBERT VICIANO, *Patrología*, 81.

instruídos pelos Apóstolos [...]. A Clemente sucedeu Evaristo; a Evaristo, Alexandre; em seguida, sexto depois dos Apóstolos foi Sisto; depois dele, Telésforo, que fechou a vida com gloriosíssimo martírio; em seguida Higino; Pio; depois dele, Aniceto. A Aniceto sucedeu Sótero e, presentemente, Eleutério, em décimo segundo lugar na sucessão apostólica, detém o pontificado. Com esta ordem e sucessão chegou até nós, na Igreja, a tradição apostólica e a pregação da verdade. Esta é a demonstração mais plena de que é uma e idêntica a fé vivificante que, fielmente, foi conservada e transmitida, na Igreja, desde os Apóstolos até agora»²⁸¹.

A Tradição da Igreja vem dos Apóstolos, isto é, não trata de uma tradição privada. A mesma Tradição tem como base o colégio apostólico impulsionado pelo Espírito Santo: Cristo ensina, os Apóstolos transmitem à Igreja, a Igreja guarda e conserva fiel e ininterruptamente a Tradição, comunicando-a viva aos homens de cada tempo²⁸². Como podemos ver no trecho acima, a Igreja vem de uma “sucessão apostólica”: logo depois da morte de Paulo e de Pedro, Lino foi o primeiro a ser eleito para o episcopado para a Igreja de Roma, homem que já Paulo conhecia (2Tm 4,21). Ireneu sente-se na linha desta sucessão apostólica, quando nos diz que o fio condutor da Sagrada Tradição chegou também até ele. Ele sente-se filho da verdadeira pregação apostólica conduzida através da Sagrada Tradição. Ireneu lembra-se da sua infância com Policarpo, bispo de Esmirna, que não só foi discípulo dos Apóstolos, mas também levou uma vida familiar com muitos dos

²⁸¹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 3,3: «Fundantes igitur et instruente beati apostoli Ecclesiam, Lino episcopatum administrandae Ecclesiae tradiderunt: huius Lini Paulus in his que sunt ad Timotheum epistolis meminit. Succedit autem ei Anacletus. Postea tertio loco ab apostolis episcopatum sortitur Clemens, qui et vidit apostolos ipsos, et contulit cum eis et cum adhuc insonantem praedicationem apostolorum et traditionem ante oculos haberet, non solus: adhuc enim multi supererant tunc ab apostolis docti [...] Huic autem Clementi succedit Euaristus, et Euaristo Alexander, ac deinceps sextus ab apostolis constitutus est Xistus, et ab hoc Telesiphorus, qui etiam gloriosissime martyrium fecit, ac deinceps Hyginus, post Pius, post quem Anicetus. Cum autem successisset Aniceto Soter, nunc duodécimo loco episcopatum ab apostolis habet Eleutherus: Hac ordinatione et successione ea quae est ab apostolis in Ecclesia traditio et veritatis praeconatio pervenit usque ad nos. Et est plenissima haec ostensio, unam et eandem vivificatricem fidem esse quae in Ecclesia ab apostolis usque nunc sit conservata et tradita in veritate» (SC 211, 32-38).

²⁸² IRENEU, *Adversus haereses*, III, 1,1: «Non enim per alios dispositionem salutis nostrae cognovimus quam per eos per quos Euangelium pervenit ad nos: quod quidem tunc praeconaverunt, postea vero per Dei voluntatem in Scripturis nobis tradiderunt, fundamentum et columnam fidei nostrae futurum» (SC 211, 20); GIORGIO JOSSA, *Regno di Dio e Chiesa*, 34-35.

que tinham visto Jesus Cristo, o Verbo de Deus²⁸³. O bispo de Lião testemunha a Tradição que ele recebeu de Policarpo na sua infância:

«Ele sempre ensinou o que tinha aprendido dos Apóstolos, doutrina que é também a que Igreja transmite e que é a única verdadeira. Disso dão testemunho todas as Igrejas da Ásia e aqueles que até hoje sucederam a Policarpo, que era testemunha da verdade bem mais segura e digna de fé do que Valentim e Marcião e todos os outros iniciadores e inventores perversos»²⁸⁴.

Para Ireneu, o critério da Sagrada Tradição está na Igreja; e vai mais além, ao dizer que as doutrinas gnósticas tiveram origem nos próprios gnósticos, portanto são fruto de desvios humanos: a doutrina de Valentim começa com Valentim, a doutrina de Marcião começa com Marcião²⁸⁵. Por isso, a doutrina gnóstica não tem fundamento, isto é, ela não é digna de crédito. Mas o bispo de Lião é plenamente tradicional, os seus conceitos vêm da Sagrada Tradição e das Sagradas Letras. O critério da Tradição contrapõe-se à “falsa gnose”²⁸⁶:

«Eis que se devem escutar os presbíteros que estão na Igreja, que são sucessores dos Apóstolos, como o demonstramos, e que com a sucessão no episcopado receberam o carisma seguro da verdade segundo o beneplácito do Pai. Quanto a todos os outros que se separam da sucessão principal e em qualquer lugar que se reúnam, devem ser vistos com desconfiança, como hereges e de má fé, como hipócritas que fazem isso à procura de lucro e de vanglória»²⁸⁷.

²⁸³ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 3,4: «Et Polycarpus autem, non solum ab apostolis edoctus et conversatus cum multis eis qui Dominum nostrum viderunt, sed etiam ab apostolis in Asia in ea quae est Smyrnis Ecclesia constitutus episcopus» (SC 211, 38).

²⁸⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 3,4: «haec docuit semper quae ab apostolis didicerat, quae et Ecclesiae tradidit, et solua sunt vera. Testimonium his perhibent quae sunt in Asia Ecclesiae omnes et qui usque adhuc successerunt Polycarpo: qui fuit multo maioris auctoritatis et fidelior veritatis testis quam Valentinus et Marcion et reliqui qui sunt peruersae sententiae» (SC 211, 40).

²⁸⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 4,3: «ante Valentinum enim non fuerunt qui sunt a Valentino, neque ante Marcionem erant qui sunt a Marcione, neque omnino erant reliqui sensus maligni quos supra enumerauimus antequam initiatores et inventores perveritatis eorum fierent» (SC 211, 50); L'ABBÉ FREPPEL, *Saint Irénée*, 400.

²⁸⁶ Cf. HANS URS VON BALTHASAR, *Gloria*, 51.

²⁸⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 26,2: «Quapropter eis qui in Ecclesia sunt presbyteris obaudire oportet, his qui successionem habent ab Apostolis, sicut ostendimus, qui cum episcopatus successine charisma veritatis certum secundum placitum Patris acceperunt, reliquos vero qui absistunt a principal successionem et

Na Igreja, o acto de sagrar os bispos visa, antes de tudo, preservar e administrar a doutrina revelada aos Apóstolos. E um desses bispos era o venerado mestre de Santo Ireneu, São Policarpo, e também Lino, o segundo Papa que recebeu dos Apóstolos o episcopado da Igreja de Roma²⁸⁸.

Os hereges andam à deriva, porque lhes falta algo muito importante. Eles não têm a base da Tradição Apostólica, que dá sustento, consistência, veracidade e continuidade à revelação de Deus. Eles iniciam novos caminhos, todos equivocados, desviando-se da própria verdade revelada em Jesus Cristo. A Igreja vem da linhagem apostólica, por isso mantém-se firme e enraizada na verdade dos Apóstolos. A sua doutrina é digna de fé, na medida em que ela obedece à sua apostolicidade²⁸⁹.

No meio de toda a diversidade gnóstica acima referida, Ireneu enfatiza o caminho dos filhos da Igreja que é uno e, mesmo que dê volta ao mundo, não se divide, nem se corrompe com o erro, porque está assente na Tradição apostólica firme, que se concretiza numa só fé para todos²⁹⁰.

O bispo de Lião, nas suas explicações do que é a verdadeira doutrina, tenta manter o critério da Tradição, que transmite só o que recebeu dos Apóstolos: «Todo o ensinamento dos Apóstolos anuncia um só e idêntico Deus que fez emigrar Abraão, lhe fez as promessas da herança. [...] Anuncia ainda que este é o Criador de todas as coisas, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus da glória»²⁹¹.

quocumque loco colligunt suspectos habere, vel quasi haereticos ei malae sententiae, vel quasi scindentes et elatos et sibi placentes, aut rursus ut hypocritas, quaestus gratia et vanae gloriae hoc operantes» (SC 100, 718).

²⁸⁸ Cf. ANTONIO ORBE, *Teologia de San Ireneo: comentario al libro V del Adversus*, II, 296-297.

²⁸⁹ Cf. ANTONIO ORBE, *Teologia de San Ireneo: comentario al libro V del Adversus*, II, 298-299.

²⁹⁰ Cf. ANTONIO ORBE, *Teologia de San Ireneo: comentario al libro V del Adversus*, II, 300.

²⁹¹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 12,11: «Et omnem apostolorum doctrinam unum et eundem Deum adnuntiasset, qui transtulit Abraham, qui promissionem hereditatis [...] hunc Factorem omnium, hunc Patrem Domini nostri Iesu Christi, hunc Deum claritatis» (SC 211, 226-228).

Como podemos ver, o critério da Sagrada Tradição, associado à “sucessão apostólica”, é fundamental na afirmação e na demonstração da credibilidade da verdade anunciada pela “grande Igreja”. A Sagrada Tradição tem a missão de guardar e ensinar o cânon da fé recebida dos Apóstolos, isto é, tem a missão de defender a “verdadeira gnose” que se comunica de forma segura de geração em geração, através da sucessão dos Apóstolos e da Igreja.

3.3.3 Critério da Escritura

Os gnósticos também utilizavam a Escritura como fundamento das suas doutrinas. Mas eles não utilizavam a Escritura como um todo, porque mutilavam-na. Dando prioridade à interpretação sobre a revelação, introduziram na exegese todo o tipo de arbitrariedade hermenêutica, já que os textos passam a estar ao serviço e em função das respectivas doutrinas, e não o contrário.

A Sagrada Escritura é a fonte da “verdadeira gnose”, isto é, é uma fonte credível sobre a verdade do Verbo de Deus encarnado. O cânone da Escritura é determinado pela Sagrada Tradição, por isso é no seio da Igreja que a Escritura deve ser interpretada. Para Ireneu, o cânon do Novo Testamento está alicerçado nos quatro Evangelhos. Depois dos Evangelhos, vêm os outros escritos: as epístolas de São Paulo, os Actos dos Apóstolos, as epístolas de São João e o Apocalipse, a primeira carta de Pedro. Estes livros formam o corpus completo aceite pela “grande Igreja” do Novo Testamento, porque têm o mesmo carácter de inspiração que os livros do Antigo Testamento²⁹². Ireneu não ficou só na

²⁹² Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 307.

designação dos livros do Novo Testamento, da Escritura, mas também procurou mostrar a origem dos mesmos:

«Mateus publicou entre os judeus, na língua deles, o escrito dos Evangelhos, quando Pedro e Paulo evangelizavam em Roma e aí fundavam a Igreja. Depois da morte deles, também Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, nos transmitiu por escrito o que Pedro anunciava. Por sua parte, Lucas, o companheiro de Paulo, punha num livro o Evangelho pregado por ele. E depois, João, o discípulo do Senhor, aquele que reclinara a cabeça ao peito dele, também publicou o seu Evangelho, quando morava em Éfeso, na Ásia»²⁹³.

A verdade dos livros do cânon não tem outra origem, senão em Jesus Cristo, Verbo de Deus, nos Apóstolos e nos que receberam dos Apóstolos a “verdadeira gnose”, isto é, a verdade do Verbo encarnado. A origem apostólica da Sagrada Escritura dá-lhe credibilidade na sua mensagem e na doutrina, que ela transporta face à doutrina da “falsa gnose”. Não é possível existirem mais do que quatro, ou menos do que quatro Evangelhos. Os quatro Evangelhos correspondem aos quatro cantos do mundo onde a Igreja está. A Igreja tem como fundamento os Evangelhos e o Espírito Santo. Os Evangelhos são vistos como quatro colunas que sustentam os quatro cantos do mundo e protegem o mundo da incorruptibilidade e dão vida ao homem²⁹⁴.

A insistência na definição dos escritos que constituem o cânon é devida à proliferação de escritos no seio da “falsa gnose”. Segundo Ireneu, para determinar a canonicidade de um escrito, não há que ter em conta só a sua apostolicidade, mas também

²⁹³ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 1,1: «Ita Matthaeus in Hebraeis ipsorum lingua scripturam edidit Euangelii, cum Petrus et Paulus Romae evangelizarent et fundarent Ecclesiam. Post vero horum excessum, Marcus discipulus et ipse quae a Petro adnuntiata erant per scripta nobis tradidit. Et Lucas autem sectator Pauli quod ab illo praedicabatur Euangelium in libro condidit. Postea et Iohannes discipulus Domini, qui et supra pectus eius recumbebat, et ipse edidit Euangelium, Ephesi Asiae commorans» (SC 211, 22-24).

²⁹⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 11, 8: «Neque autem plura numero quam haec sunt neque rursus pauciora capit esse Euangelia. Quoniam enim quattuor regiones | mundi sunt in quo sumus et quattuor principales spiritus et disseminata est Ecclesia super omnem terram, columna autem et firmamentum Ecclesiae est Euangelium et Spiritus vitae, consequens est quattuor habere eam columnas undique flantes incorruptibilitatem et vivificantes homines» (SC 211, 160-162).

a sua tradição eclesiástica. A Igreja, que foi fundada por Cristo e onde está a tradição dos Apóstolos é que tem a última palavra na interpretação da Sagrada Escritura. Cada um dos livros do Antigo Testamento e do Novo Testamento são como árvores na plantação da Igreja, sendo ela que nos alimenta com os seus frutos²⁹⁵. Sobre isto, Ireneu escreve:

«É preciso, portanto, que evitemos as suas doutrinas (heréticas) e estejamos precavidos para não sofrer dano algum através delas. Melhor é refugiarmo-nos na Igreja, sermos a leitados ao seu seio, e alimentarmo-nos da Escritura do Senhor. Porque a Igreja foi plantada como um paraíso no mundo. Por isso, diz o Espírito de Deus: “Tu comerás pois do frutos de todas as árvores do paraíso. Quer dizer: Come de toda a Escritura do Senhor, mas não comas com orgulho nem tenhas contacto com a dissensão dos heréticos”»²⁹⁶.

Ireneu diz-nos «onde está a Igreja, aí está o Espírito de Deus, e onde está o Espírito de Deus ali está a Igreja e toda a graça. E o Espírito é Verdade. Por isso, os que se afastam dele e não se alimentam nos seios da Mãe para viver, não recebem da fonte puríssima que procede do corpo de Cristo»²⁹⁷.

As Escrituras são fonte da “verdadeira gnose”, por isso são qualificadas não somente de divinas, ou de espirituais, mas também de Escrituras do Senhor²⁹⁸. Os Evangelhos são tão valiosos que recebem o testemunho do gnosticismo, tentando sempre apoiar as suas doutrinas por meio dos Evangelhos. Porém, os hereges utilizam os Evangelhos manipulando-os ao sabor dos seus interesses. Ireneu sai em defesa da integridade da

²⁹⁵ Cf. JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, I, 308.

²⁹⁶ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 20, 2: «Fugere igitur oportet sententias ipsorum et intentius observare necubi vexemur ab ipsis, confugere autem ad Ecclesiam et ejus sinu educari et dominicis Scripturis enutriri. Plantata est enim Ecclesia paradus in hoc mundo. “ Ab omni ergo ligno paradisi escas manducabitis”, ait Spiritus Dei, hoc est ab omni Scriptura dominica manducate, a superelato autem sensu ne manducaveritis neque tetigeritis universam | haeticam dissensionem» (SC 153, 258).

²⁹⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 24,1: «In Ecclesia enim, inquit, posuit Deus apostolos, profectas, doctores, et universam reliquam operationem Spiritus, cuius non sunt participes | omnes qui non concurrunt ad Ecclesiam, sed semetipsos fraudant a vita per sententiam malam et operationem pessimam. Ubi enim Ecclesia, ibi et Spiritus Dei; et ubi Spiritus Dei, illic Ecclesia et omnis gratia: Spiritus autem Veritas. Quapropter qui non participant eum, neque a mamillis Matris nutriuntur in vitam neque percipiunt de corpore Christi procedentem nitidissimum fontem» (SC 211, 472-474).

²⁹⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 20,1: «Dominicis Scripturis» (SC 153, 254).

Sagrada Escritura, pois ela tem que ser compreendida no seu todo e na verdade que ela nos traz: «Deus que criou o mundo é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. A criação aponta para Jesus Cristo tal como as profecias que pre-anunciavam a vinda do Senhor, segundo São Paulo»²⁹⁹.

A Sagrada Escritura é, toda ela, um corpo completo e harmonioso, composta pelos dois Testamentos³⁰⁰ e, como tal, foi deixada pelos Apóstolos à Igreja como único “Testamento”. Por isso, ela não pode ser mutilada, nem interpretada fora da Igreja.

A credibilidade dos Evangelhos é, assim, garantida pela apostolicidade. Os Apóstolos primeiro escutaram e viveram, depois anunciaram e puseram por escrito a doutrina sobre Deus comunicada aos homens pelo Verbo de Deus. Este é, portanto, a verdadeira “fonte” credível da “gnose” sobre Deus e sobre o homem e o seu destino. Aliás, a Escritura é a Palavra sinfónica e multiforme que ecoa da única Palavra-Verbo do Pai, que falou de forma definitiva e única em Jesus Cristo. Por isso, mutilar ou falsificar a Escritura equivale a mutilar a verdade do Verbo de Deus encarnado³⁰¹.

A interpretação da Sagrada Escritura deve remeter-nos para uma síntese doutrinal. Por isso, não vale a pena adulterá-la, fazendo com que ela fale a verdade que nós queremos. O gnosticismo até conhece a diversidade das parábolas, dos ditos, das frases, das locuções, dos números e das cifras da Sagrada Escritura. Mas eles preocupam-se em ver o significado de cada peça solta e não se preocupam com a visão de conjunto das mesmas. O sentido das palavras, das parábolas, dos ditos, das frases, das locuções, dos números e das cifras da Sagrada Escritura pode ser muito diverso, em contextos distintos.

²⁹⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 27,1: «Deo qui mundum fecit, quoniam hic Pater Domini nostri Iesu Christi, et quaecumque ex propheticis memorans Apostolus docuit praenuntiantibus aduentum Domini» (SC 264, 350).

³⁰⁰ Cf. ANTONIO ORBE, *Parabolas Evangelicas en San Ireneo*, I, BAC, Madrid, 1972, 26-28.

³⁰¹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 5,1: «revertamur ad eam quae est ex Scripturis ostensionem eorum qui Evangelium conscripserunt apostorum, in quibus conscripserunt de Deo sententiam, ostendentes quoniam Dominus noster Iesus Christus veritas est et mendacium in eo non est» (SC 211, 52).

Sobre as parábolas Ireneu diz-nos o seguinte: «Como as parábolas podem ter muitíssimas explicações, qual é o homem, amante da verdade, que não convirá que seria perigoso e irracional basear-se nelas na procura de Deus e deixar o que é certo, indubitável e verdadeiro?»³⁰².

A interpretação da Sagrada Escritura tem que ser avaliada conformidade com a “Regra da fé”, recebida e ensinada na Igreja. Mas os que por ignorância e sem falsidade chegam a uma interpretação errónea podem acreditar que serão perdoados por Deus. Porém, os que, por vanglória, apresentam uma interpretação errónea da Sagrada Escritura, não se sairão bem. Estes hereges são os primeiros a ficarem prejudicados, porque ficam cada vez mais afastados da verdade, ou seja, da “verdadeira gnose”³⁰³. «E quem acrescenta ou elimina alguma coisa das Escrituras sofrerá castigo exemplar, inevitavelmente será atingido quem agir desta forma»³⁰⁴.

Na interpretação da Sagrada Escritura, o critério da caridade, segundo Ireneu, escapa ao gnosticismo. Por isso, os hereges desprovidos do amor do Pai e inflamados por Satanás permanecem numa doutrina errónea e, desse modo, eles estão sempre afastados do verdadeiro Deus, isto é, da “verdadeira gnose”. Os “falsos gnósticos” acabam por inventar o próprio Deus, julgando ter encontrado algo mais do que os Apóstolos³⁰⁵.

³⁰² IRENEU, *Adversus haereses*, II, 27,3: «Quia autem parabolae possunt multas recipere absolutiones, ex ipsis de indubitatum et verum est, vale praecipitantium se in periculum et irrationabilium esse, quis non amantium veritatem confitebitur?» (SC 294, 268).

³⁰³ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 30,1: «...et per ignorantiam ausi sunt et nomia exquirere habentia falsum erroris numerum. Sed his quidem qui simpliciter et sine malitia hoc fecerunt arbitramur veniam dari a Deo; quotquot autem secundum inanem gloriam statuunt nomina continentia falsum numerum et quod a se fuerit adinventum nomen definierunt esse illius qui et semetipsos et credentes sibi seduxerunt. Et primum quidem damnum est excidere a veritate et quod non sit quasi <sit>» (SC 153, 372-374).

³⁰⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 30,1: «arbitrari; post deinde apponenti vel auferenti de Scriptura poenam non modicam fore, in quam incidere necesse este um qui sit talis». (SC 153, 374-376).

³⁰⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 12,12: «Omnes enim qui sunt malae sententiae, moti ab ea legislatione quae est secundum Moysen, dissimilem eam et contrariam Euangelii doctrinae arbitantes, non iam sunt conversi uti differentiae utriusque Testamenti inquirerent causas. Deserti | igitur cum sint a paterna dilectione et inflati a Satana, conversi in Simonis magi doctrinam, abstiterunt sententiis suis ab eo qui est Deus et putaverunt semetipsis plus invenisse quam apostoli alterum Deum adinuenientes» (SC 211, 230).

O critério da Sagrada Escritura e a verdade objectiva são um só: «Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, o Deus dos viventes, anunciado pela Lei, pregado pelos profetas, revelado por Cristo, transmitido pelos Apóstolos, acreditado pela Igreja; ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo; por meio do Verbo, que é seu Filho, é revelado e manifestado a todos que ouvem a revelação»³⁰⁶. O cânon Sagrado impõe-se sobre qualquer investigação, isto é, está acima de qualquer função de mera interpretação. Mas, já na “falsa gnose” se descuida a ordem do texto Sagrado, dissolvendo a verdade que ele suporta. É clara a arbitrariedade da exegese no seio do gnosticismo. A exegese herética manipula a Palavra de Deus para uma interpretação meramente subjectiva, isto é, segundo um conjunto de critérios que não se fundam na evidência da Sagrada Escritura³⁰⁷.

3.3.4 A Igreja enquanto lugar da verdade

Para o gnosticismo, a Igreja como comunidade estruturada e instrumento da salvação, não tem muita revelância. Pois eles querem sempre desenvolver-se à margem da Igreja, dado que, enquanto “espirituais” e “perfeitos” não reconhecem a mediação da Igreja³⁰⁸.

Segundo Ireneu, a Igreja é lugar da verdade revelada, porque ela é a guardiã do “tesouro apostólico”. Cristo recebeu do Pai – transmitiu aos Apóstolos, os Apóstolos

³⁰⁶ Cf. ANTONIO ORBE, *Teologia de San Ireneo: comentario al libro IV del Adversus haereses*, I, BAC, Madrid, 1996, 448.

³⁰⁷ Cf. PEDRO A. TALAVERA, *La Metodología Teológica de Ireneo de Lyon*, 140; IRENEU, *Adversus haereses*, I, 8,1. 9,2: «...ordinem quidem et textum Scripturarum supergredientes et quantum in epsis est solventes membra veritatis [...] Manifesta igitur expositionis eorum transfnctio» (SC 264, 112.138).

³⁰⁸ Cf. ILDO FORTES, *O Espírito Santo e a Igreja em Santo Ireneo*, 19.

transmitiram à Igreja. Na Igreja, podemos conhecer e celebrar a verdade revelada em Cristo, porque “recebeu dos Apóstolos a fé”.

A Igreja, como depositária da fé, está espalhada em todo o mundo, mas tem uma só crença:

«Com efeito, a Igreja espalhada pelo mundo inteiro até aos confins da terra recebeu dos Apóstolos e seus discípulos a fé num só Deus, Pai onipotente, que fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto neles existe; num só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a economia de Deus»³⁰⁹.

A Igreja não é autora nem “dona” da Revelação. Ela mantém-se una, enraizada na Sagrada Tradição, guardando a fé e a unidade da Sagrada Escritura, lugar onde se fala na unidade da revelação num único Deus, verdadeiro e vivo³¹⁰. A unidade e a continuidade do caminho da Igreja, opõe-se aos caminhos da dispersão característicos do gnosticismo. Para Ireneu, só há um caminho para os filhos da Igreja em todo o mundo, que não se corrompe com as diversidades do mundo. O sustento desta unidade da Igreja é a Sagrada Tradição, constante e fiel aos Apóstolos, que se traduz numa só fé para todos. Há uma única «Igreja de Deus»³¹¹ estendida por toda a terra e guardiã da mesma fé. Mas, esta Igreja una multiplica-se em Igrejas particulares³¹². Os fiéis que querem ser guiados pela “Grande Igreja” estão protegidos e conservados numa Tradição sólida que vem dos Apóstolos, mostrando-nos uma única fé em Deus Uno e Trino. Esta mesma Tradição única, sólida e verdadeira é iluminada pela sabedoria divina: «A sabedoria clama nas ruas, eleva a sua voz nas praças, grita sobre os muros, faz ouvir sua voz à entrada das portas da cidade» (Pr 1,

³⁰⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, I, 10,1: «Ecclesia enim per universum orbem usque ad fines terrae seminata, et ab apostolis et discipulis eorum accepit eam fidem quae est in unum Deum Patrem omnipotentem, qui fecit caelum et terram et mare et omnia quae in eis sunt, et in unum Christum Iesum Filium Dei, incarnatum pro nostra salute, et in Spiritum Sanctum, qui per profetas praedicavit dispositiones Dei» (SC 264, 154).

³¹⁰ Cf. HANS URS VON BALTHASAR, *Gloria*, 44.

³¹¹ IRENEU, *Adversus haereses*, V, Pr.: «Ecclesiam Dei» (SC 153, 12).

³¹² Cf. ANTONIO ORBE, *Teologia de San Ireneo: comentario al libro V del Adversus haereses*, II, 300.

20-21). A Igreja, enquanto herdeira da Tradição Apostólica, sente-se impulsionada a pregar a verdade. Ireneu apela aos fiéis que se acolham no refúgio da Igreja, porque nela serão protegidos e nutridos na verdadeira doutrina³¹³.

A concepção da Igreja, enquanto lugar da verdade está ligada à teoria da recapitulação em Ireneu. Tudo se renova em Cristo, o Verbo de Deus. Cristo é a cabeça da Igreja a fim de renovar todas as gerações estendendo a renovação a todo o mundo:

«Recapitulou todas as coisas em si para que Ele, que como Verbo de Deus tem a primazia entre os seres celestes, espirituais e invisíveis, a tivesse também entre os seres visíveis e corporais, e para que, ao assumir em si esta primazia e ao tornar-se cabeça da Igreja, atraísse a si todas as coisas, no tempo oportuno»³¹⁴.

Como vemos, Igreja é apresentada como um canal que atrai todas as coisas para Cristo. Atrair as coisas a Cristo é atraí-las à verdade. «Eis que se devem escutar os presbíteros que estão na Igreja, que são sucessores dos Apóstolos, como o demonstramos, e que com a sucessão no episcopado receberam o carisma seguro da verdade segundo o beneplácito do Pai»³¹⁵. A Igreja, presidida pelo Espírito Santo transporta o carisma da verdade através dos presbíteros ou dos bispos, que sucederam aos Apóstolos, assinalados pelo beneplácito do Pai.

³¹³ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 20,1: «Eorum autem qui ab Ecclesia sunt semita circumiens mundum universum, quippe firmam habens ab Apostolis traditionem, et videre nobis donans omnium unam et eandem esse fidem, omnibus unum et eundem Deum Patrem recipientibus [...] Ecclesiae igitur praedicatio vera et firma, apud quam una et eadem salutis via in universo mundo ostenditur [...] Ubique enim Ecclesia praedicat veritatem: et haec est ἐπιτάμνωξ lucerna, Christi bajulans lumen» (SC 153, 254-256); IRENEU, *Adversus haereses*, V, 20,2: «Fugere igitur oportet sententias ipsorum et intentius observare necubi vexemur ab ipsis, confugere autem ad Ecclesiam e tejus sinu educari et dominicis Scripturis enutririi» (SC 153, 258).

³¹⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 16,6: «universa in semetipsum recapitulans, uti, sicut in supercaelestibus et spiritalibus et in invisibilibus princeps est Verbum Dei, sic et in visibilibus et corporalibus principatum habeat, in semetipsum primatum adsumens et apponens semetipsum caput Ecclesiae, universa adtrahat ad semetipsum apto in tempore» (SC 211, 314).

³¹⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, IV, 26,2: «Quapropter eis qui in Ecclesia sunt presbyteris obaudire oportet, his qui successionem habent ab Apostolis, sicut ostendimus, qui cum episcopatus successine charisma veritatis certum succundum placitum Patris acceperunt» (SC 100, 718).

Essa verdade recebida e transmitida de forma segura pela Igreja está na “Regra da fé”³¹⁶: «Jesus disse-lhes: “Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos”» (Mt 28,18-20). O poder recebido por Jesus do Pai é comunicado aos Apóstolos para perpetuar a “verdade revelada” com a sucessão episcopal, na Igreja acreditada por Cristo, numa só verdade³¹⁷. Sobre isto Ireneu diz-nos:

«Nós guardamos fielmente, com cuidado, pela ação do Espírito de Deus, esta fé que recebemos da Igreja como depósito de grande valor em vaso precioso, que se renova e renova o próprio vaso que a contém. Este dom de Deus foi confiado à Igreja, como o sopro de vida inspirada na obra modelada, para que sejam vivificados todos os membros que o receberam. É nela também que foi depositada a comunhão com Cristo, isto é, o Espírito Santo, penhor de incorrupção, confirmação da nossa fé e escada para subir a Deus»³¹⁸.

A Igreja é também caminho da verdade. O que a Igreja recebeu dos Apóstolos comunica aos seus filhos, ela, casa única da verdade³¹⁹, também tem a missão de docência, ensina o caminho da verdade. Ireneu, enquanto pastor da Igreja, também tem a preocupação de ensinar os fiéis a protegerem-se das heresias, isto é, da “falsa gnose”. O ensinamento da Igreja servirá de antídoto contra as heresias³²⁰. Os hereges trilham caminhos divergentes, por isso, eles perdem o rasto da “verdadeira gnose”, isto é, perdem o

³¹⁶ Cf. ANTONIO ORBE, *Teologia de San Ireneo: comentario al libro IV del Adversus haereses*, I, 376.

³¹⁷ Cf. ANTONIO ORBE, *Teologia de San Ireneo: comentario al libro IV del Adversus haereses*, I, 376.

³¹⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 24,1: «Quam perceptam ab Ecclesia custodimus, et quae Semper a Spiritu Dei quasi in vaso bono eximium quoddam depositum ivuenscens et ivuenscere faciens ipsum vaso in quo est. Hoc enim Ecclesiae creditum est Dei munus, quemadmodum aspiratio plasmationi, ad hoc ut omnia membra percipientia vivificentur; et in eo deposita est communicatio Christi, id est Spiritus sanctus, arrha incorruptelae et confirmatio fidei nostrae et scala ascensionis ad Deum» (SC 264, 470-472).

³¹⁹ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 10,2: «Hanc praedicationem cum acceperit et hanc fidem, quemadmodum praediximus, Ecclesia, et quidem in univsum mundum disseminata, diligenter custodit quasi unam domum inhabitans, et similiter credit his videlicet quasi unam animam habens et unum cor, et consonanter haec praedicat et docet et tradit quasi unum possidens» (SC 264, 158).

³²⁰ IRENEU, *Adversus haereses*, III, Pr.: «Memento igitur eorum quae diximus in prioribus duobus libris, et haec illis adiunges, plenissiman habebis a nobis adversus omnes haereticos contradictionem, et fiducialiter ac instantissime resistes eis pro sola vera et vivifica fide, quam ab apostolis Ecclesia percepit et distribuit filiis suis» (SC 211, 18).

rasto da estabilidade e da coerência. Mas, já os que ficam na Igreja, guardiã do “tesouro apostólico”, percorrem o mundo inteiro e não se desviam da verdade, porque a Igreja recebeu dos Apóstolos uma Tradição firme em que todos professam uma só fé. Todos professam um único e mesmo Pai, crêem na mesma ordem salvífica da encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus, também conhecem uma única e mesma doação do Espírito. Também há uma única esperança, todos esperam a mesma vinda do Senhor e guardam a mesma salvação para todos os homens³²¹.

A Igreja é também instrumento da verdade, isto é, ela é instrumento do Deus Uno e Trino. A Igreja com a sua voz comunica «a única fé verdadeira e vivificante»³²², aquilo que ela recebeu da revelação de Cristo através dos Apóstolos³²³. A Igreja para além de transmitir a fé vivificante, também mantém a mesma intacta³²⁴.

A Igreja é lugar da verdade e as provas da verdade são tão fortes, que não é necessário ir à procura da verdade moutros caminhos. A verdade revelada por Jesus Cristo, o Verbo de Deus, é uma verdade com implicações soteriológicas: através dos Apóstolos, a Igreja traz até nós³²⁵ «tudo o que pertence à verdade, a fim de que cada um que o deseje, encontre aí bebida eterna. É ela, definitivamente, o caminho de acesso à vida e todos os outros são assaltantes e ladrões que é necessário evitar»³²⁶.

³²¹ Cf. HANS URS VON BALTHASAR, *Gloria*, 87.

³²² IRENEU, *Adversus haereses*, III, Pr.: «sola vera et vivifica fide» (SC 211, 18).

³²³ Cf. ISIDRO LAMELAS, “*A Igreja apostólica como fundamento. Mito de origem?*”, 305.

³²⁴ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 3,3: «Et est plenissima haec ostensio, unam et eandem vivificatricem fidem esse quae in Ecclesia ab apostolis usque nunc sit conservata et tradita in veritate» (SC 211, 38).

³²⁵ IRENEU, *Adversus haereses*, III, 4,1: «Tantae igitur ostensiones cum sint, non oportet adhuc quaerere apud alios veritatem quam facile est ab Ecclesia sumere, cum apostoli quasi in depositarium dives plenissime in eam contulerint» (SC 211, 44).

³²⁶ IRENEU, *Adversus haereses* III, 4,1: «omnia quae sint veritatis, uti omnis quicumque velit sumat ex ea potum vitae. Haec est enim vitae introitus; omnes autem reliqui fures sunt et latrones» (SC 211, 44).

É próprio dos seguidores do gnosticismo estarem divididos entre si e Ireneu parafraseando Jesus Cristo, diz-nos³²⁷: «Todo o reino, dividido contra si mesmo, fica devastado; e toda a cidade ou casa, dividida contra si mesma, não poderá subsistir» (Mt 12,25)³²⁸. Neste axioma evangélico, ele afirma a vitória da “Grande Igreja” face à “falsa gnose”.

³²⁷ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 26,1: «Manifestum est itaque quoniam ex his tres interficiet ille qui venturus est, et reliqui subjicientur ei, et ipse octavus in eis; et dabunt regnum suum bestiae et effugabunt Ecclesiam; post deinde ab adventu Domini nostri destruentur» (SC 153, 326).

³²⁸ IRENEU, *Adversus haereses*, V, 20,1: «Omne regnum divisum in se desolabitur, et omnis civitas vel domus divisa in se non stabil» (SC 153, 326).

CONCLUSÃO

Hoje voltamos a viver uma idade de sincretismo gnóstico e relativismo teológico, em que a verdade anunciada pela Igreja Católica tende a ser preterida em proveito de outras leituras gnósticas do cristianismo sem Tradição e nem “Regra da fé”. Vivemos num mundo onde o absoluto é relativizado e, em contrapartida, o que é relativo é tido como o absoluto. O relativismo é alimentado pela especulação excessiva sobre a verdade e o homem abandona Deus, porque se sente capaz de alcançar a verdade à margem do que é divino. Cada um vai em busca da sua verdade ignorando os valores predefinidos. Como resultado, assistimos a uma onda crescente de desacreditação do Cristianismo na sua dimensão eclesial e histórica, para dar lugar a um cristianismo sem Igreja nem Credo.

Neste contexto, a teologia de Ireneu pode-nos ajudar a encontrar respostas a partir da própria revelação e Tradição cristãs. Na verdade, não há fé credível sem a afirmação da dimensão histórica da Encarnação e da sua continuidade através da sucessão dos testemunhos credíveis ao longo dos tempos.

Como pudemos constatar, pela análise que fizemos no primeiro capítulo, os dados sobre o enquadramento histórico-religioso são fundamentais para compreender o bispo de Lião. Neste período controverso da afirmação da “Grande Igreja”, o bispo de Lião dá o seu majestoso contributo em defesa do “tesouro apostólico”, focando o seu zelo de pastor, na refutação constante da “falsa gnose”. Ele enfrentou o gnosticismo cristão, uma das expressões mais complexas deste confronto que constituiu o grande desafio para os pensadores da época. Por isso a sua obra, sobretudo o *Adv. haer.*, insere-se na defesa da “Grande Igreja”.

No segundo capítulo percebemos a profundidade com que Ireneu estudou os heréticos. De tal modo que os dois primeiros livros desta obra são dedicados ao conhecimento e ao aprofundamento do gnosticismo cristão. No entender do bispo de Lião, é necessário estabelecer fundamentos sólidos para enfrentar os erros gnósticos. Para ele, os gnósticos estão sobre um método deficiente. Eles têm falta de rigor metodológico no uso das fontes, no desenvolvimento dos seus argumentos e das suas conclusões. Neste capítulo aprendemos que é preciso conhecer o outro ou os outros (heréticos) para que possamos ter um diálogo bem entroncado, sobretudo no diálogo inter-religioso e inter-cultural. Evidenciando o erro e as motivações do mesmo, torna-se mais fácil combatê-lo.

Neste último capítulo, percebemos de onde vem a autoridade da verdade do cristianismo, isto é, a credibilidade do mesmo. A “falsa gnose” é apresentada como o oposto da “Grande Igreja”, visto que a mesma não é credível. Já a “Grande Igreja” é digna de crédito porque ela é o garante da verdade revelada em Cristo. A Igreja Católica, enquanto Igreja fundada por Cristo e desenvolvida através dos Apóstolos, dá continuidade à “verdadeira gnose”. Buscar a verdade fora da realidade do cristianismo, ou excluindo o que nos é dado em Cristo, é marginalizar a própria verdade que nos ultrapassa.

Ao terminarmos este trabalho, verificamos que temos muito que aprender com Ireneu, sobretudo com a sua metodologia que mantém a sua actualidade. E, por isso, continua também a ser oportuno visitar e propor as grandes figuras da tradição cristã. Para uma verdadeira evangelização, é fundamental conhecer o outro e a sua circunstância, isto é, o destinatário da nossa acção pastoral. Assim, Ireneu, mesmo em contexto adverso, respondia pelas razões da sua fé à verdade revelada, de que a Igreja é portadora, enquanto lugar de verdade, chamando os heréticos à verdade do Evangelho. Não há que ter medo da verdade e muito menos da “verdadeira gnose”. Temos é que buscar sempre a verdade, porque ela sempre foi e sempre será uma ânsia do homem.

Neste ponto do nosso trabalho de dissertação desfrutamos de um sentimento de satisfação por tudo aquilo que aprendemos, estudámos e relembámos. Foi muito pertinente trabalharmos este tema tendo como fonte principal o *Adv. haer.* de Ireneu, obra muito importante na Tradição da Igreja, apesar das limitações que se podem constatar ao longo do nosso estudo e que apenas enunciámos: não poder trabalhar o texto na língua original, não dominar o contexto histórico, não dispor de tempo e de uma bibliografia suficiente para maior aprofundamento. Por outro lado, tivemos a oportunidade de estudar um autor que nos dá mais horizontes com o seu método. Sendo assim, sentimo-nos com melhor preparação para vivermos e guardarmos a “verdadeira gnose”.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes:

Bíblia Sagrada, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2000.

Bíblia SAGRADA EM CD-ROM. Fatima/Lisboa/Baixa da Banheira: Difusora Bíblica/Direxis – Soluções Inteligentes, s.d.

EUSÉBIO DE CESAREIA, *História Ecclesiastica*, I-II, BAC, Madrid, 1973.

IRÉNÈE DE LYON, *Contre les hérésies*, I-II, Souces Chrétiennes 264, Paris, Les Éditions du Cerf, 1979.

IRÉNÈE DE LYON, *Contre les hérésies*, II-II, Souces Chrétiennes 294, Paris, Les Éditions du Cerf, 1982.

IRÉNÈE DE LYON, *Contre les hérésies*, III-II, Souces Chrétiennes 211, Paris, Les Éditions du Cerf, 2002.

IRÉNÈE DE LYON, *Contre les hérésies*, IV-II, Souces Chrétiennes 100, Paris, Les Éditions du Cerf, 1965.

IRÉNÈE DE LYON, *Contre les hérésies*, V-II, Souces Chrétiennes 153, Paris, Les Éditions du Cerf, 1969.

IRENEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, Paulus, São Paulo, 1995.

ROMERO-POSE, EUGENIO, *Ireneu de Lión, Demostración de la predicación apostólica*, II, Ciudad Nueva, Madrid, 2002.

2. Instrumentos:

ALTANER, BERTHOLD – STUIBER, ALFRED, *Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

DI BERARDINO, A., *Diccionario Patristico y de la Antiguidad Cristiana*, I-II, Sigueme, Salamanca, 1991.

TALAVERA, PEDRO A., *La Metodología Teológica de Ireneo de Lyon*, Albada, Barcelona, 1997.

TREVIJANO, R., *Patrologia*, BAC, Madrid, 2001.

VICIANO, ALBERT, *Patrología*, EDICEP C.B., Valência, 2001.

VIDAL, CÉSAR MANZANARES, *Diccionario de Patristica*, Verbo Divino, Estella, 1993.

3. Estudos:

ALAND, B., “Marcion, Marcionismo”, in DPAC, II, 1354-1355.

BALTHASAR, HANS URS VON, *Gloria: Una Estética Teologica*, II, Encuentro Ediciones, Madrid, 1998.

BAUMGARTNER, MIREILLE, *A Igreja no ocidente: das origens às reformas no século XVI*, Edições 70, Lisboa, 2001.

BENÔIT, A., *Sanit Irénée: Introduction a l'étude de sa théologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1960.

BRAKKE, DAVID, *Los Gnósticos*, Sígueme, Salamanca, 2013.

BREKELMANS, A., “*Confesiones de fe en la antigua iglesia: origen y función*”, in *Concilium* 51 (1970) 32-41.

COURTH, FRANZ, *Dios, Amor Trinitario*, EDICEP C.B., Valência, 1994.

FANTINO, JACQUES, *La Théologie d’Irénée: Lecture des Écritures en réponse à l’exégèse gnostique Une approche trinitaire*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1969.

FORTES, ILDO, *O Espírito Santo e a Igreja em Santo Ireneu*, Dissertação de Licenciatura Canónica (2º grau), Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2001.

GALLI, A. – GRANDI, D., *História da Igreja*, Edições Paulinas, Lisboa, 1964².

GIANOTTO, C., “Marcos”, in DPAC, II, 1357.

GIANOTTO, C., “Valentin Gnostico”, in DPAC, II, 2173-2174.

GÓMEZ, J., *Historia de la Iglesia: Edad Antigua*, I, BAC, Madrid, 2001.

GONZÁLEZ FAUS, JOSÉ, *Carne de Dios: significado salvador de la Encarnación en la teología de san Ireneo*, Editorial Herder, Barcelona, 1969.

GROSSI, V., “Regula Fidei”, in DPAC, II, 1880-1881.

HAMMAN, A., *Os Padres da Igreja*, Edições Paulinas, São Paulo, 1985².

JEDIN, HUBERT, *Manual de Historia de la Iglesia*, I, Editorial Herder, Barcelona, 1966.

- JOSSA, GIORGIO, *Regno di Dio e Chiesa*, II, *Historia Salutis* 7, M. D' Auria, Napoli, 1970.
- KLIJN, F. J., “Cerinto”, in DPAC, I, 409-410.
- KLIJN, F. J., “Ebionitas”, in DPAC, I, 651.
- LAMELAS, ISIDRO, “*A Igreja apostólica como fundamento. Mito de origem?*”, in *Communio* 4 (2011) 391-406.
- LAMELAS, ISIDRO, *Sim, Creemos: o Credo comentado pelos Padres da Igreja*, Univercidade Católica Editora, Lisboa, 2013.
- LEBRETON, J. – ZEILLER, JACQUES, *Histoire de L'Église*, Blound e Gay, Paris, 1941.
- LLORCA, BERNARDINO, *Manual de História Eclesiástica*, I, Edições ASA, Porto, 1960.
- MEAD, G.R.S., *Simon Magus The Gnostic Magician*, Holmes Publishing Group, Whoshington, 2001.
- MONACI, A., “Basíledes”, in DPAC, I, 295-296.
- MONACI, A., “Carismas”, in DPAC, I, 361-362.
- MONACI, A., “Carpocrates”, in DPAC, I, 366.
- MONACI, A., “Saturnino”, in DPAC, II, 1961-1962.
- ORBE, ANTONIO, “*Deus facit, homo fit*”, in *Gregorianum* 69, 4 (1988) 629-661.

- ORBE, ANTONIO, “*El Dios revelado por Hijo: análisis de Ireneo, Adv. haer. IV,6*”, in *Agustiniana* 32 (1992) 5-50.
- ORBE, ANTONIO “*En torno a los Ebionitas: Ireneo, Adversus haereses IV, 33, 4*”, in *Augustinianum* 33 (1993) 315-337.
- ORBE, ANTONIO “*Cinco exegesis ireneanas de Gen 2,17^b adv. haer. V, 23, 1-2*”, in *Gregorianum* 62 (1981) 75-113.
- ORBE, ANTONIO, *Hacia la primera teología de la procesión del verbo: Estudios valentinianos*, I/1, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1958.
- ORBE, ANTONIO, “Ireneo de Lyon”, in DPAC, I, 1098-1104.
- ORBE, ANTONIO, *Cristología Gnóstica: Introducción a la soteriología de siglos II y III*, BAC, Madrid, 1976.
- ORBE, ANTONIO, *Espiritualidade de San Ireneo*, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1989.
- ORBE, ANTONIO, *Estudios sobre a la Teología Cristiana Primitiva*, Ciudad Nueva-Pontificia Università Gregoriana, Madrid-Roma, 1994.
- ORBE, ANTONIO, *La unción del verbo: Estudios Valentinianos*, III, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1961.
- ORBE, ANTONIO, *Los primeiros herejes ante la persecucion: Estudos valentinianos*, V, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1956.
- ORBE, ANTONIO, *Parabolas Evangelicas en San Ireneo*, I, BAC, Madrid, 1972.

ORBE, ANTONIO, *Teología de San Ireneo: comentario al libro IV del Adversus haereses*, I, BAC, Madrid, 1996.

ORBE, ANTONIO, *Teología de San Ireneo: comentario al libro V del Adversus haereses*, II, BAC, Madrid, 1987.

ORBE, ANTONIO, *Teología de San Ireneo: comentario al Libro V del Adversus haereses*, I, BAC, Madrid, 1985.

ORBRE, ANTONIO, *Introducción a la Teología de los siglos II y III*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1988.

PERETTO, E., “Simon Mago-Simonianos”, in DPAC, II, 2009.

PÉTREMENT, SIMONE, *Le Dieu Séparé: les origines du gnosticisme*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1984.

RENAN, E., *Histoire des Origines du Christianisme*, Robert Laffont – Le Club Français du Livre, Paris, 1970.

TREVIJANO, R., “Apostolicidad”, in DPAC, I, 183-184.